

**SILVIA CRISTINA SANTANA ZANATTA**

**COMUNIDADE RIBEIRINHA BARRA DE SÃO LOURENÇO:  
UM ESTUDO HEURÍSTICO SOBRE DESENVOLVIMENTO  
LOCAL COMO PROJETO ENDÓGENO E COMUNITÁRIO**

**BOLSISTA - CAPES**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL  
MESTRADO ACADÊMICO  
CAMPO GRANDE - MS  
2011**

**SILVIA CRISTINA SANTANA ZANATTA**

**COMUNIDADE RIBEIRINHA BARRA DE SÃO LOURENÇO:  
UM ESTUDO HEURÍSTICO SOBRE DESENVOLVIMENTO  
LOCAL COMO PROJETO ENDÓGENO E COMUNITÁRIO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob a orientação do Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel.

**BOLSISTA - CAPES**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL  
MESTRADO ACADÊMICO  
CAMPO GRANDE - MS  
2011**

### Ficha catalográfica

Zanatta, Silvia Cristina Santana  
Z27c Comunidade ribeirinha Barra de São Lourenço: um estudo heurístico  
sobre desenvolvimento local como projeto endógeno e comunitário /  
Silvia Cristina Santana Zanatta; orientação Josemar de Campos Maciel.  
2010

161 f. + anexos

Dissertação (mestrado em desenvolvimento local) - Universidade  
Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2010.

1. Desenvolvimento local 2. Vida ribeirinha - Barra de São Lourenço,  
MS 3 Comunidade I.. Maciel, Josemar de Campos II. Título

CDD - 307.72098171

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Título:** Comunidade Ribeirinha Barra de São Lourenço: um estudo heurístico sobre desenvolvimento local como projeto endógeno e comunitário

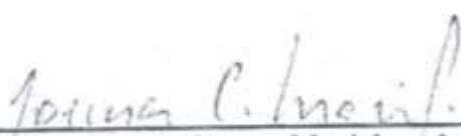
**Área de concentração:** Desenvolvimento local em contexto de territorialidades.

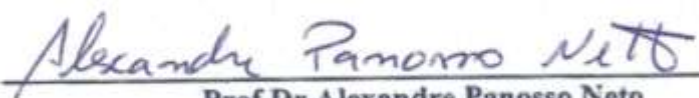
**Linha de pesquisa:** Desenvolvimento local, cultura, identidade, diversidade.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico - Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

**Dissertação aprovada em:** 28 / 02 / 2011

### BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof Dr Josemar de Campo Maciel - orientador  
Universidade Católica Dom Bosco

  
\_\_\_\_\_  
Prof Dr Alexandre Panosso Neto  
Universidade de São Paulo

\_\_\_\_\_  
Profª Drª Cleonice Alexandre Le Bourlegat  
Universidade Católica Dom Bosco

Dedico este trabalho ao meu grande e eterno amor, Jacir Zanatta, por nunca me deixar desistir.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer a todos que ajudaram a construir esta dissertação não é tarefa fácil. O maior perigo que se coloca para o agradecimento seletivo não é decidir quem incluir, mas decidir quem não mencionar. Então, aos meus amigos que, de uma forma ou de outra, contribuíram com sua amizade e com sugestões efetivas para a realização deste trabalho, gostaria de expressar minha profunda gratidão.

E, se devo ser seletiva, então é melhor começar do início. Meu maior agradecimento é dirigido a minha mãe, por ter sido o contínuo apoio em todos esses anos, ensinando-me, principalmente, a importância da construção e coerência de meus próprios valores.

Ao meu marido, Jacir Zanatta, pelo apoio incondicional, pelo carinho e dedicação que teve por mim durante esse período e pela presença constante, fazendo-me entender a importância dos estudos e de se adquirir conhecimento.

Agradeço ao meu orientador, Josemar Campos de Maciel, pela paciência e disposição em me ajudar nessa jornada. Sem suas ideias mirabolantes, nada disso seria possível.

Meus agradecimentos se dirigem também a banca examinadora deste trabalho, em especial ao eterno amigo e mentor, Eron Brum, que desde a graduação vem acompanhando meus passos na academia. Foi com a ajuda dele que aprendi a arte de pensar o trabalho acadêmico com rigor e disciplina.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local, que compartilharam comigo e com todos meus colegas de sala suas experiências e seu conhecimento.

Minha gratidão estende-se à ONG Ecoa - Ecologia e Ação, por ter me acolhido e me ajudado na execução deste trabalho. Em especial ao Alcides Faria, André Siqueira, Patrícia Zerlotti, Jean Fernandes, e Luis Augusto Akasaki.

Para finalizar, não poderia deixar de registrar aqui meu reconhecimento a todos os moradores da comunidade ribeirinha Barra de São Lourenço, que, com certeza, me ensinaram a ser uma pessoa muito melhor.

*Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é expressão segunda.*

Maurice Merleau-Ponty  
(1908-1961)

## **RESUMO**

O presente trabalho nasce da inquietação acerca das singularidades que tecem a vivência do território como constituição de um local. Está contextualizado a partir do projeto de pesquisa sobre Comunidades e Desenvolvimento Local. Seu objetivo é explorar aspectos do vivido territorial da comunidade da Barra do São Lourenço, no Pantanal sul-mato-grossense, mais especificamente na “região” da Serra do Amolar. Está dividido em quatro grandes partes. Em um primeiro momento explicitam-se as questões metodológicas que inspiraram a construção dos dados ao longo do encontro com as pessoas que participaram da pesquisa - etnográfica e heurística. Em segundo lugar, o território que foi palco do trabalho, seguido pela terceira parte onde os dados que pareceram mais relevantes são trazidos ao leitor de forma descritiva, tentando aproveitar a singularidade dos eventos e narrativas como foram acontecendo. Em um quarto momento do trabalho, tecem-se breves considerações teóricas para entender traços da negociação de uma comunidade com o seu território.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desenvolvimento Local. Comunidade. Comunitarização. Vivido territorial. Pesquisa heurística.



## **ABSTRACT**

This paper stems from the restlessness concerning the singularities the weave the territory's experience as the constitution of a place. It is contextualized based on the research project about Communities and Local Development. Its objective is to explore aspects of the territorial experience of the community of Barra do São Lourenço in the Pantanal Wetlands of Mato Grosso do Sul, more specifically in the Serra do Amolar "region". It is divided into four large parts. First, it explains the methodological issues that inspired the construction of data throughout the encounter with those people who participated in the study - ethnographic and heuristic. Second, the territory that was the scene of labor, followed by the third part where the data that seem most relevant are brought to the reader in descriptive form, trying to take advantage of the singularity of events and narratives as they occurred. In a third moment of the study, brief theoretical considerations are made to understand traces of the negotiation of a community with its territory.

**KEY WORDS:** Local Development. Community. Communization. Territorial experience. Heuristic research.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista aérea do Pantanal sul-mato-grossense .....	29
Figura 2 - Mapa do Brasil posicionando o Estado de Mato Grosso do Sul.....	30
Figura 3 - Mapa de Mato Grosso do Sul e o posicionamento do Pantanal Sul-mato-grossense.....	30
Figura 4 - Posicionamento da comunidade ribeirinha da Barra de São Lourenço no rio Paraguai .....	31
Figura 5 - Formação rochosa que dá nome à região.....	32
Figura 6 - Jacaré - animal símbolo do Pantanal .....	33
Figura 7 - Local utilizado pela comunidade para a realização de reuniões .....	36
Figura 8 - Típica mulher pantaneira em suas funções diárias .....	37
Figura 9 - Local onde foi construída a primeira casa de Leonora Aires, em 1996 .....	38
Figura 10 - Atual casa da Leonora Aires.....	39
Figura 11 - Antiga morada dos ribeirinhos, chamada por eles carinhosamente de Flor da Serra.....	39
Figura 12 - Ilha ocupada atualmente pela comunidade Barra de São Lourenço .....	40
Figura 13 - Estilo de casa construída pelos ribeiris na comunidade Barra de São Lourenço .....	41
Figura 14 - Pé de bacuri ( <i>Scheelea phalerata</i> ) .....	41
Figura 15 - Ribeirinho saindo para a coleta diária de iscas .....	42
Figura 16 - Tuvira: uma das principais iscas vivas coletadas pelos moradores da Barra .....	43
Figura 17 - O peixe é a principal fonte de subsistência na comunidade .....	44
Figura 18 - Cidade de Corumbá - Mato Grosso do Sul.....	48
Figura 19 - Patrícia Zerlotti e Durvalino arrumando a bagagem no barco.....	48
Figura 20 - Típica chalana que transporta boi no Pantanal .....	49
Figura 21 - Paisagem da Serra do Amolar.....	49

Figura 22 - Núcleo de apoio da Ecoa da Serra do Amolar .....	50
Figura 23 - Escola Municipal da comunidade Barra de São Lourenço .....	51
Figura 24 - As casas traduzem a simplicidade de quem mora na Barra de São Lourenço....	52
Figura 25 - A falta de espaço é uma das características das casas na região .....	52
Figura 26 - Casal de tuiuiús descansa no quintal de uma das casas da comunidade da Barra .....	54
Figura 27 - Leonora durante entrevista .....	55
Figura 28 - Entreposto para acondicionamento de iscas vivas.....	61
Figura 29 - Quarto da Escola Municipal da Comunidade que serviu de abrigo.....	62
Figura 30 - Imagem de São Pedro, o homenageado da festa.....	63
Figura 31 - Armando, responsável pela festa no Pantanal contando seus causos .....	63
Figura 32 - Churrasco preparado no buraco .....	65
Figura 33 - Pantaneiros responsáveis pela animação da festa.....	65
Figura 34 - Com violão e sanfona o arrasta pé foi animado durante todo o período da festa de São Pedro.....	66
Figura 35 - Cabeça de boi assada (“O resto do boi”) .....	66
Figura 36 - Barco da Marinha encarregado de prestar assistência médica à população da comunidade.....	69
Figura 37 - Equipe da Marinha, durante os atendimentos e ministrando os mini-cursos oferecidos para as pessoas da comunidade .....	69
Figura 38 - Joana pausa para foto depois de contar sua história .....	71
Figura 39 - Amarelinho, cachorro de Zeferina atacado pela onça .....	79
Figura 40 - Amarelinho medicado após o ataque da onça.....	79
Figura 41 - Com medo da onça, Erotildes leva o pai e mãe junto para o interior da casa ....	82
Figura 42 - Equipe da Ecoa que constantemente desenvolve os trabalhos na Comunidade Barra de São Lourenço .....	86
Figura 43 - A existência de um cemitério nas proximidades chamou a atenção.....	88
Figura 44 - Rádio - veículo de comunicação mais usado na comunidade local.....	89
Figura 45 - Moradores reunidos para escutar o programa Alô Pantanal .....	91
Figura 46 - Equipamentos montados para o funcionamento da rádio escola .....	92
Figura 47 - Alunos participando da gravação do primeiro programa da rádio escola .....	93
Figura 48 - Chalana - embarcação típica do Pantanal .....	95
Figura 49 - Embarcação de luxo usada pelo segmento turístico da região .....	96

Figura 50 - Todos ajudam a embrulhar os presentes para o Natal .....	99
Figura 51 - Vista parcial do PARNA - local onde o Natal foi festejado .....	100
Figura 52 - Templo da igreja Assembleia de Deus .....	101
Figura 53 - Pastora da igreja fazendo agradecimento pela festa do Natal.....	102
Figura 54 - Árvore de Natal montada no PARNA .....	104
Figura 55 - Crianças na expectativa de ver o Papai Noel.....	105
Figura 56 - Papai Noel chega de barco, alegria o dia da comunidade e garante os presentes das crianças.....	105
Figura 57 - Todas as crianças e alguns adultos posam para uma foto antes do início da festa de Natal .....	106

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
1.1 ABORDAGEM QUALITATIVA.....	16
1.2 QUESTÃO ETNOGRÁFICA.....	17
1.3 PESQUISA HEURÍSTICA.....	19
<b>1.3.1 Os componentes de uma pesquisa heurística.....</b>	<b>22</b>
1.4 NARRATIVAS .....	26
<b>2 APRESENTAÇÃO DO TERRITÓRIA DA PESQUISA.....</b>	<b>29</b>
2.1 RIO PARAGUAI .....	34
2.2 COMUNIDADE BARRA DO SÃO LOURENÇO .....	36
<b>3 SÍNTESE CRIATIVA .....</b>	<b>46</b>
3.1 AO ENCONTRO DE LEONOR, A MULHER QUE INVENTA LAGARTOS..	47
3.2 AS FALAS DO MENINO JEAN .....	60
3.3 A LÓGICA DAS ONÇAS .....	94
3.4 A COMUNICAÇÃO E O HUMANO EXPANDIDO .....	104
<b>4 REFLEXÕES TEÓRICAS .....</b>	<b>108</b>
4.1 SIGNIFICADO DE COMUNIDADE.....	110
4.2 A QUESTÃO CULTURAL.....	114
4.3 PENSANDO O DESENVOLVIMENTO .....	116
4.4 AS NEGOCIAÇÕES ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO .....	118
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>126</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>131</b>

## INTRODUÇÃO

O Desenvolvimento Local começou como prática de compensação de desigualdades de desenvolvimento, seguiu como autocrítica e redimensionamento das disciplinas de estudo da sociedade para ampliar o espaço das humanidades, da sociologia e da geografia para além da economia e, finalmente, começa a dialogar com saberes particulares para afirmar, solenemente, que não sabe o que é desenvolvimento, nem o que é o local. Mas com uma ressalva, não sabe, não porque não tenha respostas, mas porque elas não se aplicam.

Daí nasce a ideia do presente trabalho, uma investigação fundamentada em construções e reconstruções através da experiência humana, ou seja, do campo empírico, que é um campo discursivo, formado no entrelugar que se abre entre a escuta não neutra da pesquisadora/acadêmica e a fala subalterna dos pesquisadores/primeiros interessados. O trabalho entende-se como a recuperação de dados importantes, mas cotidianos, em sua limitação e insuficiência, dados que se referem diretamente ao sistema de viver e de sentir um território, uma organização social e uma trajetória coletiva. Isso põe as questões fundamentais desta introdução.

Aqui se entende o campo de pesquisa como um fenômeno intrincado, produzido num encontro entre dois pontos de comunicação. Um é a tentativa de recuperação por escrito da fala dos sujeitos, as nuances de uma comunidade ribeirinha isolada geograficamente, que enfrenta diversas dificuldades para se manter erguida, dificuldades estas que vão deste a falta de comida até a inconstância das águas pantaneiras.

O segundo é uma escuta não neutra. Não é a terceira pessoa impessoal que se pretende igualar à ciência, como se confirmar uma hipótese fosse produzir algo que seja novo; nem é a voz majestática que disfarça numa genérica primeira pessoa do plural, como se falasse em nome de uma equipe de pesquisadores que validariam a observação ou confeririam a ela algo mais de valor. É do meu olhar que se trata, e de um olhar não neutro. E, quando afirmo de um olhar não neutro, é porque, durante o desenvolvimento deste trabalho e durante as tantas viagens que fiz até a comunidade, em momento algum observei os sujeitos sem

colocar em paralelo minha experiência de vida. Sendo assim, em vários momentos, explicitarei meus pontos de vista e defendi algumas posturas, como o leitor poderá ver.

É certo assinalar que o meu olhar foi conduzido pelas pessoas a quem eu observava, mas, ao mesmo tempo, com as quais estava em uma relação empática, interessada, parcial. Espero apenas não ter deformado com o meu olhar essas pessoas, nem sido acrítica de seus defeitos. Mas mostrá-los não é o escopo deste trabalho.

Sendo assim, a pesquisa segue com um objetivo central que consiste em defesa da escuta do campo e importância dela para o estudo do Desenvolvimento Local. Essa comunidade tem tudo para não ser um clássico objeto de estudo em Desenvolvimento Local. Não possui empreendedores de sucesso, não é destinatária de programas governamentais de vulto, no sentido do incremento de índices de emprego e renda, mesmo porque o emprego ali é uma noção discutível. Trata-se de uma comunidade que a pesquisa pretende ouvir e mostrar, em sua diferença.

O trabalho, como um exercício de escuta qualificada, ou seja, como trabalho qualitativo, conforme comentei anteriormente, tem duas balizas em sua estrutura metodológica. Em primeiro lugar, trata-se de um trabalho etnográfico. Por etnográfico entende-se, nestas páginas, a escrita da diferença, ou seja, mediante um processo de envolvimento com o outro, a criação de um campo de trabalho que se constrói como texto. Ainda, a pesquisa é heurística, nos termos de Moustakas (1990, 1995), mas modificados a partir de uma primeira expansão para o campo do social. Isso significa que aqui a pesquisadora é entendida como uma ferramenta hermenêutica em sentido pleno, e que todo o trabalho nasce do interior da sua visão e da sua leitura do campo.

É um trabalho que se movimenta no recorte da visão, da imaginação, da fala e da escuta, ou seja, no vão de relações humanas. Por outro lado, é um trabalho construído com rigor e montado ao redor de categorias que são originárias da escuta do território, como se vê na estruturação dos capítulos. O trabalho foi formatado em 4 capítulos: Metodologia, Apresentação do Território da Pesquisa, Síntese Criativa e Discussão Teórica. Assim, em detalhes, é o que segue. No capítulo 1, ofereço uma discussão da metodologia utilizada que, como se percebe, não é comum nas pesquisas em Desenvolvimento Local. Espero ter focalizado suficientemente o fato que o olhar estritamente qualitativo aqui desenvolvido pode, deve ser complementado por outros olhares que já não são o meu, mas nem por isso o contradizem.

No capítulo 2, faço uma breve apresentação do território onde a pesquisa foi desenvolvida. A ideia aqui é conduzir mais facilmente o leitor até a realidade da comunidade

alvo das observações. O texto foi construído respeitando a ordem do macro para o micro, a explanação começa abordando o Pantanal como um todo para só então chegar até a comunidade da Barra de São Lourenço.

Já o capítulo 3 é tido como o coração do trabalho, já que nele, por meio de narrativas, busquei retratar a realidade da comunidade da Barra de São Lourenço e evidenciei a experiência vivida no local.

Finalizando a dissertação, vem o capítulo 4, que apresenta uma discussão teórica sobre assuntos relevantes para o estudo do Desenvolvimento Local e que mais se sobressaíram durante a elaboração das narrativas do capítulo 3.

Sendo assim, com este exercício de escrita, pretendo, mais que qualquer outra coisa, como mesmo diz Manoel de Barros (2010, p. 343), “fazer o nada aparecer”.



# 1 METODOLOGIA

A escolha do método utilizado, antes de ser uma regra para o desenvolvimento de uma pesquisa, é o guia utilizado pelo pesquisador deseja alcançar com primor seus objetivos e concluir sua pesquisa sem maiores contratempos. Dentro dessa perspectiva, um dos pensadores que mais contribuíram para a sistematização do que vem a ser método foi René Descartes (1596-1650), sinalizando em sua obra (1978, p. 40), que o método possui quatro regras básicas, que são:

[...] jamais aceitar como verdadeira coisa alguma que eu não conhecesse à evidência como tal, quer dizer, em evitar, cuidadosamente, a precipitação e a prevenção, incluindo apenas nos meus juízos aquilo que se mostrasse de modo tão claro e distinto a meu espírito que não subsistisse dúvida alguma. O segundo consistia em dividir cada dificuldade a ser examinada em tantas partes quanto possível e necessário para resolvê-la. O terceiro, por ordem em meus pensamentos, começando pelos assuntos mais simples e mais fáceis de serem conhecidos, para atingir, paulatinamente, gradativamente, o conhecimento dos mais complexos, e supondo ainda uma ordem entre os que não se precedem normalmente uns aos outros. E o último, fazer, para cada caso, enumerações tão exatas e revisões tão gerais que estivesse certo de não ter esquecido nada.

Mais do que ajudar a clarear as ideias, o método serve como mapa a indicar os caminhos que temos que percorrer. Esta concepção de que o método é o caminho vem sendo muito bem aceita pela academia e por todos aqueles que desenvolvem pesquisas. Marques *et al.* (2006) compactua também desta ideia, mas defende que não existe um único método, uma vez que ele varia conforme o assunto e a finalidade. Porém é bom esclarecer que a escolha do método é muito importante no desenvolvimento de um trabalho, uma vez que o pesquisador, se não tiver cuidado, pode utilizar métodos não recomendados para chegar aos objetivos a que se propõe.

Levando em consideração os apontamentos acima, espero ter feito boas escolhas, pois este trabalho, para ser estruturado, teve como base metodológica a pesquisa qualitativa,

explorando as peculiaridades da pesquisa etnográfica e heurística. Esses assuntos que serão mais bem abordados nos textos que seguem.

## 1.1 ABORDAGEM QUALITATIVA

A abordagem qualitativa, em suma, é aquela em que os dados não são passíveis de ser mensurados matematicamente. Por isso, compreender a realidade por meio de uma abordagem qualitativa é percebê-la a partir da subjetividade dos sujeitos-objeto da investigação. Flick (2004) reforça esta ideia, argumentando que a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações da realidade social, bem diferente da quantitativa, que prioriza números e modelos estatísticos.

Ainda sobre esse aspecto, Turato (2003) ressalta que essa abordagem trabalha dentro de um campo complexo de paradigmas, exatamente por trabalhar com a subjetividade do indivíduo pesquisado. O autor argumenta, ainda, que a história dos métodos qualitativos é recente. Tem pouco mais de meio século e se mistura com as ciências do homem e, principalmente, com os trabalhos desenvolvidos pela Antropologia e pela Psicanálise, que surgem em contraponto às já estruturadas ciências da natureza.

O método qualitativo tem como uma das funções observar as mudanças que ocorrem nos sujeitos-objeto da pesquisa. Lüdke e André (1986) defendem que a pesquisa qualitativa tem o território como sua fonte direta dos dados, e o pesquisador é visto como principal instrumento.

Ainda de acordo com esses autores, a pesquisa qualitativa supõe contato direto do pesquisador com o sujeito-objeto da pesquisa e com a situação na qual a pesquisa está sendo desenvolvida. Por isso, ao se trabalhar com o método qualitativo, é importante estar atento às circunstâncias em que os objetos da pesquisa se inserem, uma vez que os dados coletados são predominantemente descritivos. Percebe-se, então, que o material da pesquisa qualitativa é rico na descrição de pessoas, situações e acontecimentos.

A pesquisa qualitativa possibilita trazer o que os participantes pensam a respeito daquilo que está sendo pesquisado, as suas percepções e representações, valorizando o que os sujeitos têm a dizer. Ao se evidenciar a percepção dos sujeitos, entra em cena o contato direto com o sujeito da pesquisa. Outro aspecto vital da pesquisa qualitativa localiza-se na conexão do sujeito na estrutura, interpretando suas vivências cotidianas.

Segundo Martinelli (1999, p. 11-12), existem alguns pressupostos que fundamentam a utilização das metodologias qualitativas de pesquisa:

- a) O reconhecimento da singularidade do sujeito: entendendo-se que o sujeito é singular, podemos reconhecer o caráter de singularidade de cada pesquisa, que deve fundamentar-se no favorecimento das condições para a sua revelação, expressa na oralidade e na contextualidade de sua existência;
- b) O reconhecimento da importância de se conhecer a experiência social do sujeito: as pesquisas qualitativas valorizam conhecer como se processa a experiência social dos sujeitos, superando as reduções pelas percepções apenas circunstanciais, evidenciando o necessário conhecimento do modo de vida, concreto, apreendido como o real vivido pelos sujeitos, apreendido pelas expressões sobre suas crenças, valores, sentimentos e ainda pela apropriação de suas próprias experiências vivenciadas cotidianamente;
- c) O reconhecimento de que conhecer o modo de vida do sujeito pressupõe o conhecimento de sua experiência social: o que, segundo Thompson (1995 apud Martinelli (1999, p. 24), significa “O viver histórico cotidiano do sujeito e a sua experiência social expressando a sua cultura [...]”.

Ainda segundo Martinelli (1999, p. 23):

É em direção a essa experiência social que as pesquisas qualitativas, que se valem da fonte oral, se encaminham, é na busca dos significados de vivências para os sujeitos que se concentram os esforços do pesquisador. Não se trata, portanto, de uma pesquisa com um grande número de sujeitos, pois é preciso aprofundar o conhecimento em relação àquele sujeito com o qual estamos dialogando.

À base de todas essas análises, pode-se reafirmar que o que toma importância, na pesquisa qualitativa, não é a quantidade de pessoas que irão prestar as informações, mas sim, o significado que os sujeitos têm, em razão do que se procura com a pesquisa.

## 1.2 QUESTÃO ETNOGRÁFICA

Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por finalidade o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades.

Segundo o dicionário de língua portuguesa o termo denota “[...] descrição da cultura, sem ocupar-se de comparação ou análise; ramo da antropologia que trata historicamente da origem e filiação de raças e culturas [...]” (MICHAELIS, 1998, p. 909).

Guiado preponderantemente pelo senso questionador do pesquisador, a etnografia não segue padrões austeros ou pré-estabelecidos, mas sim técnicas que o próprio pesquisador desenvolve a partir do trabalho de campo que se propõe a realizar. Essas técnicas, por vezes, precisam ser inovadores e pensadas de acordo com cada realidade estudada. Nessa perspectiva, pode-se atestar que o processo de pesquisa etnográfica é apontado direta ou indiretamente pelas questões propostas pelo pesquisador.

A etnografia como abordagem de investigação científica traz alguns aportes para o campo das pesquisas qualitativas que se preocupam com o estudo das desigualdades e supressões sociais: primeiro, por preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura, isto é, a cultura não é vista como um simples reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana; segundo, por introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica no processo modificador das estruturas sociais; e terceiro, por revelar as relações e interações ocorridas. Assim, o “sujeito”, historicamente fazedor da ação social, contribui para significar o universo pesquisado exigindo uma constante reflexão e reestruturação do processo de questionamento do pesquisador.

Conhecida também como pesquisa social, observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa analítica e pesquisa hermenêutica, a pesquisa etnográfica compreende o estudo pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos, seja por muitos elementos. Como exemplo disso, temos a comunidade da Barra de São Lourenço.

A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis do pensamento e comportamento humanos manifestos em sua rotina diária, mas isso não significa que a etnografia não esteja atenta aos fatos e eventos menos previsíveis. Diante do exposto, podemos atestar que etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, da sensibilidade, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do pesquisador.

Para Geertz (1989, p. 15), praticar etnografia não é somente “[...] estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, ou

fazer um diário [...]; a maior preocupação da etnografia é obter uma ‘descrição densa’, a mais completa possível, sobre o que um grupo particular de pessoas faz”.

Importante salientar aqui que, para o nível de percepção do pesquisador estar bastante apurado e a descrição mais densa possível, o envolvimento com o sujeito-objeto é primordial. Tanto que para a etnografia mais tradicional (GEERTZ, 1989; LÉVI-STRAUSS, 1964) quanto para a mais moderna (ERICKSON, 1992; MEHAN, 1992; SPINDLER, 1982; WILLIS, 1977; WOODS, 1986), a pesquisa elaborada nesses moldes envolve longos períodos de observação.

Mas precisamente, isso significa que o pesquisador deve mergulhar profundamente de um a dois anos na realidade observada. Esse período se faz necessário para que o pesquisador possa entender e validar o significado das ações dos participantes, de forma que este seja o mais representativo possível do significado que as próprias pessoas pesquisadas dariam à mesma ação, evento ou situação interpretada.

Numa pesquisa etnográfica, observamos os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de “revelar” o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação.

### 1.3 PESQUISA HEURÍSTICA

A pesquisa heurística é um método de pesquisa intimamente ligado à vida, em que novas descobertas são feitas a todo instante. Necessariamente o objetivo não é alcançar metas específicas, nem se limitar a direções, regras e instruções pré-definidas. Por meio do método heurístico, a pesquisa se liberta, se torna permeável e aberta, caminha de acordo com os requisitos únicos de cada situação que surge à sua frente e sem estar presa ao passado, limitado ao presente ou vislumbrando o futuro, descobre novas facetas de si mesma (MACIEL, 2004).

O pioneiro na abordagem heurística, na área da pesquisa qualitativa, foi o psicólogo humanista Clark Moustakas, que, entre as décadas de 1950 e 1960, desenvolveu a ideia da investigação através da exploração da própria experiência de solidão que vivia (MACIEL, 2004).

Trata-se de uma abordagem de pesquisa peculiarmente diferente de outras abordagens, principalmente por não estar preocupada em desvendar novas teorias ou testar

diferentes hipóteses. Direciona-se ao conhecimento humano especialmente através da auto-investigação.

O termo ‘heurística/o’ vem do verbo grego *heurískein*, que significa encontrar, descobrir. No dicionário de língua portuguesa, heurístico denota ciência ou arte que consiste em chegar à verdade por seus próprios meios (MICHAELIS, 1998).

A abordagem heurística se afasta de forma expressiva da tendência dominante das pesquisas hoje realizadas e visa, de acordo com Given (2008) a descobrir a natureza e o significado da experiência, reconhecendo nitidamente o envolvimento do pesquisador, até o ponto em que a experiência vivida por ele se torne o foco central do estudo. Sendo assim, o que a pesquisa heurística faz, de fato, é deixar explícito o processo participativo do pesquisador. É nesse sentido que o método heurístico abarca a posição do pesquisador, permitindo que aconteça o diálogo com o fenômeno que está sendo explorado.

O método heurístico é muito mais de que pesquisadores analisando suas próprias experiências e também não se trata de uma variação da pesquisa fenomenológica, como muitos acreditam ser, pois a pesquisa heurística é, por vezes, mais rigorosa e sistemática do que se tende a imaginar.

A pesquisa heurística é uma forma de conhecimento que remete ao encontro entre pessoas.

O encontro é a confluência da harmonia e da reciprocidade; é um sentimento de estar dentro da vida de alguém, sem nos esquecermos de nossa própria identidade e individualidade. O encontro consiste numa experiência interna decisiva, na qual se revelam novas dimensões do eu. (MOUSTAKAS, 1995, p. 89).

Segundo Given (2008), traz similaridades impressionantes com a investigação autoetnográfica, que enfatiza o contexto cultural da experiência, e também com a pesquisa autobiográfica, que destaca a própria história de vida, no sentido de que o pesquisador pode acumular e acessar uma gama de conhecimentos tácitos, resultantes da própria natureza participativa do processo.

Importante também salientar que a pesquisa heurística está intimamente ligada ao método de pesquisa inquérito transpessoal de Rosemerie Anderson, William Braud e Ron Valle. A pesquisa de inquérito transpessoal, como mesmo explicam Anderson, Braud e Valle (1996, p. 4), “é um conceito que pode ser observado sob dois aspectos, sendo que o primeiro é onde um dos significados de *trans* é ‘além’, o que implica a existência, a conexão e a relação com algo além do indivíduo”. O outro significado seria através de *trans*, o que significa uma

conexão entre vários aspectos de si mesmo, bem como uma ligação de si com os outros e de todos com o ambiente.

Além dessas semelhanças com outros métodos como acima citados, a pesquisa heurística durante seu desenvolvimento e formatação recebeu inegavelmente a influência das ideias do filósofo Michael Polanyi<sup>1</sup>.

Conceitos como do conhecimento tácito e até mesmo o termo heurístico são derivados do principal e mais importante trabalho de Polanyi, que se chama *Personal Knowledge*, que em português significa “conhecimento pessoal”. Nessa obra, Polanyi (1958) apresenta uma teoria sobre o conhecimento, na qual basicamente defende que: 1) a verdadeira descoberta não pode ser explicada por um conjunto de regras; 2) o conhecimento é não só público, mas também pessoal, no sentido em que é construído pelos indivíduos e por tal engloba as suas emoções e paixões. Neste sentido, a opção do autor pelo título *Personal Knowledge* pretende enfatizar que, mesmo em ciência, o intelecto se encontra ligado ao contributo “apaixonado” do conhecimento pessoal, sendo as emoções um dos seus componentes essenciais; 3) e por fim o conhecimento subjacente ao conhecimento explícito é mais primário e fundamental, dado que todo o conhecimento é tácito ou nele fundado.

Estas ideias consideradas muito avançadas para a época não receberam credibilidade e, por vezes, foram até marginalizadas por outros filósofos. Sendo assim, foi louvável a coragem de Moustakas (1990, 1995) em ter assumido esses pensamentos e lhes dar um uso eficaz.

Toda a influência de Polanyi (1958) no desenvolvimento do método heurístico por Moustakas (1990, 1995) pode ser vista ainda de maneira mais clara quando apareceram em seu discurso conceitos sobre a necessidade da identificação que deve haver entre o pesquisador e o foco da pesquisa, os diálogos travados com o fenômeno e os processos chave como, intuição, entrega e focalização.

---

<sup>1</sup> Michael Polanyi (1881-1976) foi um médico húngaro que desenvolveu a maioria do seu trabalho no âmbito das Ciências Físico-Químicas, mas que se interessou pela a área da filosofia aos 55 anos de idade. Em 1951, aceitou lecionar uma cadeira na área dos Estudos Sociais na Universidade de Manchester, tendo as suas lições sido compiladas em 1958, numa obra titulada *Personal Knowledge, Towards a Post-Critical Epistemology*. Contudo, apesar da sua grande influência, Polanyi nunca foi reconhecido pelos seus contemporâneos como um verdadeiro filósofo (POLANYI, 1997).

### 1.3.1 Os componentes de uma pesquisa heurística

A proposta de método heurístico apresentada por Moustakas (1990, 1995) trazia como sugestão um modelo de aplicação dividido em três fases, apresentação essa mais próxima da versão de 1990, que é a sua expressão formal mais organizada do método que compreende seis fases diferentes. Estas fases serão enfatizadas a seguir.

#### a) Primeira fase - Engajamento Inicial

De acordo com Moustakas (1990, 1995), a primeira fase da pesquisa ou busca heurística é a do engajamento inicial, definida como a fase em que existe a descoberta de um foco expressivamente instigante por parte do pesquisador. Esse foco se torna tão atraente e interessante que o pesquisador se atira, se deixa ser levado, mergulha o mais fundo que pode até se envolver completamente.

Para Maciel (2004, p. 186), isso é o mesmo que afirmar “[...] que o início de um processo de pesquisa heurística é o momento em que o pesquisador se permite introduzir em sua vida um relacionamento pessoal com aquilo que pretende estudar [...]”.

É também nessa fase que o pesquisador trava um diálogo consigo mesmo, toma decisões e entra na experiência de corpo e alma. Mas, nem sempre, o foco ou o tema da pesquisa é escolhido pelo pesquisador. Segundo Given (2008), esse processo tem origem profundamente pessoal e geralmente não é o pesquisador que escolhe a questão a ser estudada e sim a estudo se apresenta ao pesquisador.

#### b) Segunda fase - Imersão

Umas das definições encontradas no dicionário de língua portuguesa para a palavra imersão é o “[...] começo de um eclipse; instante que um planeta entra na sombra de outro” (MICHAELIS, 1998, p. 1129). Ressalta-se que não poderia existir melhor explicação para esta segunda fase da pesquisa heurística do que essa, pois, corresponde ao momento da entrega efetiva do pesquisador à questão e ao objeto estudado.

É nessa fase que o pesquisador vai passar a viver com a questão e, aos poucos, como num eclipse, vai se fundir ao objeto, de modo que, quando visto por outras pessoas, não possa ser considerado parte distinta da pesquisa que realiza.



A fase também pode ser caracterizada pelo esforço do pesquisador em explorar de forma intensa qualquer trilha ou pista sobre o assunto, além de autodiálogos, investigações interiores e busca por pesquisadores que tenham preocupações e experiência semelhantes.

Foi nesta fase em particular que coloquei em prática os ensinamentos de Kahlil Gibran (1883-1931), ensaísta, filósofo, prosador, poeta, conferencista e pintor, quando se refere à arte de compreender o outro atestando que “[...] a realidade do outro não está naquilo que ele revela, mas no que ele não pode revelar. Para tanto, se você quiser compreendê-lo, escute não o que ele diz, mas sim o que ele não diz [...]” (MOUSTAKAS, 1995, p. 83).

Foi assim, escutando o que não era dito e vivendo de alma aberta à experiência, que me entreguei profundamente à comunidade da Barra de São Lourenço. Foi também nesse momento da pesquisa que deixei de tratar a comunidade pelo termo “objeto da pesquisa”. O motivo da desistência do uso da palavra “objeto” é por ela possuir referência história que diz respeito à precisão, exatidão e cálculo.

Vivendo, respirando, sentindo e imergindo naquela comunidade, percebi que ela não tem nada de precisa, exata, fria ou constante. Sendo assim, nesse caso o mais sensato, a partir daquele momento, foi passar a me referir a comunidade como “sujeito da pesquisa”. Isso porque o termo “sujeito” comporta a imprecisão na sua própria essência.

### c) Terceira fase - Incubação

A terceira fase, de acordo com Moustakas (1990, 1995), é a incubação. Nela, o pesquisador recorre à dimensão tácita do conhecimento. Com outras palavras, e tal como De Long (1997), o conhecimento tácito pode ser descrito como aquilo que sabemos, mas que não conseguimos explicar. Dessa forma, o conhecimento tácito é um saber que se detém, possivelmente mesmo na ausência da capacidade de verbalizá-lo.

De forma semelhante, podemos reforçar a ideia atestando que o conhecimento não é privado, mas sim social. Construído e fundado sobre a experiência pessoal da realidade. Isso significa que só é possível adquirir conhecimento quando o indivíduo se encontra em contato direto com situações que propiciam novas experiências, que são sempre assimiladas a partir dos conceitos de que o indivíduo já dispõe - por natureza tácita.

Para Polanyi (1997), o conhecimento tácito comporta duas dimensões diferentes: 1ª) a técnica, que inclui as competências pessoais vulgarmente designadas por *know-how*, relaciona-se com um tipo de conhecimento profundamente enraizado na ação e no empenhamento de um indivíduo para com um contexto específico - uma arte ou profissão,

uma determinada tecnologia ou um determinado mercado, ou mesmo as atividades de um grupo ou equipe de trabalho; e a 2ª) cognitiva, que inclui elementos como as intuições, emoções, esquemas, valores, crenças, atitudes, competências e premonições. Esses elementos encontram-se incorporados nos indivíduos que os encaram como dados adquiridos, definindo a forma como agem e se comportam e constituindo o filtro através do qual percebem a realidade.

O conhecimento tácito é complexo, desenvolvido e interiorizado durante longos períodos de tempo, sendo quase impossível reproduzi-lo num documento ou numa base de dados.

Mas, para Cardoso (2004, p. 5), “é precisamente este tipo de conhecimento que intercede o dia-a-dia dos indivíduos, contendo uma aprendizagem tão pessoal que as suas regras podem ser dificilmente separáveis da forma como cada indivíduo age”.

Assim, pelo motivo de ser único, pessoal, peculiar e ligado a um dado contexto, o conhecimento tácito é mais difícil de formalizar, comunicar e partilhar com os outros.

A fase da incubação também é momento da pesquisa em que certo grau de saturamento pode se fazer presente. Chegada essa hora, quando o pesquisador se mostra à quase exaustão, segundo Maciel (2004, p. 187), é necessário “desviar o olhar por algum tempo”. Explicando melhor, a fase da incubação é quando o pesquisador heurístico deixa o espaço por algum tempo para que as dimensões tácitas da sua experiência trabalhem, sem que ele perceba.

Essa fase é definida por Moustakas (1990) como um processo no qual uma semente foi plantada; a semente passa por uma silenciosa nutrição, suporte e cuidado, que vai produzir uma consciência criativa de algumas dimensões de um fenômeno ou uma integração criativa das suas partes e qualidades.

#### d) Quarta fase - Iluminação

Definida por Moustakas (1990) como fase da iluminação, essa quarta etapa se revela durante o desenvolvimento da pesquisa de forma natural e espontânea. A iluminação necessariamente deve acontecer, não pode ser forçada.

Para Given (2008), a fase da iluminação ocorre a partir do estado tácito e relaxado da fase anterior, quando acontece um encontro entre aspectos conscientes e inconscientes do fenômeno, e começa a emergir uma síntese de conhecimentos fragmentados. Em outras

palavras é quando os *insights* passam a ser constantes, e uma forte dependência emocional é constituída.

Nessa etapa, o pesquisador precisa ter sensibilidade o suficiente para tratar, de maneira dócil e receptiva, todos os dados que estão sendo investigados. Por intermédio da iluminação, elabora-se a essência e a qualidade da experiência. É necessário examiná-las bem, para que se obtenham os significados. É necessário que o pesquisador foque na experiência interna, analisando pensamentos, sentimentos e impressões. Nessa fase da pesquisa, correções são feitas, e novas dimensões do fenômeno consideradas. A determinação de significados da experiência é única em cada pessoa.

Para Moustakas (1995, p. 29), durante esse processo de crescimento e amadurecimento da pesquisa, “[...] apenas o indivíduo pode determinar sua direção e as verdades de seu mundo”.

#### e) Quinta fase - Explicação

A quinta fase da pesquisa heurística é a explicação. Moustakas (1995) a explicita como um exame total daqueles elementos que o momento da iluminação trouxe até a consciência.

Para Maciel (2004, p. 189), a finalidade dessa fase é dupla:

Em primeiro lugar, ela deve descrever os elementos que surgiram e em segundo lugar, ela deverá também entender e explicitar os diversos níveis ou camadas de significado do problema, questão ou tema da pesquisa. Neste ponto a palavra chave será focalização e interioridade.

Esse momento pode ser definido como período em que o pesquisador precisa travar um sucessivo diálogo com pessoas que também entendem sobre o assunto, consigo mesmo e com a literatura. Ou seja, a aproximação com qualquer meio que possa o auxiliar nesse momento é importante. Essa ajuda será primordial para que o pesquisador possa produzir um retrato real e condescendente da essência da questão a que está se dedicando.

É nessa fase também que a redação mais técnica começa a ser elaborada, claro que sempre intercalada com as percepções e a experiência vivida pelo pesquisador.

#### f) Sexta fase - Síntese Criativa

Considerada a etapa final da pesquisa heurística, a síntese criativa passa a acontecer quando o pesquisador organiza os significados da experiência num resumo compreensivo do que foi a essência dela. O pesquisador já familiarizado com os componentes principais, qualidades, temas e significados da experiência, poderá agora dar vazão mais uma vez à dimensão tácita da experiência do conhecimento. Esse processo culmina numa síntese criativa que tanto pode ser uma narração, um poema, um desenho, uma pintura, um mito, como qualquer outra forma de expressão criativa.

A validação do método heurístico é determinada pela autenticidade do projeto, questão que está intimamente relacionada com a experiência do pesquisador. Na investigação heurística, o pesquisador conduz uma pesquisa rigorosa, reflete sobre o material e utiliza suas referências internas para dar sentido aos dados.

Na produção da síntese criativa, fica clara a profunda relação que foi sendo criado entre o pesquisador e o tema estudado, e, por mais especializado que seja, não deixa de ser um retrato da experiência humana.

No meu caso, a produção da síntese criativa culminante do processo de desenvolvimento desta pesquisa veio à tona de forma tão forte e inesperada que, sem pedir licença, se tornou por si só ‘a pesquisa’.

O resultado final, que vocês poderão observar logo mais adiante, foi concebido através de narrativas, em que palavras dão voz a uma realidade desconhecida: A realidade da comunidade da Barra de São Lourenço.

### 1.4 NARRATIVAS

Há muito tempo o indivíduo deixou de ser considerado um mero processador de informação para ser visto como um construtor ativo de significados. Precisamente à luz dessa nova abordagem, é que a linguagem vai assumindo um papel central, pois é através dela que construímos intencionalmente a nossa experiência.

Partindo do pressuposto de que as construções que fazemos do mundo e de nós próprios são limitadas pelas nossas linguagens, podemos atestar então que construímos conhecimento e significado através da ação proativa da linguagem, que exprime e potencializa o que vivemos.

Sendo assim, uma grande variedade de autores tem vindo a sugerir que uma das possibilidades de construir conhecimento através da linguagem é utilizando a técnica das narrativas.

Em seu sentido único, narrar, segundo o dicionário de língua portuguesa, significa “Contar, expor as particularidades de um ou mais fatos [...]” (MICHAELIS, 1998, p. 1.439). Partindo desse pressuposto e empenhada a conseguir demonstrar de forma densa e expressiva a experiência vivida por mim na comunidade da Barra de São Lourenço, optei em desenvolver esta dissertação através de pequenas narrativas.

Para Gergen e Gergen (1986), a narrativa pode ser definida como a capacidade de estruturar acontecimentos com coerência e com um sentido de movimento e direção no tempo. Wigren (1994), seguindo esta mesma linha de pensamento, define a narrativa como o modo em que as experiências quotidianas são processadas, permitindo a sua compreensão. Este autor considera, ainda, que a narrativa permite a criação de ligações entre o indivíduo que narra e o que lê ou escuta.

Sendo a narrativa, segundo Villegas (1995), uma forma de representar e reproduzir dramaticamente os acontecimentos, ela não tem, como muitos acreditam, somente a função de memorização. Ao contar uma história, o indivíduo não pretende somente reter em memória e reelaborar a sua experiência, ou autojustificar-se: pretende, igualmente, convencer, persuadir ou impressionar terceiros, com o objetivo de obter compreensão, aceitação e valorização.

É na construção de uma narrativa que o processo de estruturação das experiências toma forma, e, nesse instante, é que o ser humano encontra coerência e os significados que procura.

Nesse sentido, podemos elencar que a vertente mais desafiadora na hora de se produzir uma narrativa, sem dúvida se pauta na atitude pragmática de ir ao encontro das vivências cotidianas e colhê-las não com a metodologia explicativa, mas sim com os afetos e os encantos da compreensão. É nesse processo que o imaginário dos afetos transcende as lógicas sólidas, enlaça os desprotegidos e serve como interlocutor das vozes abafadas.

Seguindo essa lógica, Medina (2003, p. 60) surpreende afirmando que “[...] os afetos tecem redes surpreendentes de sobrevivência, criam alternativas aos modelos apregoados como globais e desafiam o status tecnológico com a inventividade das pequenas histórias de vida [...]”.

Diante de todo esse processo de inventividade das pequenas histórias de vida, o pesquisador acaba por receber ínfimas respostas humanas através de cargas afetivas. Em

outras palavras, o pesquisador também recebe afeto e é, por meio deste afeto recebido, que consegue com sua pesquisa resgatar o que há de verdadeiramente humano nas relações, e não só o que há de parcialmente objetivo.

## 2 APRESENTAÇÃO DO TERRITÓRIO DA PESQUISA

No Pantanal não se pode passar régua sobre muito quando chove.  
Régua é existidura de limites e o Pantanal não tem limites.  
Aqui, bonito é desnecessário,  
Beleza e glória das coisas o olho que põe.  
(MANOEL DE BARROS, 2010, p. 206).

A palavra Pantanal, por vezes, faz nascer na mente das pessoas a ideia de perfeição, de graça, de encanto, de algo quase indefinível. Categoricamente, fauna e flora imperam, sufocam qualquer coisa além delas mesmas. Pantanal para muitos é bicho, mato, onça, peixes e rios. A intenção deste trabalho não é tentar descompor esse cenário tão harmônico, mas Pantanal vai muito além disso. Um lugar que renasce a cada dia e que guarda, de forma primorosa, as mais belas e impressionantes histórias de conquistas, guerras, sonhos e esperança.



**Figura 1** - Vista aérea do Pantanal sul-mato-grossense.  
**Foto:** André Siqueira (2010).

Foi neste cenário que, durante um ano e meio, conheci pessoas, escutei histórias e estórias, vivi e me entreguei por inteiro ao tema que me propus a estudar. Especificamente resolvi pesquisar, dentro do Pantanal sul-mato-grossense, a comunidade ribeirinha da Barra de São Lourenço, localizada no município de Corumbá (Figura 1).



**Figura 2** - Mapa do Brasil posicionando o Estado de Mato Grosso do Sul.

**Fonte:** Adaptado de Arte Boa (2010).



**Figura 3** - Mapa de Mato Grosso do Sul e o posicionamento do Pantanal Sul-mato-grossense.

**Fonte:** Adaptado de Via Rural (2010) e The Way of Life (2010).



Distante 417 km de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, a cidade de Corumbá está localizada no Pantanal do Paraguai<sup>2</sup>, região que ocupa apenas cerca de 6% da área total do Pantanal, o que corresponde a aproximadamente 8.147 km<sup>2</sup> de extensão (Figura 2-3)<sup>3</sup>. Essa região corresponde, em sua maior parte, a extensa planície de inundação do Rio Paraguai, desde a ilha do Caracará, nos limites do Pantanal de Cáceres, até as bordas do Maciço do Urucum. É caracterizada pela grande incidência de baías e longo período de inundação que se estende por mais de seis meses, e grandes áreas ficam permanentemente inundadas<sup>4</sup>.



**Figura 4** - Posicionamento da comunidade ribeirinha da Barra de São Lourenço no rio Paraguai.

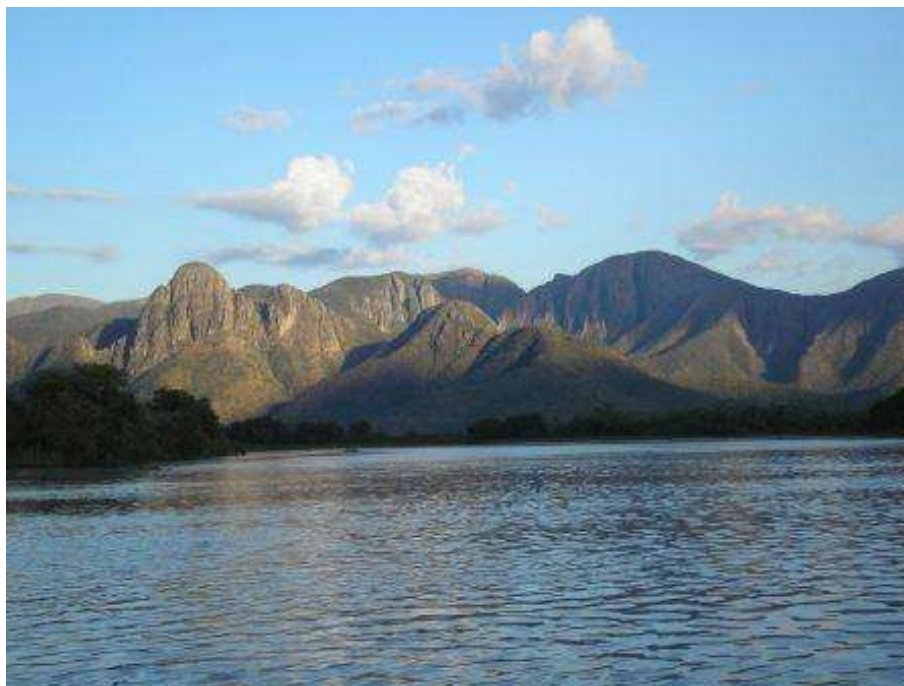
**Fonte:** Adaptado de Chelotti Viagens e Turismo (2010).

Mas, para se chegar à comunidade ribeirinha da Barra de São Lourenço escolhida como foco do estudo, depois de viajar até Corumbá, ainda são necessárias mais algumas horas de barco até alcançar o destino desejado. No total, é 221 km através do Rio Paraguai, trajeto que leva, em média, 7 horas para ser concluído (Figura 4).

<sup>2</sup> O Pantanal do Paraguai é apenas uma das 11 sub-regiões que compõem o Pantanal (ANEXO A).

<sup>3</sup> Dados obtidos em: <<http://www.portal.ms.gov.br>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

<sup>4</sup> Dados obtidos em: <<http://www.portalpantanal.com.br/microregioes/65-paraguai.html>>. Acesso em: 12 jan. 2010.



**Figura 5** - Formação rochosa que dá nome à região.

Durante esse trajeto, é possível observar uma das paisagens mais bonitas e marcantes do Pantanal do Paraguai, conhecida como a “região da Serra do Amolar” (Figura 5). A Serra do Amolar é uma formação rochosa que marca o relevo da planície pantaneira e constrói um desenho sinuoso para o Rio Paraguai.

Quem passa pelo local e conhece nem que seja um pouco da cultura pantaneira, pode até mesmo, vendo esta paisagem, se recordar das palavras do poeta Manoel de Barros (2010, p. 206) que dizem “[...] estamos por cima de uma pedra branca, enorme que o rio Paraguai lá em baixo, borda e lambe [...]”.



**Figura 6** - Jacaré - animal símbolo do Pantanal.

**Foto:** Jean Fernandes (2010).

A sua estranha geografia e seu isolamento não são encontrados em nenhuma outra região do Pantanal. As montanhas são elementos inusitados na paisagem pantaneira. A intensidade das águas também limita a presença dos bichos. Diferentemente das outras regiões, os animais não podem caminhar em busca de alimentos. Vivem ali apenas mamíferos aquáticos como lontras, capivaras e antas. A temida onça pintada também se adaptou nesse território, fica geralmente nas partes mais altas, nas fraldas das montanhas. Há ainda grandes colônias de garças, biguás, tuiuiús, e, claro, muitos jacarés (Figura 6).

Há também na “região” uma grande diversidade de espécies vegetais endêmicas, ou seja, que só ocorrem na Serra do Amolar, além de várias espécies da fauna que estão na lista oficial brasileira de animais ameaçados de extinção, como a onça-pintada (*Panthera onça palustris*), onça-parda (*Puma condolor*), tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), catita (*Monodelphis kunsii*), tatu canastra (*Priodontes maximus*) e ariranha (*Pteronura brasiliensis*).

Com aproximadamente 80 quilômetros de extensão, as montanhas, de certa forma, ajudam a represar a água, originando a formação de duas grandes baías - Baía Infinita e Baía do Burro - e três grandes Lagoas da região - Lagoa Mandioré, Lagoa Gaíva e a maior delas, a Lagoa Uberaba<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.floripesca.tur.br/relatos-de-pescarias/231-caceres-a-porto-jofre--uma-viagem-inesquecivel.html>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

Seu passado misterioso é alimentado por intrigantes resquícios arqueológicos. Já foram encontradas inscrições rupestres e cerâmicas que datam aproximadamente 3.000 anos. Perto da Ilha Ínsua ou no rio Cará-Cará, um braço do rio Paraguai, existem vários sítios arqueológicos a céu aberto em forma de aterros feitos de conchas, ossos e areia.

Na “região da Serra do Amolar”, predominam a agricultura familiar, além da caça, pesca e extrativismo vegetal para subsistência. Durante muitos anos, a criação de gado foi a principal atividade econômica do Pantanal. Mas, devido a grande cheia de 1974, houve a inundação de boa parte das pastagens nativas, e a atividade entrou em declínio.

Nesse pedaço do Pantanal, o turismo ainda é pouco explorado, mas é possível que as atividades turísticas gerem empregos, aproveitamento de mão-de-obra local e se tornem uma alternativa de renda para os moradores das comunidades mais próximas.

Quem vive na Região da serra do Amolar, na certa, é privilegiado por poder contemplar tamanha beleza.

## 2.1 RIO PARAGUAI

No alto da Serra dos Parecis, próximo da cidade de Diamantino, Estado de Mato Grosso, nasce o Rio Paraguai. Em seu percurso inicial (cerca de 50 km) tem o nome de rio Paraguaizinho, mas logo passa a ser conhecido como rio Paraguai, percorrendo um trajeto de cerca de 2.621 km até sua foz, no rio Paraná. Suas duas margens são brasileiras e, juntamente com o rio Uruguai, formam a Bacia do Prata.<sup>6</sup>

Durante seu certo trajeto, recebe pela margem esquerda as águas do rio Cepotuba, Cabaçal e Jauru; já pela direita é abastecido pelas águas do rio Cuiabá, Miranda, Taquari e Apa. Estes, certamente podem ser reconhecidos como os mais importantes, mas vários outros rios de menor tamanho e menor fluxo desempenham papel importante para a manutenção do rio Paraguai, pois, juntos, formam uma intrincada rede de tributários que banham os Pantanais (PROENÇA, 2007).

Rio caudaloso e cheio de surpresas, uma das primeiras é quando recebe as águas do rio Jauru e Cuiabá. Instantaneamente um feito surpreendente acontece, a coalescência, popularmente conhecida como águas emendadas. Outro fenômeno que pode ser observado anualmente no rio Paraguai, em maior ou menor intensidade, é a “dequada”. Nome

---

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://www.riosvivos.org.br/canal.php?canal=289&mat\\_id=10375](http://www.riosvivos.org.br/canal.php?canal=289&mat_id=10375)>. Acesso em: 12 jan. 2010.

aparentemente estranho para quem não é íntimo do linguajar pantaneiro, mas que, grosso modo, não é difícil de entender, pois, no início do período das cheias, as regiões que estão secas e repletas de vegetação terrestre passam a ficar submersas, pequenas lâminas de água rasas vão cobrindo vagarosamente toda a planície.

Em função disso, a vegetação que vai ficando submersa, naturalmente passa a se decompor. O processo de decomposição é tão intenso, que a atividade de oxidação da matéria orgânica pelas bactérias é capaz de consumir todo o oxigênio da água e liberar uma grande quantidade de dióxido de carbono. A alteração da qualidade da água ocasionada pela dequada pode ter como principal efeito a mortandade de muitos peixes.

Para Calheiros e Oliveira (2003, p. 2) existem épocas específicas para o processo acontecer:

Este fenômeno ocorre sempre na subida das águas, normalmente de fevereiro a abril, quando o nível do rio Paraguai (medido na régua de Ladário-MS) passa dos 3,5m. O grau de deterioração da qualidade da água depende das características do regime hidrológico de cada ano: se o volume de cheia for grande e a velocidade de inundação alta, tais processos ocorrem antecipadamente (início da enchente), de forma mais acentuada e podem durar meses. A magnitude da seca do ano anterior também interfere no processo, pois está relacionada com a quantidade de biomassa de plantas terrestres que sofrerá decomposição na cheia subsequente.

Cheio de voltas e desníveis, com suas margens por vezes elevadas, o rio Paraguai recebe dos seus tributários não só as águas que engrossam seu grande corpo, mas também um número significativo de entulhos e detritos que contribuem para deixá-lo com um ar envelhecido.

Por apresentar características próprias para a navegação, o rio Paraguai também leva o mérito de fazer parte da formação histórica do Pantanal. Afinal, foi por suas entranhas que chegaram à região os habitantes pré-históricos, os ancestrais de índios que, com o passar do tempo, fizeram das margens do rio seu habitat (PROENÇA, 2007).

Cruzaram também por suas águas os espanhóis em busca de riquezas e boa vida. As monções, no século XVII e XVIII, que tinham como único objetivo a captura e escravidão de índios, não teriam obtido sucesso se não fosse ele. Também foi em sua margem que viu serem fundadas as cidades de Cuiabá, Cáceres, Corumbá, Porto Murtinho e muitas outras. Testemunhou coisas desagradáveis, como suas águas serem tingidas pelo sangue de muitos soldados que lutaram na Guerra do Paraguai. Por tudo isso, fica fácil constatar que este rio guarda histórias que certamente a correnteza, os períodos de cheia e seca não conseguiram levar (PROENÇA, 2007).



## 2.2 COMUNIDADE BARRA DO SÃO LOURENÇO

Localizada na margem esquerda do Rio Paraguai, na região da Serra do Amolar, a comunidade Barra de São Lourenço é considerada umas das comunidades mais isoladas e de mais difícil acesso do Brasil. Escondido nas entranhas no Pantanal, o povo que dá vida a esse pequeno aglomerado de casas é simples e tímido. Vivem num tempo totalmente diferente do homem da cidade e escondem algumas peculiaridades que, no decorrer deste capítulo, serão reveladas.



**Figura 7** - Local utilizado pela comunidade para a realização de reuniões.

Segundo relato dos próprios moradores, essa comunidade é relativamente nova, e sua formação está intrinsecamente ligada a uma história de dor e sofrimento. A maior parte das pessoas que hoje formam a comunidade da Barra de São Lourenço chegou à região do Amolar pelo mesmo motivo: à procura por um lugar que lhes desse melhores condições de sobrevivência. Quando digo que a vida desse povo é carregada de sofrimento e dor, quero me referir à história de como essas pessoas foram parar e habitar a região que hoje ocupam (Figura 7).



**Figura 8** - Típica mulher pantaneira em suas funções diárias.

Há mais de quarenta anos, esse mesmo povo não vivia na margem esquerda do rio como vive hoje, o espaço ocupado por ele era a margem direita do grande rio formador do Pantanal. O ritmo de vida deles era totalmente diferente, contratados para trabalhar na fazenda Acurizal, essas pessoas trabalhavam na lavoura, cuidando do gado, na manutenção do entorno da fazenda e com deveres domésticos, como limpeza da sede, preparação das refeições, pilotagem e etc. (Figura 8)

Tudo parecia seguir uma ordem natural, em que os deveres eram cumpridos e os frutos eram colhidos. O cenário só começou a se transformar no ano de 1996, quando a fazenda Acurizal foi vendida para a Fundação de Apoio à Vida nos Trópicos - ECOTRÓPICA, uma organização não governamental, sem fins lucrativos, instituída em Cuiabá, MT, em 21 de junho de 1989, e que tem como lema: contribuir para a conservação e preservação dos recursos naturais e a manutenção da qualidade de vida nos ecossistemas tropicais brasileiros.

Naquele instante, as coisas começaram a tomar um outro rumo, e o que antes era só uma preocupação quase que infundada dos trabalhadores daquela fazenda tornou-se uma triste realidade.

Na fala de Leonora Aires Brito, umas das moradoras mais antigas da Barra de São Lourenço, observa-se uma pequena ideia do sofrimento e da dificuldade enfrentada por aquele povo:

Meu esposo pelotiava, ajudava o caseiro a rastilhá, carpi, tacá fogo no mato, pegá lenha e a mantê o zelo dos rancho. Nós morava lá e vivia daquilo. Tinha época que o serviço aumentava, nós tinha que limpá a internada, era muito bão. Mas, com o tempo, aquilo ali foi vendido pra um outro povo que pegô aquilo ali pra se um parque de ecologia. [...] Ai logo que eles compraram, veio um tal de Divino, antigo piloto da fazenda, dando o aviso. Ele chegou e disse assim: ‘Olha eu vim aqui porque os donos mandaram avisá vocês que agora essa terra é uma reserva e que eles não qué que corta mais um gaio de pau, eles não qué mais que roce, que queime, que mais nada e que vocês desocupem o lugar’. [...] Na hora eu pensei: pra onde nós vai se esse é nosso trabalho? Naquele ano, o turismo ainda não era forte na região, e nós não tinha nem onde morá. Nem paia e pau nós pudemo cortá pra montá nossas casa. Nossa sorte foi que o cumpadi Vando morava aqui nessa ilha e convidô nós pra vim pra cá. Embarcamos na nossa canoa e viemo, depois o resto do povo começou a vim e limpá cada um o seu pedaço de terra. Lembro como se fosse hoje, aquela mosquitada, aquela chuva [...] Nós emprestamo do cumpadi Vando um pedaço de lona, fincamos uns pau. Quando a chuva parava, nós continuava o trabalho... Aquele capinzal sujo, a tempo de ter uma cobra, as criança chorando por causa dos mosquitos. Dava até um desespero, nós não tinha mais nenhuma parede, nós não tinha mais nada. Mas, nós lidemo até consegui nosso lugar.



**Figura 9** - Local onde foi construída a primeira casa de Leonora, em 1996.

**Foto:** Leonora Aires (1996).





**Figura 10** - Atual casa de Leonora Aires.

Como mesmo contou Leonora, com o tempo os outros trabalhadores da foram obrigados a sair da fazenda do Acurizal, sem receber nenhuma espécie de indenização ou ajuda. Acomodaram-se como podiam na ilha que até hoje os acolhe (Figuras 9 e 10).



**Figura 11** - Antiga morada dos ribeirinhos, chamada por eles carinhosamente de Flor da Serra.

**Foto:** Jean Fernandes (2010).

Durante a realização das entrevistas, não pude deixar de reparar num detalhe que me despertou e me ajudou a entender toda a amargura e desgosto que ainda se faz presente na

vida desses ribeirinhos. O local antes ocupado por aquele povo na fazenda Acurizal era chamado carinhosamente de 'Flor da Serra' como conta o ribeirinho, que nasceu e se criou no meio Pantanal, Manoel Santana: "lá era muito bonito, a gente deu o nome de Flor da Serra porque tinha um monte de pé de piúva, que quando floria deixa o lugar lindo demais" (Figura 11).

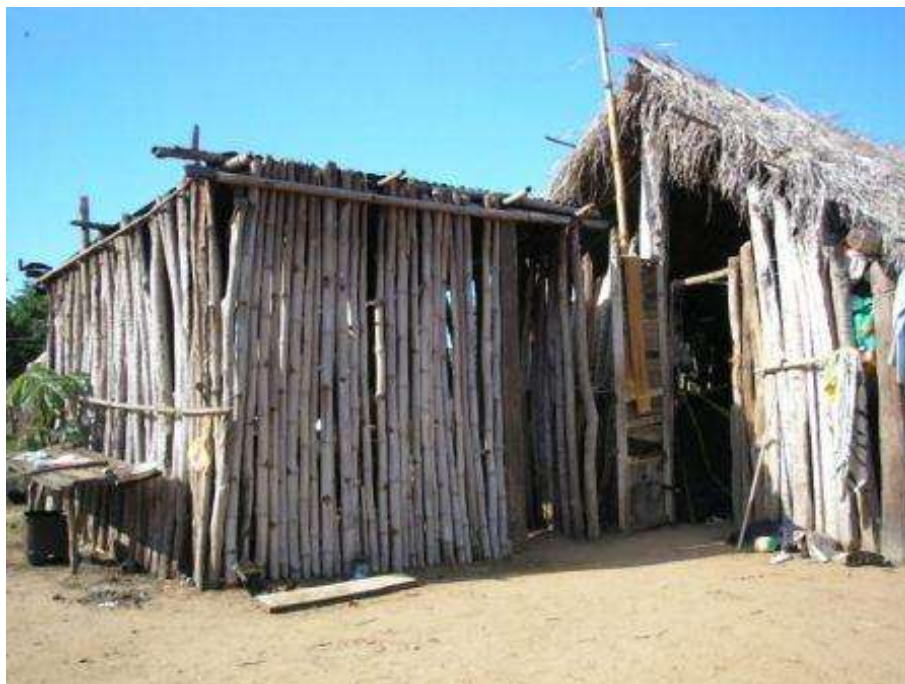
Depois que escutei isso, fiquei me questionando se haveria ou não alguma relação, de hoje a ilha onde eles moram e que foi conquistada à custa de muito sacrifício se chamar 'Barra' de São Lourenço.

As pessoas que formam a comunidade da Barra de São Lourenço apresentam características intrínsecas da tradição e cultura dos povos do Pantanal: adaptaram-se ao ciclo natural de cheias e secas e até hoje retiram do meio o seu sustento, sem comprometer os recursos naturais de forma permanente.



**Figura 12** - Ilha ocupada atualmente pela comunidade Barra de São Lourenço.





**Figura 13** - Estilo de casa construída pelos ribeiros na comunidade Barra de São Lourenço.



**Figura 14** - Pé de bacuri (*Scheelea phalerata*).  
**Foto:** Arquivo Ecoa (2008).

Atualmente 19 famílias compõem a comunidades, ao todo são 106 pessoas. No entorno, não existe nenhum tipo de comércio como, bares, mercados, lojas, farmácias etc. Todas as casas foram construídas na beira do rio, o que facilita a mobilidade e também os protege de animais mais perigosos (Figura 12). Com exceção de duas casas que são de alvenaria, todas as outras são construídas com recursos que o ambiente mesmo os oferece. As casas são muito simples, exercem uma única função: abrigá-los nos dias de chuva e durante as noites (Figura 13). Sua estrutura é toda de madeira, e a cobertura é feita com folhas de uma palmeira chamada bacuri, também conhecida pelos pantaneiros como acuri, nome científico: *Scheelea phalerata*.

Na hora de construir um abrigo ou reformar os pequenos ranchos, a maior dificuldade encontrada é justamente na retirada da folha do bacuri (Figura 14). Apesar de ser uma palmeira muito comum no Pantanal, no entorno da comunidade da Barra de São Lourenço ela está concentrada nas áreas mais altas. Isso significa que a planta fica distante de onde as casas são construídas e quase sempre estão dentro de reservas ambientais. Ou seja, sempre que existe a necessidade de coletar essas folhas, uma conversa prévia tem de ser feita com os responsáveis pelas áreas protegidas para que a autorização seja dada.



**Figura 15** - Ribeirinho saindo para a coleta diária de iscas.  
**Foto:** Jean Fernandes (2010).



**Figura 16** - Tuvira: uma das principais iscas vivas coletadas pelos moradores da Barra.

**Foto:** André Siqueira (2010).

A principal atividade econômica da comunidade é a venda de iscas vivas e peixes para o turismo de pesca. Ela é desenvolvida por todos os moradores, inclusive mulheres e crianças (Figuras 15 e 16).

Essas iscas vivas e o pescado capturado por eles têm um destino certo: os barcos hotéis que saem de Corumbá, MS, e sobem o rio Paraguai, repletos de turistas. Por oferecer uma paisagem maravilhosa e uma quantidade significativa de peixes, a região passou a ser bastante valorizada pelo setor turístico nos últimos dez anos.

A relação entre os ribeirinhos e os barcos hotéis funciona da seguinte forma: as famílias da Barra de São Lourenço fecham contratos com dois, três ou mais barcos de turismo, isso depende da capacidade de coleta de cada família. A partir daí, o compromisso é assumido, e a quantidade estipulada no contrato deve ser entregue semanalmente para o contratante. Isso obriga a todos os integrantes da família se mobilizarem e somarem esforços na busca pelo pescado e pelas iscas que precisam ser entregues.

Sobre esses contratos, o que predomina são os de compra de iscas vivas, já que o turista que visita a região faz questão de pescar os seus próprios exemplares de peixe. Os isqueiros, nome dado a quem vive da coleta de isca, buscam, em suas longas jornadas pelo rio Paraguai, apenas três espécies para a comercialização: a tuvira, o cascudo e de caranguejo. O esforço empregado nesse trabalho impressiona qualquer um. É comum que os isqueiros passem o dia todo, rio afora atrás do sustento de sua família. As coletas chegam a durar de 10 a 12 horas.



No final de um mês exaustivo de trabalho, uma família pantaneira chega a coletar até 5 mil iscas vivas, e o preço aproximado por unidade gira em torno de R\$ 0,30. O mais impressionante disso tudo é que esta mesma isca vai ser vendida lá em Corumbá pelo preço médio de R\$ 1,20.



**Figura 17** - O peixe é a principal fonte de subsistência na comunidade.

Fazendo algumas contas bem simples, fica fácil perceber que a vida do ribeirinho, morador da comunidade da Barra de São Lourenço, é árdua e, para que as suas condições mínimas de subsistência sejam supridas, o esforço feito é muito grande, pois também pescam peixes para sua sobrevivência (Figura 17).

Outro fato importante de ser colocado é que, além do trabalho pesado e do baixo valor pago pelo produto, os moradores da Barra de São Lourenço, por muito tempo, tornaram-se reféns de uma figura bastante emblemática na comunidade, conhecido por todos como “paneleiro”, que, em outras palavras, significa: atravessador.

O paneleiro se apresenta naquela região sempre como uma pessoa simples e simpática, conversador e, por algumas vezes, até amigo dos moradores. Mas, o que se esconde por trás daquele rosto queimado pelo sol e roupas aos retalhos é a figura de um homem que se aproveita justamente dos momentos de dificuldades dos moradores para lucrar muito.

No seu pequeno barco, carrega um pouco de tudo, carne, arroz, feijão, doces dos mais diversos tipos e até remédios. Sua passagem pela comunidade geralmente é feita a cada

três meses, e basta ele chegar à comunidade para começar o processo de convencimento e exploração.

Percebendo a dificuldade financeira de algumas pessoas, mostrava-se interessado em ajudar. A oferta, num primeiro momento, parece ser boa, ele dá os mantimentos ou remédios necessários e, em troca, combina de pegar daquela família certa quantidade de iscas. Até aí a troca parece justa, mas a conversa começa a ter outra entonação quando um pacote de arroz com 5 quilos, vendido pelo paneleiro, passa a custar para o ribeirinho aproximadamente R\$ 32,00, ou um vidro de dipirona, remédio utilizado para cessar dores e febre, comprado em qualquer farmácia por R\$ 2,00 ou R\$ 3,00 reais, no barco do paneleiro tem o valor aproximado de R\$ 25,00.

Tentando exemplificar melhor, caso o ribeirinho compre do atravessador um pacote de arroz e um vidro de dipirona ele terá que reembolsá-lo com precisamente 190 iscas, fazendo o cálculo de que cada isca custe R\$ 0,30. Essas mesmas iscas seriam vendidas em Corumbá pelo preço médio de R\$ 1,00 o que, no final das contas, renderia para o paneleiro R\$ 190,00.

Esse é apenas um dos vários exemplos de problemas enfrentados por esses pantaneiros que, a todo o custo, tentam sobreviver e manter viva suas histórias, raízes e costumes.

Pequenas roças também são cultivadas pelos moradores. Diante das dificuldades encontradas no dia a dia, quanto mais eles puderem garantir seus sustento, melhor. Nas pequenas plantações trabalham: homens, mulheres e crianças. São roças plantadas em área de várzea, onde existem mais nutrientes no solo. Os principais cultivos de subsistência são a mandioca, a bananinha (banana-maçã), a batata-doce, a batata-inglesa, o milho, a abóbora e a cana-de-açúcar, que também vira rapadura. Plantas medicinais também são cultivadas para uso próprio.

### 3 SÍNTESE CRIATIVA

A maior parte das pessoas que se propõe a participar de um programa de mestrado acaba quase sempre optando por desenvolver uma pesquisa que tenha alguma relação com o trabalho que já executa. No meu caso, isso não aconteceu.

Por minha formação básica ser em jornalismo, sempre trabalhei em veículos de comunicação como jornais diários, *sites* e televisão. Essa realidade só começou a mudar quando me propus a entrar no mestrado em Desenvolvimento Local e escolhi, como foco de estudo, a comunidade ribeirinha Barra de São Lourenço, pertencente ao município de Corumbá, no Estado de Mato Grosso do Sul.

Um dos detalhes mais importante é que essa comunidade escolhida como fonte de análise e pesquisa é considerada uma comunidade bastante isolada e de difícil acesso. As duas únicas formas de chegar ao local são de barco ou de avião. Infelizmente, estas são opções restritas aos fazendeiros que possuem terras pelas redondezas ou aos turistas de maior poder aquisitivo.

O primeiro entrave da pesquisa foi garantir a chegada até a comunidade. Num primeiro momento, a opção mais palpável e a primeira que me veio à mente foi procurar a ajuda da Organização Não Governamental (ONG) Ecoa - Ecologia e Ação. Com 21 anos de existência, essa ONG possui apenas uma sede que funciona em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, e atua também na comunidade Barra de São Lourenço.

Numa manhã de terça-feira do mês de fevereiro, fiz meu primeiro contato com a Organização, quando então fui recebida pelo biólogo e diretor de Políticas Públicas da ONG, André Siqueira. Não tive muita dificuldade em fazer com que ele aceitasse a minha proposta, que consistia em eu ser voluntária na Ecoa e, em troca, ganhar um lugar no barco que, pelo menos a cada dois meses vai ao rio Paraguai até chegar à comunidade da Barra de São Lourenço.

Depois de muita conversa, explicações e esclarecimento de dúvidas, o veredicto foi dado. A partir daquele momento, eu passava a ser a mais nova voluntária da Organização.



Para minha felicidade, naquele dia mesmo fiquei sabendo que trabalharia num projeto em especial, que acabava de ser aprovado e que teria início no mês de março. O projeto a que me refiro é o “Criança das Águas - Pantanal: identidade e cidadania”, financiado pelo programa Criança Esperança da Rede Globo de Televisão e pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

Foi dessa forma que este trabalho surgiu, e o que o leitor encontrará nas próximas páginas desta síntese criativa são os relatos de todas as viagens que fiz até a comunidade da Barra de São Lourenço. E, pensando em homenagear um dos maiores poetas brasileiro, os títulos dados aos textos que seguem são pequenos recortes da poesia de Manoel de Barros. Por tudo isso, convido o leitor deste trabalho a me acompanhar e descobrir os encantos de um lugar onde a simplicidade dá sentido à vida.

### 3.1 AO ENCONTRO DE LEONORA, A MULHER QUE INVENTA LAGARTOS

Uso um deformante para a voz.  
Em mim funciona um forte encanto a tontos.  
Sou capaz de inventar uma tarde a partir de uma garça.  
Sou capaz de inventar um lagarto a partir de uma pedra [...].

(MANOEL DE BARROS, 1998b, p. 21).

Em 19 de março de 2009 cheguei a Corumbá, onde me encontrei com a equipe: Patrícia Zerlotti, diretora institucional da Ecoa, coordenadora do projeto Criança das Águas e a pessoa responsável por me orientar e pautar minhas atividades na comunidade; Glaucia Bigaton, estudante do programa de mestrado em Doenças Infecciosas e Parasitárias da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, também voluntária desse projeto.

Cada um estava indo com tarefas já predeterminadas. O meu trabalho seria dar apoio à realização de algumas reuniões, desenhar um diagnóstico sobre os desejos e anseios das crianças que moram na região, superficial e desprovido de base científica, além de ajudar a Gláucia a entregar os resultados de exames de hepatite A e B, realizados nos ribeirinhos alguns meses antes.



**Figura 18** - Cidade de Corumbá - Mato Grosso do Sul.  
**Foto:** Jean Fernandes (2010).



**Figura 19** - Patrícia Zerlotti e Durvalino arrumando a bagagem no barco.

No dia seguinte no dirigims ao barco (ver Figura (19) de propriedade Organização – Ecoa, possuindo motor de 100 HPs e capacidade para transportar até cinco pessoas.



**Figura 20** - Típica chalana que transporta boi no Pantanal.

Aos poucos, a Cidade Branca foi ficando para trás e, a cada curva do rio, meu objetivo ficava mais próximo de ser alcançado. A típica vida pantaneira começava a se desenhar. Antigas chalanas (Figura 20) transportando o gado, pescadores com suas pequenas canoas tentando garantir a comida do dia, crianças saltitando nas encostas das barrancas e o sussurro melancólico das águas que desciam se misturando com o cantar dos pássaros.



**Figura 21** - Paisagem da Serra do Amolar.

**Foto:** Jean Fernandes (2010).

O barco passou próximo ao maciço do Amolar, uma formação rochosa que se estende por cerca de 80 quilômetros quadrados, formando um desenho único e dando características singulares àquela região do Pantanal (Figura 21).



**Figura 22** - Núcleo de apoio da Ecoa da Serra do Amolar.

**Foto:** André Siqueira (2010).

O relógio já marcava 13 horas e 45 minutos quando o barco começou a diminuir a velocidade para atracar no barranco, estávamos a 45 minutos da comunidade Barra de São Lourenço, e aquele lugar era o “núcleo da Ecoa”. Uma casa espaçosa, toda de alvenaria que recebe pesquisadores, estudantes e toda a equipe da ONG quando existem viagens para aqueles lados do Pantanal. O propósito de se construir uma casa como aquela foi a de proporcionar um pouco mais de comodidade e conforto para quem trabalha constantemente na região (Figura 22).

Construído pela Ecoa em 2008, o núcleo vem sendo usado sempre pela Organização e por instituições parceiras. A casa tem capacidade de abrigar até 15 pessoas. Possui sistema de energia solar, dois quartos, uma sala bem ampla, cozinha, três banheiros e varanda, sendo a casa toda telada. Isso no Pantanal é considerado uns dos maiores luxos, pois existem muitos mosquitos.

Nesta oportunidade pude explorar o lugar e conhecer melhor a estrutura oferecida pela Ecoa.



Seguindo viagem avistei da margem esquerda do rio Paraguai, a primeira das 19 casas que compõem a comunidade Barra de São Lourenço, onde pude realizar a minha pesquisa.

Fiquei confusa e comecei a pensar nas comunidades que conheço e, em todos os casos, elas são formadas por um aglomerado de pessoas que vivem perto umas das outras. A própria palavra comunidade sempre me remeteu a uma imagem de interação, proximidade e união.



**Figura 23** - Escola Municipal da comunidade Barra de São Lourenço.

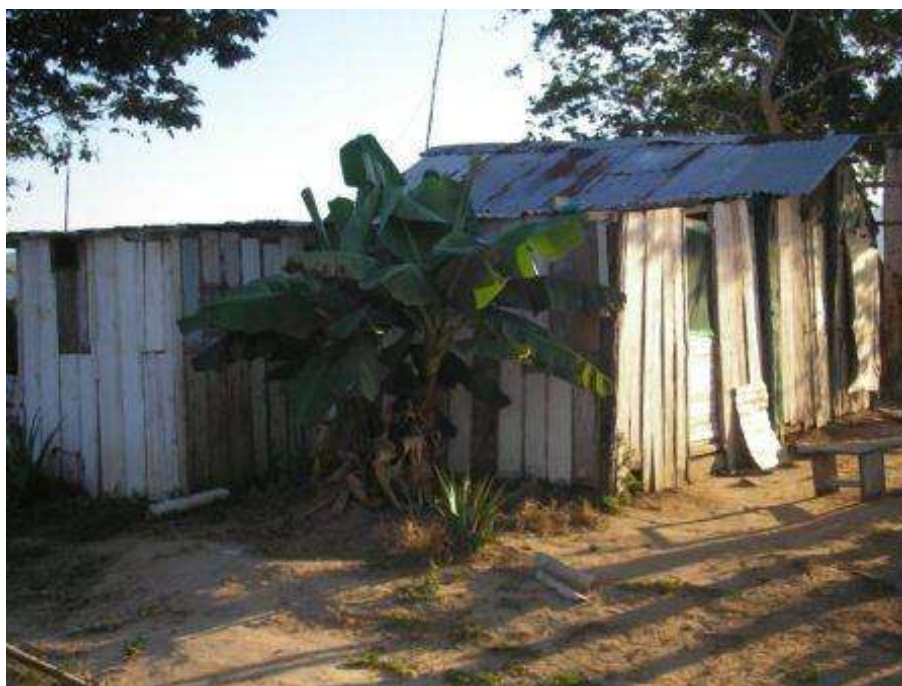
**Foto:** André Siqueira (2010).

Passamos na frente de mais cinco casas. Todas distantes umas das outras, até que o piloto deu os primeiros sinais de que iria desligar o motor. O ponto escolhido para atracar o barco foi a Escola Municipal Rural Polo Porto Esperança - Extensão São Lourenço. Mesmo sem ter descido do barco, percebi que a escola, além de ser a única unidade educacional, é também uma espécie de ponto central da comunidade (Figura 23). Apesar de algumas casas terem sido construídas mais afastadamente, ali, naquele pedaço da ilha, perto da escola, 11 casas dividem o mesmo espaço e mantêm uma relação de vizinhança.

O barco foi se aproximou vagarosamente do barranco, e uma porção de crianças se aproximou para saber o que estava acontecendo. A garotada queria ajudar. A princípio me trataram com indiferença. Bastante incomodada com a distância que as crianças fizeram questão de ter de mim.

Comecei a perceber quem eram aquelas pessoas. Traços fortes, semblante padecido, pele castigada pelo sol forte e pelo demasiado número de picadas de pernilongo, que logo se transformavam em feridas.

Depois de cessada a euforia das crianças e antes de começarmos nossos trabalhos, resolvi dar uma volta pelos arredores. A intenção era conhecer um pouquinho mais sobre aquela realidade. A pé e seguida por três garotinhos curiosos, fiz uma visita rápida às casas mais próximas. Lembro que, conforme meus pés iam marcando o chão batido dos “trieiros” já abertos no meio do mato, os pensamentos brigavam dentro da minha cabeça. Era muita informação para uma pessoa só. O maior medo era dos meus olhos não conseguirem captar tudo aquilo que a cada passo se revelava.



**Figura 24** - As casas traduzem a simplicidade de quem mora na Barra de São Lourenço.



**Figura 25** - A falta de espaço é uma das características das casas na região.

As casas eram como eu imaginava. O cheiro do mato e do rio se misturava. Feitas de madeira e cobertas com folhas de uma palmeira chamada bacuri ou com telhas de amianto, a construção está longe de ser considerada uma casa para qualquer um que conhece o conforto de uma residência na cidade (Figuras 24 e 25).

Seguindo viagem de barco, chegamos ao núcleo de apoio. Num primeiro momento, para quem está acostumado com o barulho da cidade, o silêncio chega a incomodar. Um ar de nostalgia foi tomando conta de todos. A saudade de casa, que até então não tinha tido oportunidade de aparecer, começou a se aproximar lentamente. Fui deitar cedo, apesar de demorar muito para dormir. O calor e os mosquitos que resistiram aos jatos de veneno fizeram a noite ficar mais longa. A preocupação em estar com o corpo descansado para o próximo dia de trabalho também foi um fator que acabou atrapalhando, pois, quanto mais forçamos o sono a vir, mais ele foge da gente.

Para o primeiro dia, havíamos programado uma oficina de desenho, uma reunião com a comunidade e a entrega de alguns exames médicos. Tudo indicava que trabalho não iria faltar. Quando chegamos à comunidade, as salas de aula já estavam preparadas, e a meninada ansiosamente nos esperava. Patrícia e eu estávamos responsáveis pelas atividades com as crianças, enquanto o André faria a reunião com os moradores e a Glaucia entregaria os primeiros exames.

A ideia inicialmente era transformar esse material produzido por eles em um caderno didático (ANEXO B), com informações que ajudassem a minimizar um problema que

afeta as comunidades escolares do Pantanal, a falta de material sobre a região, e que incentivassem o olhar dos alunos para o local em que vivem, buscando promover a conservação ambiental.

Durante o desenvolvimento da oficina, comecei a observar como a vida daquelas crianças pantaneiras se difere da vida das crianças da cidade. Olhando como eles se maravilhavam com os materiais coloridos que havíamos levado, lembrei-me de um poema de Manuel de Barros (1998a, p. 47):

Remexo com um pedacinho de arame nas minhas memórias fósseis. Tem por lá um menino a brincar no terreiro: entre conchas, ossos de arara, pedaços de pote, sabugos, asas de caçarola etc. E tem um carrinho de brucos no meio do terreiro. O menino cangava dois sapos e os botava a puxar o carrinho. Faz de conta que ele carregava areia e pedras no seu caminhão. O menino também puxava, nos becos de sua aldeia, por um barbante sujo umas latas tristes. Era sempre um barbante sujo. Eram sempre umas latas tristes [...].

O tempo passou depressa naquela manhã. O trabalho que nos propusemos a fazer foi realizado. Resolvi, depois da experiência que tive oportunidade de vivenciar com aquelas crianças, continuar minhas visitas pela comunidade. Já tinha definido com a equipe, que o período da tarde seria reservado para isso.

Iniciei minha conversa com Leonora, mulher guerreira e destemida, que possui uma história de vida, digna de ser contada.

Nascida há 40 anos ali mesmo por aquelas bandas, hoje é mãe de oito filhos e dona de uma garra inacreditável. Essa mulher, que nos engana pelo corpo franzino, roupa delicada e um brilho incomum nos olhos é, sem dúvida, o retrato vivo das mulheres que povoam o Pantanal.

Importante ressaltar aqui que o Pantanal, diferente do que se possa pensar, é um lugar onde o sistema que impera é o matriarcal, ou seja, a organização social fica sob a responsabilidade das mulheres no local dois tuiuiús completavam a paisagem (Figura 26).





**Figura 26** - Casal de tuiuiús descansa no quintal de uma das casas da comunidade da Barra.

O som das minhas mãos batendo uma contra a outra logo chamou a atenção dos cachorros, em seguida, das crianças e, só depois, de Leonora, que veio desconfiada em minha direção.

Não dei margem para que ela pensasse nada, fui logo me apresentando e a convidei conversarmos. Num banco de madeira, nós duas nos acomodamos. O primeiro momento da conversa foi idêntico ao das outras casas, me apresentei e contei do interesse em conhecer melhor aquele lugar e as pessoas que ali construíam suas histórias. Conforme a conversa foi se alongando, Leonora, agora já bem menos incomodada com minha presença, me brindou com o relato impressionante de sua vida.



**Figura 27** - Leonora durante entrevista  
**Foto:** Jean Fernandes (2010).

Já numa de suas primeiras falas, deixou escapar ao vento que o grande sonho na vida sempre foi o de poder estudar (Figura 27). Achei aquilo diferente, pois geralmente quem se cria no Pantanal é acostumado, desde novo, com os afazeres da terra, com o pescado e com a vida que segue de acordo com o vai-vém das águas.

Quando Leonora percebeu que eu estava ali realmente disposta a escutar sua história de vida, os detalhes surpreendentemente começaram a surgir:

Quando tinha uns cinco ano de idade, meu pai me levô pra cidade e me largô lá pra que eu fosse estudá. Lá eu fiquei mais três irmão meu. Ele voltô pra cá, pro Pantanal, pra trabalhá. Todo final de mês, minha mãe descia pra cidade, pegava dinheiro com o patrão pra compra roupa, calçado, alimento e largava lá pra nós. Na cidade, eu fiquei era só nós mesmo em casa, os irmão. Quando amanhecia, nós levantava, fazia o café, as higiene e ia pra escola. Nós cuidava um do outro. Lavava a roupa, cozinhava, fazia tudo.

Os olhos brilhantes e o tom com que a história era contada não chamavam só a minha atenção, também os cinco filhos de Leonora que estavam ali na varanda, escutavam encantados o que a mãe tinha a dizer. E assim, a história continuou sendo contada.

Algum tempo depois, meu pai saiu do emprego aqui no Pantanal. Ele trabalha numa fazenda, e minha mãe resolveu ir também para a cidade. Foi quando eu decidi que queria trabalhar. Minha mãe não queria, dizia que eu era muito nova e com só oito anos não ia aguentar a fazer nada. Lembro que ela me falava assim: ‘Quem diz que você vai conseguir trabalhar, criança? Larga de ser importunante menina!’.

Mas eu insistia. Eu via o sufoco dentro de casa e queria ajudar de alguma forma. [...] Foi assim que eu soube de uma dona que queria uma menina para fazer café, ralar guaraná e outras coisas. Essa mesma dona foi lá em casa conversá com minha mãe. Minha mãe, sem saída, me deixou ir. Na casa onde eu passei a morar eles me davam roupa, calçado, comida e ainda me pagava. Lembro que eram cinco cruzeiros. Mas o dinheiro não vinha pra mim, a minha patroa pagava direto pra minha mãe. Eu ficava era muito feliz por que conseguia ajudá.

Nesse momento da conversa, percebi que Leonora, bastante emocionada, olhava com um olhar complacente para seus filhos. Arrisco a dizer que, naquele momento, as lembranças da infância vivida longe do pai e da mãe rondavam seus pensamentos. Enquanto a história ia sendo desenrolada, tentei imaginar uma criança de oito anos de idade morando longe de casa, ralando guaraná e servindo outras pessoas, trabalhando como empregada doméstica e babá, que Leonora, além de ajudar no sustento de casa, teve a oportunidade de conhecer lugares onde jamais pensou estar.

Trabalhei por muitos anos na casa da minha primeira patroa. Quando saí de lá já tinha 14 anos, fui trabalhar de babá. Isso foi no ano de 1984, mesmo ano que viajei pela primeira vez prum outro lugar que não fosse o Pantanal. Fui pra Vitória, no Espírito Santo. Nesta época eu até já tinha me acostumado com essa vida longe da minha mãe, do meu pai e dos meus irmão. Era criada por Deus e por minhas patroa. Lembro que fiquei feliz por viajar, passei a virada do ano lá. O lugar era lindo demais, sem contá que tinha o mar, um bichão grande demais, nem chega perto do rio Paraguai. [...] Depois disso também trabalhei pra família de um empresário, dono de uma dessas marca famosa de cerveja. Com eles conheci o Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Não posso reclamar não [...] Conheci muita gente boa. Visitei uns lugar lindo. Até no Nebron eu já fiquei.

Observando Leonora narrar por onde já havia se aventurado neste Brasil, percebi um sorriso tímido no canto dos lábios. Diante de tanta informação nova, era impossível manter as crianças quietas. Uma delas queria mais detalhes sobre o mar, em sua mente não cabia existir um “rio” maior que o Paraguai, a outra menorzinha queria saber se a mãe já tinha viajado de avião e uma outra, ainda mais ousada, insistia para Leonora contar se, naquele tempo, já pensava em namorar.

Uma a uma as perguntas foram sendo respondidas, e o tom de brincadeira ainda foi mantido por algum tempo. Uma pausa para o café fez com que a meninada se acalmasse. Imaginando que a conversa havia acabado, alguns foram brincar no terreiro com as pequenas bolinhas de gude. Sentadas no mesmo banco de madeira, agora envolvidas por um silêncio

confortável, vi os olhos de Leonora brilharem ainda mais, o motivo era ter chegado o momento de me contar sobre como havia formado a família que hoje possui.

O tempo foi passando e, entre uma casa e outra, uma viagem e outra, a saudade que sentia da minha família foi aumentando. Eu já tava com 18 anos. Tinha passado minha infância e minha juventude por esse mundo afora. Quando pensava nisso, ficava triste [...] Então, numa das vezes que eu fui visitá minha mãe, que não aguentou ficá muito tempo em Corumbá e voltou pro meio desse Pantanal, conheci o Jacinto, meu marido. Já tô com ele há 22 anos. Me apaixonei na primeira vista. Com medo de nunca mais encontrá ninguém como ele e com vontade de ficar mais perto da mãe, do pai e dos meus irmão, resolvi largá a vida na cidade e voltá pro Pantanal.

Apesar de toda emoção ao falar do marido, na voz era possível perceber um quê de desapontamento e, quando a questionei sobre isso, a resposta veio ligeira.

Fui para cidade atrás de um sonho: o de estudá. Consegui cursá só os primeiro anos. Sei escrevê, ler e até ajudo meus filhos com a lição da escola. Mas na verdade mesmo, eu queria era ser uma pessoa estudada, inteligente e ter uma vida mais melhor.

Estudar foi sempre deixado para depois; as necessidades, a falta de comida e a responsabilidade que, desde criança, teve em ajudar no sustento da casa a levaram por um outro caminho. Mas a esperança de Leonora é que, com seus oito filhos, o destino seja mais generoso, e que as oportunidades sejam melhores:

Depois de tudo que já passei na vida, daqui não saio mais não. Meu tempo já passou. Só vorto pra cidade se algum dia aqui na Barra de São Lourenço fartá o estudo pros meus filhos. Ai vou ser obrigada a alugá uma casa na cidade e fazê com que eles garantam o futuro deles. Quero que eles tenham um emprego que compete com a vivência deles. Essa vida aqui que nós leva é muito sofrida.

Quando chegamos nesta parte da conversa, algumas curiosidades, não só sobre a vida de Leonora, começaram a vir à tona. Na verdade, o relato se tornou praticamente um retrato de como é a vida dos ribeirinhos que hoje moram na comunidade da Barra de São Lourenço. Entre uma fala e outra, descobri que as únicas fontes de renda da comunidade vêm da coleta de iscas vivas e da pesca. Essas duas atividades ajudam na manutenção do setor turístico da região, já que o peixe e a isca que eles retiram dos rios são comprados pelos barcos hotéis que trafegam até aquela altura do Paraguaizão.

O que ninguém pode imaginar o desgaste e a dificuldade que esse povo enfrenta todos os dias para garantir o sustento de suas casas. A família de Leonora, por exemplo, vive só da coleta de iscas. O pescado é para subsistência:

Sei que aqui é uma benção. Você levanta e dorme no paraíso, você não tem barulho, não tem poluição, não tem roubo, não tem assalto, mas no aspecto da vida e o tipo de você sobreviver, aqui é muito difícil. É sofrido. Se você não pesca, não cata uma isca, não cai aí na água pra pegar umas tuvira pra vendê e tirar o sustento da casa, de onde é que vai tirar? Emprego aqui não tem. Cada um tem que se virar. Por isso que penso tanto nos estudos dos meus filhos, pra que, quando eles tiverem no tempo de ter a casa deles, eles conseguirem também um emprego digno.

Quando escutei esta última frase, lembro que fiquei me questionando o que ela quis dizer com “emprego digno”. Se catar iscas de sol a sol, em cima de um pequeno bote feito por apenas um tronco de árvore, enfrentando todos os perigos do Pantanal não é dignidade, então o que será? Leonora me revelou que sempre tomou frente da casa, mas recentemente as dificuldades aumentaram, isso porque Jacinto, o marido dela, passou de uns tempos pra cá a apresentar alguns problemas psíquicos o que o impede de ajudá-la efetivamente com os afazeres. Agora, realmente toda a responsabilidade está nas mãos de Leonora. O sustento dos oito filhos e do marido depende exclusivamente do seu esforço e do seu trabalho:

Só a coleta de isca mesmo é que sustenta a minha família. Todo domingo nós entregamo uma quantia de tuvira e caranguejo pra um barco que temo contrato. Com o dinheirinho que conseguimos, fazemo uma lista de compra e o dono do barco que compra a isca de nós é que trás as compra todo o mês. [...] Sei que o preço que pagam pelas nossa isca não é justo, vendemo por R\$ 0,30 ou R\$ 0,35 centavos cada uma, não sei ao certo, mas já ouvi dize que lá em Corumbá essa mesma isca é vendida por R\$ 1,50. Mas o importante é que dá pra tirá o nosso sustento.

Como se não bastasse toda essa situação, Leonora ainda me conta sobre uma prática constate que acontece na região: a exploração pela na qual são submetidas as pessoas que se rendem aos encantos e a lábia do paneleiro:

A situação só se complica um pouco quando farta alguma coisa de alimento aqui em casa e a gente é obrigada o compra umas mercadoria do paneleiro. Na última vez mesmo, nós tava sem compra e resorvemo pega umas coisa com ele, acabamo se dando mal. [...]

Lembro que comprei dois quilo de carne, um fardo de trigo, 15 quilo de arroz, cinco lata de óleo, uma lanterna, quatro pilhas, um pacote de bolacha e outro de chicrete pras crianças. Tadinha das criança né? Elas gosta de doce. Essa mixaria de coisa, que não dá direito para nem um mês, deu mil reais. E o único jeito de pagá isso é com isca, só que ele compra de nós a isca por R\$ 0,25. No final, pra pagar essa conta eu vô te que cata quatro mil iscas. E pegar quatro mil iscas não é fácil não. É com muito esforço e com muita dificuldade que a gente tenta sobreviver.

Quando terminei de escutar aquilo que Leonora contava, uma mistura de revolta e desânimo abateram-se sobre mim. Não queria acreditar que até ali as pessoas eram exploradas e obrigadas a conviver reféns da ganância e da ambição. Acho que, percebendo meu semblante triste e inquieto, Leonora de um jeito todo amável e com a voz mais doce que das outras vezes, tentou me consolar:

Mas sabe de uma coisa minha filha? Apesar de tudo isso eu sempre agradeço a Deus. Sei male má escrevê meu nome, mas sei que tenho braço e perna forte pra trabalhar e uma mente sadia para entender tudo isso que acontece na minha vida.

O conformismo na voz de Leonora não foi o suficiente para tranquilizar, mas, de certa forma, foi providencial para que eu compreendesse que essa pantaneira se reinventa todos os dias e, ao reinventar-se, reinventa a vida. Usando as próprias palavras de Manoel de Barros (1998b, p. 21), ousou dizer que ela “através de uma pedra é capaz de inventar um lagarto [...]”, através de uma tuvera reinventa o alimento... e através de um sorriso, o motivo para continuar sonhando e vivendo.

Nos dias que se seguiram, muitos trabalhos ainda foram desenvolvidos, mas a impressão mais forte que, de volta para Campo Grande, trouxe comigo daquela viagem foi a naturalidade com que eles encaram os problemas que vão surgindo com os passar dos dias e a sabedoria que possuem para resolvê-los. São pessoas que possuem sonhos como qualquer um de nós, mas que não se apressam ou não acham o fim do mundo não os alcançarem rapidamente.

### 3.2 AS FALAS DO MENINO JEAN

Quando menino encompridava rios.  
Andava devagar e escuro - meio formado em

Silêncio.  
Queria ser a voz em que uma pedra fale.  
Paisagens vadiavam no seu olho.  
Seus cantos eram cheios de nascentes.  
Pregava-se nas coisas quanto aromas.

(MANOEL DE BARROS, 1998b, p. 47).

Durante três meses entre uma viagem e outra na Comunidade Barra de São Lourenço foram importantes para que eu pudesse assimilar as primeiras impressões que tive sobre a comunidade e para estreitar meus laços com a Ecoa. Como voltamos da viagem de março com um número muito grande de informações, passei a frequentar mais a sede da ONG para poder auxiliar a Patrícia e as outras pessoas envolvidas com o projeto Crianças das Águas na organização dos dados.

Nesse período fui convidada para fazer parte do quadro efetivo de funcionários da Ecoa. Agora, como contratada da Organização trabalharia perto daqueles ribeirinhos e compartilharia também com eles a vivência no local, que teve início no dia 28 de junho de 2009. Arriscava dizer que essa viagem para mim teria um gosto todo especial. O principal motivo é que teria um tempo bastante razoável para conviver com os moradores, isso porque ficaríamos no meio do Pantanal por exatos dez dias.

O barco usado nesta travessia era bem mais simples e menos confortável. A equipe de trabalho e as tarefas a serem executadas também não eram as mesmas. Durante dez dias, André, o mestre de obras, Freddy e eu tivemos a missão de trabalhar com a comunidade na construção de um entreposto de iscas. Mais uma das ações planejadas e executadas pela Ecoa na intenção de fortalecer a comunidade e fazer uma interlocução às famílias que vivem na região uma maior autonomia na hora de negociar suas iscas com os compradores.



**Figura 28** - Entreposto para acondicionamento de iscas vivas.

O entreposto teria a função de armazenar as iscas coletadas pelos moradores, que até então por não terem um local apropriado para isso se sentiam obrigados a vender o produto para o primeiro comprador que aparecesse, independente do valor oferecido. Tudo isso, para que as iscas não morressem por não estarem acondicionadas num lugar adequado (Figura 28).

Nesse contexto eu fui responsável pelo cadastro de todas as pessoas da comunidade da Barra de São Lourenço no Sistema Único de Saúde. Uma tarefa, à primeira vista, fácil e que poderia me proporcionar muitas surpresas.

Ao chegar à comunidade nos alojamos na escola. Esta escola era bem simples. Não tinha nada de luxo, mas tinha o essencial: alguns colchões para podermos dormir (Figura 29). Como já se aproximava da meia-noite, achamos mais prudente nos deitarmos logo. A energia, que só é estabelecida por gerador e a água para tomarmos banho, puxada por uma bomba, ficaram como prioridades da manhã seguinte. Sem banho, sem comida e ainda com muito frio, demorei pegar no sono. Lembro que me deitei na cama superior de um beliche, havia muitos morcegos no quarto e um rato atrevido ainda fez questão de atormentar a todos.



**Figura 29** - Quarto da Escola Municipal da Comunidade que serviu de abrigo.



No dia seguinte, Durvalino e eu tínhamos uma incumbência: precisávamos voltar à fazenda de barco onde estava acontecendo a festa de São Pedro e buscar as chaves do núcleo. Só assim, poderíamos ter um pouco mais de conforto durante a noite.

Uma vez no barco senti que estávamos próximos da fazenda. Na certa, a atenção de quem estava em terra se voltou somente para o barquinho da Ecoa chegando. Em princípio, eu nem queria descer, estava até parecendo um bicho do mato, mas o comentário do piloto me fez mudar de ideia rapidinho. Segundo ele, não pode haver uma desfeita maior no mundo para um pantaneiro que você parar no barranco dele e não descer para, pelo menos, dar um aperto de mão. Longe de querer fazer uma desfeita para os pantaneiros da região, prontamente desci do barco e fui em direção a um grupo de pessoas. Para minha surpresa, fui repreendida novamente. Um senhor alto, cabelos grisalhos, com um semblante diferente dos pantaneiros da região, foi logo dizendo: “sou o dono da festa, mas aqui quem recebe os primeiros cumprimentos dos visitantes é o meu amigo São Pedro”.



**Figura 30** - Imagem de São Pedro, o homenageado da festa.



**Figura 31** - Armando, responsável pela festa no Pantanal contando seus causos.

Sem entender nada e constrangida com a situação, fui guiada pelo Durval até um altar, onde a estátua de São Pedro se colocava toda majestosa e dona de si (Figura 30). Claro que fiquei observando todos os movimentos do roteirista. A ideia era fazer exatamente igual a ele, só assim eu garantiria que ninguém mais me chamasse a atenção. Foi instantâneo, mal terminei de fazer a reverência ao Santo, o mesmo homem alto de cabelo grisalho, agora com um ar bem mais acolhedor, aproximou-se para devidamente sermos apresentados.

Com um sorriso no canto dos lábios, revelou que seu nome é Armando, e que é o responsável por realizar, todos os anos, a festa de São Pedro para os ribeirinhos da região. Agora, confortavelmente sentada de baixo de uma frondosa árvore, comecei a perguntar sobre a festa e seu significado. Não demorou muito, Armando começou a me dar as explicações (Figura 31).

Descobri, durante a conversa, que São Pedro foi um homem de origem muito humilde, apóstolo de Cristo e encarregado de fundar a Igreja Católica. Considerado o protetor das viúvas e dos pescadores, ele é festejado no dia 29 de junho. Depois de sua morte, segundo a tradição católica, foi nomeado chaveiro do céu. Assim, para entrar no paraíso, é necessário que o santo abra suas portas. Também lhe é atribuída a responsabilidade de fazer chover. Quando começa a trovejar e as crianças a chorarem com medo, é costume acalmá-las, dizendo: “Calma isso é a barriga de São Pedro que está roncando” ou “ele está mudando os móveis de lugar”.

Armando também me contou que, no dia de São Pedro, todas as pessoas que foram batizadas com o nome de Pedro devem acender fogueiras na porta de suas casas. Além disso, se uma pessoa amarrar uma fita no braço de alguém chamado Pedro, ele tem a obrigação de dar um presente ou pagar uma bebida àquele que o amarrar, tudo isso em homenagem ao santo.

Faz parte também da festa de São Pedro o famoso churrasco. Era exatamente isso que estava acontecendo quando Durvalino e eu chegamos à festa (Figuras 32 e 33).



**Figura 32** - Churrasco preparado no buraco.

A sanfona estava com seus acordes. Os casais dançando animadamente, e a carne sendo assada numa grande e improvisada churrasqueira, devidamente preparada no chão da fazenda (Figuras 33 e 34).





**Figura 33** - Pantaneiros responsáveis pela animação da festa.



**Figura 34** - Com violão e sanfona o arrasta pé foi animado durante todo o período da festa de São Pedro.

Não demorou muito para que o almoço fosse servido. Depois de muita insistência, Durvalino e eu resolvemos ficar para apreciar a culinária da festa. As rezas e os agradecimentos a São Pedro, é claro, não poderiam faltar. Depois de autorizado, timidamente eu peguei meu prato e coloquei um pequeno pedaço de carne e um pedaço de mandioca. Já distante da mesa, o

comentário de um típico pantaneiro da região me chama a atenção: “a dona moça não pegou nada de comida, aposto que ela tá esperando o final do boi” (Figura 35).



**Figura 35** - Cabeça de boi assada (“O resto do boi”).

Final do boi. Não tinha ideia do que aquilo significava, mas também não me preocupei em investigar. O cheiro da carne assada que vinha do meu prato estava muito mais convidativo. Só fui ter noção do que aquele pantaneiro dizia quando uns dois ou três homens vieram em minha direção, carregando uma enorme cabeça de boi e, como se fosse a coisa mais normal do mundo, me ofereceram um pouco dos miolos do animal. Achei aquilo muito estranho. Claro que todos perceberam minha reação. A brincadeira tomou conta da festa. Insistentemente várias pessoas tentaram me convencer de comer aquela iguaria, mas nenhuma teve sucesso.

Plenamente satisfeita com a refeição e bem longe da cabeça de boi assada, aquele soninho habitual que impera depois do almoço começou a deixar meus reflexos mais lentos. Esse era o sinal de que deveríamos voltar para a comunidade. Afinal de contas, o André e o Freddy não tinham nem ideia de que iríamos demorar tanto para buscar uma chave, e já deveriam estar preocupados. O retorno foi bem tranquilo. No trajeto, fiz algumas perguntas para o Durvalino sobre o modo de vida dos pantaneiros e sobre os costumes do povo que habita aquela região. Chegamos à Barra de São Lourenço por volta de cinco horas da tarde.

Logo que chegamos, uma pequena reunião entre a equipe foi feita. O objetivo era decidirmos entre ficar na ali mesmo na escola durante aqueles dias de trabalho ou ir todas as

noites para o núcleo de apoio da Ecoa. Depois de muita discussão, achamos mais prudente ficarmos na escola. Afinal, o contato com os moradores seria maior e não perderíamos ao ficar todos os dias indo e voltado de barco para o núcleo. Decisão tomada, alguma providências tinham de ser adotadas. Enquanto Freddy arrumava a bomba d'água que traria água do rio Paraguai para dentro da Escola, eu fui dando um jeito de melhorar o quarto onde estávamos dormindo.

Nosso único problema estava sendo a luz, o gerador apresentava problemas. Na hora, não vimos isso como algo preocupante, pois tínhamos lanternas e velas para quebrar a escuridão. Depois de tudo ajeitado, o cansaço tomou conta de todos.

Durante o jantar, um grupo grande de ribeirinhos veio até a escola nos fazer companhia, e o episódio acontecido havia pouco acabou sendo motivo de muita risada e responsável por uma série de histórias que passaram a ser contadas sobre ataques e acidentes parecidos. Com essa conversa, passei a conhecer um pouco mais sobre como as pessoas da comunidade fazem para curar algum machucado e outros tipos de doenças. Por ser a flora pantaneira caracterizada pela farta riqueza vegetal, as plantas nativas são, por vezes, o único recurso com potencial medicinal acessível a esses ribeirinhos.

A diversidade de plantas utilizadas é muito grande. Como exemplo, há a espécie *Heteropterys aphrodisiaca*, popularmente conhecida como “nó-de-cachorro”, usada para curar problemas de visão, disenteria, debilidades nervosas, doenças venéreas, e também serve como afrodisíaco.

O mais notório sobre esse assunto é que, quando passei a questionar os ribeirinhos sobre como aprenderam a preparar os remédios e sobre o conhecimento que possuem referente das propriedades de cada planta, disseram-me que aprenderam com os mais velhos, mas garantiram que todas as receitas funcionaram.

Obviamente esses saberes já fazem parte da cultura local do povo, e as plantas até hoje utilizadas medicinalmente por eles, na certa, já eram utilizadas no passado por seus ancestrais.

Uma diversidade muito grande de plantas é utilizada medicinalmente pela comunidade, exemplos é o que não falta, mas, naquela noite, o grupo que proseava na varanda acabou me falando só sobre as que eles mais usam que são: o cambará (*Vochysia divergens Pohl*) com cujas folhas é preparado um chá que cura asma e gripe, o ipê-roxo (*Tabebuia heptaphylla*), árvore bastante comum e com propriedades para curar sinusites, úlceras e artrite, e o famoso ipê-amarelo, também conhecido no Pantanal como paratudo (*Tabebuia*

*caraíba*) cuja casca é amassada e fervida com leite, usada no combate à hepatite, anemia e verminoses em geral.

No dia seguinte fui até a cozinha para saber quem era o responsável, chegando lá encontrei o Freddy que, antes mesmo de me dar bom-dia, disse que precisava me mostrar uma coisa. Fiquei bastante curiosa e, como ele começou a andar em direção à varanda, imaginei que ele queria que eu visse algum bicho da fauna pantaneira que passeava pelos arredores. Para minha surpresa, não era nada disso; ele queria era me mostrar um enorme barco da Marinha do Brasil que estava atracado ali, bem pertinho da escola (Figura 36).

Depois de tomar café e traçar as metas de trabalho do dia, resolvi conhecer melhor aquele grande navio e saber um pouco mais sobre o motivo que o tinha trazido até a Barra de São Lourenço.



**Figura 36** - Barco da Marinha encarregado de prestar assistência médica à população da comunidade.

Uma fila grande e animada de ribeirinhos se formava na entrada principal da embarcação. Aos poucos, fui conhecendo alguns tripulantes do navio e me inteirando sobre o trabalho que eles desenvolvem. Uma das primeiras pessoas com quem tive contato foi a Tenente Márcia, que gentilmente me passou a programação que a Marinha tinha preparado para os moradores da comunidade. Segundo ela, o navio ficaria ancorado ali perto da escola por dois dias. Durante esse período, os tripulantes, quase todos médicos, enfermeiros ou



dentistas, prestariam atendimento de saúde e ministrariam algumas oficinas aos moradores (Figura 37).



**Figura 37** - Equipe da Marinha, durante os atendimentos e ministrando os mini-cursos oferecidos para as pessoas da comunidade.

Recordo nitidamente a alegria que senti em saber que mais pessoas se interessavam pelas comunidades isoladas como aquela, ainda mais quando o assunto é saúde, sobretudo na Barra de São Lourenço, um dos tantos exemplos de comunidade que não possuem políticas públicas apropriadas para garantir uma melhor qualidade de vida para seus habitantes.

Em meu trabalho de cadastramento dos SUS visitei a primeira casa, coletando dados e preenchendo a ficha de Zeferina. Essa primeira visita seria uma espécie de teste, pois, antes de mais nada, eu queria saber quanto tempo seria gasto com o preenchimento do formulário do SUS. Só assim poderia fazer um cálculo de quantas casas seriam visitadas por dia. A conversa com Zeferina não poderia ter sido melhor. Acabei ficando bem mais que o tempo necessário. Não tive coragem de recusar o bolo de fubá e o chá bem quentinho que me foi oferecido. Depois de muito papo e de uma despedida bastante afetuosa, me coloquei rumo à próxima casa, e assim se deu no restante da manhã. De casa em casa, fui conhecendo por nome todos os moradores da comunidade da Barra de São Lourenço.

Naquela manhã do dia 30 de junho de 2009, eu visitei todas as residências que ficam no lado de cima da escola e onde o acesso só é permitido por meio de barco. Simplificando, fiz três visitas. Retornamos à escola por volta de meio-dia.

Depois do almoço a recomendação vinda dos próprios pantaneiros, de que devíamos descansar um pouco. Tínhamos 30 minutos para recuperar as forças e voltar ao



trabalho, mas o calor era muito forte e o desconforto por ter comido muito não me permitiu tirar o cochilo. Resolvi ajudar Joana na cozinha, a qual tinha apenas 32 anos. O meu espanto veio porque as marcas de expressão, o semblante cansado, o peso bem acima do recomendado e os olhos cabisbaixos me diziam outra coisa (Figura 38).

Joana me contou que um de seus filhos era “do coração”, ela se propôs a me contar como ele, o pequeno Jean, havia entrado em sua vida. Sentada numa banqueta bem próxima da janela, começou a me contar:

O Jeanzinho tem quatro anos agora. Peguei ele para criar quando tinha uns dois. Foi um encontro meio das avessas. Fiquei muito doente numa época e tive que ir para Corumbá me tratá. Inté achei que ia morrer. Perdi até as conta de quanto tempo fiquei internada. Foi nesse período que encontrei o Jeanzinho. [...] Na verdade ele é filho de uma parente distante do meu marido. Por sorte, um dia meu marido tava lá me visitando no hospital e viu essa mulher. Ele foi lá perguntá se estava tudo bem e qual o motivo dela está lá. A mulher começou a contá uma história estranha e disse que tinha tido um filho que sempre vivia muito doente e internado. Falou também que não aguentava mais aquela situação e que não tinha mais como ficá com aquela criança. Meu marido chegou no quarto e me contou sobre a conversa que teve com a tal da parente dele. Fiquei curiosa pra conhecê a criança. Não demorô muito, consegui ir visitá ele na enfermaria. Os dias foram passando lá no hospital e eu ficando cada vez mais apegada ao menino. Como a mãe não queria mais ele mesmo, eu e meu marido resolvemo que ele iria pra Barra com nós. A mãe dele não falô nada. Tenho pra mim que ela até gostou de ficar livre. E foi assim que o Jeanzinho veio morá aqui com nós. No começo foi bem difícil, porque virava e mexia ele ficava doente. Era uma correria, só dava eu e o pai dele descendo pra Corumbá pra consulta médica. Como já disse, o Jean sempre foi muito doentinho. O médico disse pra nós que pela mãe dele ter tomado muitos remédios durante a gravidez, alguns problemas passaram para criança. O mais sério dos problemas é que ele é mudo. Mas agora ele tá bem, forte igual a um touro, esperto e danado como tudo as crianças daqui. Isso se não for até mais.

Reflete como pode aquele casal, mesmo com tanta dificuldade, morando numa casa feita de pau a pique, tendo que tirar dia a dia arduamente do rio Paraguai o sustendo da família, ter sensibilidade e discernimento para entender que só o que aquela pequena criança precisava era de amor? Resposta difícil de encontrar. Afinal, amor não se explica simplesmente se sente, e é assim que Jean vive hoje: cercado de amor, afeto e perto da sua família do coração.



**Figura 38** - Joana pausa para foto depois de contar sua história.

**Foto:** André Siqueira (2010).

Joana mora próximo da escola, não há necessidade de barco para chegar, isso significa que rapidamente eu estaria lá. Conforme me aproximava da casa, meu sorriso não se continha.

Quando comecei a me aproximar da casa, cumprimentei a todos, tentando ser agradável com Jean, ele é mudo, não é surdo, escuta tudo perfeitamente.

Naquele início de tarde, ainda consegui arrancar dele alguns sorrisos e alguns tímidos abraços. Percebi que ele estava gostando da atenção que recebia. Pois, segundo Joana, as crianças da comunidade têm um pouco de dificuldade em aceitar o Jean nas brincadeiras. Eles, sem maldade alguma, o consideram mais frágil por não poder falar. Não sei explicar o que aconteceu comigo, confesso que fiquei impressionada com a história do Jean e da família de Joana. O sentimento que estava tendo pelo pequeno pantaneiro era diferente de tudo que já havia experimentado. Era algo além de afinidade.

Quando decidi ir embora e dar continuidade às visitas pela comunidade, ganhei do Jean um abraço ainda mais apertado do que os outros. Lembro também do jeitinho único dele me apontando as latas velhas e os pedaços de pau no quintal, eram seus brinquedos preferidos. A tentativa era de me convencer a ficar mais um pouquinho e iniciar uma nova brincadeira.

Missão cumprida, agora só me restava voltar para a escola antes que o sol se recolhesse de vez.

Na manhã seguinte, logo cedinho defini as tarefas do dia. Mas, antes de sair para cumprir com meu trabalho, resolvi passar na casa de Joana para desejar um bom dia ao Jean e lembrá-lo de que mais tarde brincaríamos juntos.

De longe, percebi que, na casa de Joana, o desjejum estava sendo servido. Na mesa, a garrafa de café fazia companhia para alguns pedaços de pão e um bolo já pela metade. Fiquei surpresa quando avistei o Jeanzinho perto da mesa, ele estava tão arrumado que até estranhei. Todo o estranhamento é porque, no dia a dia, no Pantanal, as roupas usadas são todas muito simples, sem luxo nenhum. Se alguém se veste ‘melhorzinho’ certamente é porque tem algum compromisso na cidade ou alguma festa nas redondezas para ir. A curiosidade mais uma vez imperou. A discrição foi deixada de lado, e eu, toda animada, perguntei ao garotinho, lhe dando um abraço, aonde é que ele iria tão bonito daquele jeito.

Com medo que eu não entendesse o que ele queria dizer, olhou para mãe pedindo ajuda. Joana rapidamente entendeu a súplica do filho e me respondeu: “o Jean vai lá na doutora da Marinha arrumar tudo esses dentes”. Como já disse anteriormente, o Jean, por ter sido exposto a remédio muito forte durante a gravidez, acabou desenvolvendo alguns problemas de saúde. Um foi o problema com a fala, e o outro, o comprometimento total de sua estrutura dentária. Sendo assim, os poucos dentes, ainda de leite, que lhe sobravam na boca estavam maltratados e podres. Isso certamente indicava que os dentistas da Marinha iriam ter um trabalho.

Depois de tomar o café e higienizar a boca, aquele pequeno menino se pôs rumo ao navio ancorado perto da Escola. Achei estranho ele simplesmente dar um beijo na mãe e seguir sozinho pelo caminho. Incomodada com a situação, perguntei a Joana se ela não iria acompanhá-lo. Para mim, acostumada com as formalidades da cidade grande, era inconcebível uma criança tão pequena ir ao médico ou ao dentista sem ser acompanhado por um responsável.

A resposta não demorou a vir: “aqui é assim Silva, as criança tão acostumadas a ir sozinhas. Não tem problema não. Depois pergunto pro doutor como que tá a situação”. Não conformada com aquilo, mas obviamente respeitando a maneira daquele povo viver, logo esqueci o assunto.

A casa de Joana é um lar muito simples, construído parte com madeira, parte com concreto. Possui apenas três cômodos, uma sala e dois quartos, a cozinha fica desvinculada da casa, assim como o banheiro.

Jean retornou do dentista e desconfiada por ele ter voltado tão rápido do navio, Joana perguntou como havia sido no dentista. Ele tentou disfarçar e fez um sinal de positivo

com o polegar direito. Claro que, no mesmo instante, percebemos que ele estava mentindo. Joana até ensaiou dar um sermão, mas eu, para tentar acalmar os ânimos, interferi na conversa e sugeri que talvez ele não tivesse tido coragem de ir sozinho. Afinal, dentista é algo que causa um pouco de medo mesmo.

O Jean, bastante grato pela interferência feita, abraçou minha perna e concordou com a cabeça. Não precisava dizer nada. O único problema daquela história toda é que ele estava com muito medo e, se dependesse dele, jamais voltaria naquele navio. Tentando ajudar e me sentindo como alguém que ele confiava, fiz uma proposta: caso ele topasse ir ao dentista comigo, eu ficaria o tempo todo com ele e, ainda de quebra, lhe daria um brinquedo bem bacana assim que saíssemos do consultório flutuante.

Ele, completamente receoso, com um olhar distante e cheirando a medo, balançou a cabeça vagarosamente me dizendo sim. Apesar de ter concordado, era visível que ele não estava nem um pouco confortável com a situação. Naquele momento, cheguei a me arrepender da proposta que tinha feito. Era uma proposta praticamente irrecusável. Pois quem só possui pedaços de madeira e uma lata suja para brincar, obviamente, se renderia a um brinquedo novo em folha conforme eu havia prometido.

O arrependimento rapidinho foi embora quando me lembrei de que a intervenção seria para o bem dele. Em poucos minutos, estávamos seguindo rumo ao navio. Era pouco mais de oito horas da manhã e a fila em frente ao barco da Marinha estava bem pequena o que facilitou a espera pelo atendimento. Não demorou muito, a Tenente Márcia chamou pelo nome do Jean, que subitamente me olhou como quem dizia: temos mesmo de ir?

Mais uma vez, eu expliquei que aquilo estava sendo feito para o bem dele e que não demoraria nada. Bastariam alguns minutos, e tudo seria resolvido. Já sentado na cadeira de dentista, ele começou a se mostrar resistente. Eu, serenamente o acalmei e fiz com que ele se lembrasse do brinquedo lindo que iria ganhar, se ficasse quietinho. Ele fez novamente o sinal de positivo com a mão direita e deixou a dentista verificar a situação de sua boca.

Por alguns momentos, eu também fiquei tranquila, achei que seria rápido e fácil dar início ao tratamento dentário do Jean. Mal sabia eu o quanto estava enganada. Passados uns 10 minutos, a tenente Márcia me chamou num canto do navio e o drama começou. Ela, toda sem jeito, me avisou que a saúde bucal do garotinho estava muito comprometida e que não haveria outra forma de ajudá-lo a não ser arrancando todos os dentes que ele ainda possuía.

Minha reação foi a pior possível. Não a deixei terminar direito de falar e já fui discordando. Na minha cabeça, aquilo era desumano. Uma criança de apenas quatro anos

perder todos os dentes e ainda por cima num consultório improvisado do barco da Marinha? Longe de mim questionar a qualidade do serviço da Marinha, mas e se acontecesse algum problema mais sério? Afinal, aquilo seria uma cirurgia.

Vendo minha resistência, mais dois dentistas se aproximaram e tentaram me convencer de que aquilo era o melhor a se fazer. Pensei por alguns minutos e disse que não poderia tomar uma decisão como aquela, se quisessem prosseguir deveriam pedir a autorização a Joana. Rapidamente dois dentistas e eu fomos à casa de Joana explicar a sugestão dada pela Tenente Márcia. De imediato, ela disse que não, mas, depois de o dentista insistir um pouco mais, ela acabou cedendo.

Voltamos para o navio. Eu estava tão triste com tudo aquilo que o único sentimento era de frustração. A única coisa que me vinha à cabeça é que eu estava sendo uma traidora. Afinal, eu tinha prometido para o garotinho que não demoraríamos nadinha e que ele não sentiria dor alguma. Traí a confiança daquele pequeno menino, nada poderia ser pior! Fui me aproximando dele, que, sem entender nada do que estava acontecendo, esticava os braços na minha direção pedindo para ir embora. Eu, com a voz pressa e sem coragem de olhar dentro de seus olhos, tentei explicar que demoraríamos um pouco mais ali no navio e que seria necessário que ele ficasse quietinho enquanto os dentistas arrumavam os seus dentes.

Claro que ele percebeu que eu também estava com medo. Fiquei impressionada com a forma que ele me olhou. Estava escrito no preto de seus olhos o quanto ele estava chateado comigo. E, para piorar ainda mais a situação, o dentista me chamou num lado e disse que precisaria da minha ajuda. Sem saber exatamente como poderia ajudar, me prontifiquei e disse que faria de tudo para ser útil. Só não imaginava que a função que me dariam era a de segurar o Jean enquanto a cirurgia fosse realizada.

Sem cerimônia, o dentista me explicou que várias anestésias teriam que ser aplicadas e que, com certeza, ele iria sentir dor nestes primeiros momentos. Como ali dentro eu era a única pessoa que ele conhecia, acharam melhor que eu tentasse acalmá-lo e que, sem machucar, tentasse mantê-lo firme na cadeira enquanto o procedimento estivesse acontecendo. Eu nunca tinha passado por uma situação como aquela. A sensação era muito ruim. Sou uma pessoa muito sensível com crianças, não conseguia imaginar um pequenino como aquele, tendo que ser segurado à força enquanto lhe aplicavam várias injeções.

Pedi um tempo para pensar e até disse que não seria capaz de fazer aquilo. Só que, mais uma vez, fui convencida por todos que estavam no consultório e acabei topando. Explicaram-me que a melhor forma de segurá-lo seria eu deitar na cadeira de dentista e colocá-lo sobre o meu corpo. Assim, com as duas mãos, eu deveria segurar firme os bracinhos

dele, enquanto minha perna direita prenderia as duas pernas dele. Pois bem, foi assim que fizemos. O Jean não estava entendendo nada e, mais apreensivo do que nunca, já tentava os primeiros golpes para se ver livre de mim.

O procedimento começou às nove horas e trinta minutos e com menos de cinco minutos as lamentações começaram. O choro dele era tão alto e forte que meus ouvidos mal podiam escutar as recomendações que vinham dos dentistas. Achei naquele instante que não teria forças físicas nem emocionais para aguentar. Meus pensamentos iam longe. O tempo todo eu imaginava o quanto ele estava me odiando. A pessoa que minutos antes tinha lhe prometido que nada de mal iria acontecer, agora participava da sua tortura. Impossível esperar que um menino de quatro anos entendesse que aquilo era para o seu bem.

Além de psicologicamente não ter mais forças, o meu corpo reclamava por não aguentar mais o peso do Jean. Lembro que os meus músculos tremiam descompassadamente. Os braços eram os que mais sofriam. Ainda estávamos no meio da cirurgia, haviam se passado duas horas e meia quando o Jean, cansado de lutar com minhas mãos e pernas, se rendeu a um sono profundo. Foi só assim que eu também consegui descansar um pouquinho. Durante o curto cochilo que ele deu, foi possível outro dentista trocar de lugar comigo.

Sinceramente não sei o que era pior. Apesar de estar muito difícil continuar ali segurando-o na cadeira, fiquei com medo da reação do Jean quando me visse do seu lado e não mais o prendendo incansavelmente. Tinha medo de ele apenas com o olhar, me dizer coisas que eu não queria ouvir. A sensibilidade dele fazia com que seus olhos se tornassem uma janela de vidros transparentes, onde seus sentimentos eram todos colocados em evidência.

Não demorou muito para ele despertar do sono. Lembro que, antes desse momento, tive tempo de tomar uma água e descansar um pouco os braços. Nervoso, numa tentativa brusca, ele teve sucesso em virar a cabeça, foi neste instante que ele me viu em pé ao lado do bebedouro. O choro parou na hora, na certa ele não entendeu por que eu não o segurava mais. Rapidamente eu me dirigi para perto da cadeira e tentei acalmá-lo. Por incrível que pareça, o carinho despretensioso, deu resultado. Por alguns instantes, ele parou de chorar e ficou simplesmente me olhando. Na verdade, acho que olhando não é a palavra certa, ele estava me contemplando. O olhar profundo que ele dirigia me deixava ainda mais envergonhada. No fundo, acho que ele estava conseguindo perceber todo o medo e receio que eu estava sentindo.

Passamos mais duas horas e meia naquela mesma posição. Por vezes, eu mudava de lado para não atrapalhar a dentista. Ele se mostrou mais calmo durante as últimas horas do

procedimento. Mais três vezes ele se rendeu ao sono e deixou que seu corpo relaxasse. Isso certamente facilitava muito o trabalho de quem fazia a cirurgia.

Quando os últimos pontos cirúrgicos foram dados, eu nem acreditei, mas parecia que eu tinha estado deitada naquela cadeira por exatas cinco horas. O alívio foi grande. Assim que o levantaram, eu me aproximei vagarosamente e estiquei meus braços em sua direção. Para falar a verdade, eu imaginava que ele iria simplesmente me ignorar e sair repentinamente daquele navio em busca de sua mãe. Mas não, a reação foi inusitada. Ele, vendo meus braços abertos, se encaixou perfeitamente no meu corpo e me abraçou longamente.

Aquele momento tinha um gosto doce de alívio. Só ali, abraçada a ele, entendi que tudo aquilo era necessário. Ainda antes de soltá-lo, com lágrimas nos olhos, fiz uma pergunta: Jean, você ainda gosta da tia Silvia? Soluçando muito e ainda chorando de nervoso, só senti em meu ombro sua cabeçinha balançar em sinal positivo. Estava escrito: naquela manhã nascia uma inesperada história de amizade.

A recuperação do Jean foi bem tranquila. Os cuidados necessários foram tomados. A boa higienização e o carinho da mãe e do pai ajudaram os pontos a cicatrizar ainda mais rápido. Nos dias que se seguiram, eu ajudei nos cuidados com o pequeno pantaneiro. A parte mais difícil era tentar mantê-lo longe do rio, o que havia sido umas das recomendações dos dentistas. Segundo eles, o contado com a água “suja” do paraguaizão poderia ocasionar alguma infecção. E, obviamente, ninguém queria aquilo.

Ainda trabalhei bastante durante aqueles dias na comunidade, muitas carteirinhas do SUS foram feitas, o entreposto de iscas construído e muitos dados para minha pesquisa, coletados. Mas, certamente, o que mais me deixou feliz foi entrar no barco Ecoa III rumo a minha casa, sabendo que não deixei que o Jean passasse por aquele momento sozinho e que, para sempre, me lembraria daquele pequeno menino... Menino que como diz Manoel de Barros (2001, p. 47): “[...] encompridava rios. Andava devagar e escuro - meio formatado em Silêncio... Paisagens vadiavam no seu olho. Seus cantos eram cheios de nascentes [...]”.

### 3.3 A LÓGICA DAS ONÇAS

O menino ia no mato e a onça comeu ele  
Depois o caminhão passou por dentro do corpo do menino  
E ele foi contar para a mãe.  
A mãe disse: mas se a onça comeu você, como é que o  
Caminhão passou por dentro do seu corpo?  
É que o caminhão só passou renteando meu corpo  
E eu desviei depressa

Olha, mãe, eu só queria inventar poesia. Eu não preciso fazer razão.

(MANOEL DE BARROS, 2001, p. 29).

Quando pensei em desenvolver minha pesquisa de mestrado no Pantanal, uma das primeiras coisas que me vieram à cabeça foi a tranquilidade que o lugar escolhido poderia me proporcionar. Afinal, na comunidade da Barra de São Lourenço, toda a violência da cidade grande não existe. A paz realmente impera naquele lugar. Tanto é verdade que, durante as entrevistas que realizei com os moradores da região, uma das perguntas que fiz foi: qual o ponto positivo de morar aqui na comunidade da Barra de São Lourenço? Sem pensar muito, 100% dos entrevistados respondiam que é a calma e o sossego do local.

Realmente, a paz, a tranquilidade e a sensação de liberdade que esse pedacinho do Pantanal nos proporciona, são inigualáveis. Mas nem tudo são flores. Uma coisa é certa: a violência da cidade grande ainda não chegou nessa comunidade tão isolada, e queira Deus que nunca chegue. Mas, nem por isso, os perigos estão distantes.

Por mais curioso que pareça, os moradores da Barra de São Lourenço também sentem medo e também precisam se proteger. A ameaça quase sempre se reduz a uma coisa: a imponente e majestosa rainha das matas, conhecida como onça pintada. Não é à toa que coloquei com tanta ênfase neste texto que a onça pintada é o maior medo da comunidade. Os ataques são constantes e qualquer descuido dos ribeirinhos pode ser fatal. Só percebi que essa ameaça era tão presente na vida dos ribeirinhos na minha terceira viagem à comunidade. Claro que, antes disso, já tinha escutado algumas pessoas comentarem sobre o temido bicho, mas nunca dei muita atenção.

Essa terceira viagem aconteceu entre os dias 2 e 9 de setembro de 2009. Dessa vez, o caminho pareceu mais curto. Acho que, por já conhecer as curvas do rio Paraguai, tive a impressão de as horas passarem mais rápido. Minha função nessa visita à comunidade era acompanhar uma equipe de saúde da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul que faria a vacinação e coleta de sangue dos moradores da região. Trabalho era o que não faltava. O tempo que teríamos na região era relativamente curto para o número expressivo de casas que deveríamos visitar.

Como saímos bem cedo de Corumbá, chegamos à Barra de São Lourenço no início da tarde, o que nos possibilitou ainda trabalhar no período vespertino. Logo quando descii do barco, percebi que uma figurinha mais que especial estava no barranco me aguardando, era o Jean. Com um “sorriso” iluminado no rosto veio ao meu encontro e me deu um abraço apertado. Depois, é claro, que com seu jeitinho todo especial me mostrou o



resultado da cirurgia e euforicamente apontava para dentro da boca querendo que eu visse a pontinha de um novo dente que começava a nascer.

Cumprimentamos todos que vieram nos receber e, sem mais delongas, começamos a traçar a estratégia de trabalho para aquele resto de dia. Enquanto a equipe de saúde conversava, percebi uma movimentação estranha que vinha da casa de Zeferina, bem próximo da escola. A curiosidade mais uma vez tomou conta, acabei indo até o local para saber o que estava acontecendo.

Levei um susto quando cheguei ao quintal, pois a onça tinha acabado de atacar. Por sorte nenhuma criança tinha sido vítima. Dessa vez, o ataque foi a um dos cachorros de estimação de Zeferina, chamado carinhosamente de amarelinho (Figura 39).



**Figura 39** - Amarelinho, cachorro de Zeferina atacado pela onça.

Ele conseguiu lutar com o bicho e escapar da morte. Bastante ferido, com machucados por todo o corpo, logo quando conseguiu se ver livre da onça correu em direção à sua dona. Por um tempo muito curto, conseguiu ficar em pé. Quando cheguei à casa de Zeferina, vi o amarelinho ainda com a respiração ofegante e com muito sangue na região da cabeça.



**Figura 40** - Amarelinho medicado após o ataque da onça.

Imediatamente peguei um *kit* de primeiros socorros que levamos na viagem e tentei, de forma meio desajeitada, fazer um curativo (Figura 40). Também dei para o cachorro uma dose de Amoxilina. O importante é que amarelinho parecia se sentir melhor. Então era só uma questão de tempo para saber se nada de mais grave havia acontecido e se amarelinho sobreviveria aquele inesperado ataque de onça.

Durante os dias que se seguiram, Zeferina e eu acompanhamos a recuperação de amarelinho. A ferida na cabeça não demorou para apresentar sinais de melhoras, a única sequela visível era que amarelinho parecia ter perdido o senso de direção. Ele passou a andar de forma diferente depois do ataque, era como se ele pensasse em ir para um lugar e as patas para outro. Mas o mais importante era que o cachorro estava se alimentando bem e até ensaiava algumas brincadeiras com as crianças.

Lembro que, nos primeiros dias da reabilitação de amarelinho, Zeferina até abriu mão da norma que existe na casa dela, onde é expressamente proibido manter os animais de estimação dentro de casa. Além de paparicado por todos, amarelinho também podia dormir na cozinha da família Marques.

A felicidade de amarelinho e da família de Zeferina não durou muito. Quando o cachorro passou a se sentir melhor e já mostrava que estava pronto para voltar a sua rotina, mais um ataque de onça aconteceu. Dessa vez, amarelinho não teve chances; ainda debilitado por conta da primeira briga, não teve forças para lutar com a rainha das matas. De longe Zeferina assistiu à cena, eu só fiquei sabendo do acontecido algumas horas depois.

A onça pintada, também conhecida como jaguar, é considerada o maior felino das Américas. Emmons (1989) descreve o animal como um habitante de florestas úmidas que quase sempre prefere às margens de rios e ambientes campestres para ficar, isso vai desde a Amazônia até os Pampas Gaúchos. A onça pintada vive em torno de 20 anos, possui hábitos noturnos e é solitária. Excelente caçadora e nadadora, costuma abater capivaras, veados, catetos, pacas e até peixes, pode também caçar macacos e aves. Para atacar sua vítima, é muito cautelosa, desloca-se contra o vento e, aproximando-se silenciosamente, surpreende a presa saltando sobre seu dorso. Daí é que veio o nome jaguar ou jaguara, que significa, no dialeto tupi-guarani, a expressão “o que mata com um salto”.

A onça seleciona naturalmente as presas mais fáceis de serem abatidas, em geral indivíduos inexperientes, doentes ou mais velhos, o que pode resultar como benefício para a própria população de presas. Na época reprodutiva, as onças perdem um pouco os seus hábitos individualistas, e o casal demonstra certo apego, chegando inclusive a haver cooperação na caça. Normalmente, o macho separa-se da fêmea antes de os filhotes nascerem. Em geral, após cem dias de gestação, nascem no interior de uma toca de dois a três filhotes. Ao final de duas semanas, abrem os olhos e, só depois de dois meses, saem da toca. Quando atingem aproximadamente dois anos, separam-se da mãe, tornando-se sexualmente maduros.

Sendo o maior mamífero carnívoro do Brasil, necessita de pelo menos 2 kg de alimento por dia. Isso determina a ocupação de um território bem extenso por indivíduo a fim de possibilitar a captura de uma grande variedade de presas. Recentemente, uma pesquisa realizada por Quigley e Crawshaw Júnior (1992 apud RODRIGUES, 2002) identificaram no Pantanal quais são os locais com a maior incidência dessa espécie. Nas áreas altas, há registros na Chapada dos Guimarães e na Serra da Bodoquena. Também é comumente avistada na região de Passo da Lontra, na Serra do Amolar, no Rio Miranda e no Rio Negro.

Os pesquisadores responsáveis pelo estudo notaram que a distribuição de onças-pintadas no Pantanal não é homogênea, havendo áreas de densidades mais altas e áreas onde a espécie é praticamente ausente. Eles observaram que as duas áreas de maior população do felino correspondem àquelas com maior densidade florestal, uma a noroeste do Pantanal, no Mato Grosso, representada por parte da região de Cáceres e de Poconé, até a divisa com o Mato Grosso do Sul, incluindo a área do Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense e a Serra do Amolar. A outra se localiza entre os rios Miranda, Aquidauana e Negro, já no Mato Grosso do Sul (QUIGLEY; CRAWSHAW, 1992 *apud* RODRIGUES, 2002).

Também observaram que um dos principais problemas para a conservação de onças-pintadas no Pantanal vem do seu hábito de predação de animais de criação, o que faz com

que, algumas vezes, seja perseguida e morta por fazendeiros ou peões de fazendas. Esses mesmos autores estimaram a densidade de onças para as áreas de maior concentração da espécie e constataram que existe uma onça a cada 64 km<sup>2</sup>. Porém as estimativas variam de uma área para outra. E, a região da Serra do Amolar, onde a comunidade da Barra de São Lourenço está localizada, foi a região que demonstrou a maior incidência da espécie, pois, o resultado em densidades estimadas é de uma onça a cada 12,5 km<sup>2</sup> a uma onça a cada 25 km<sup>2</sup> (SCHALLER; CRAWSHAW, 1980 *apud* RODRIGUES, 2002).

Depois de saber desses dados, passei a respeitar mais o medo desses ribeirinhos e a tomar mais cuidado por onde ando. Aprendi rapidinho que perigo existe em todo lugar e que não é só bandido que mata. Depois do ataque que amarelinho sofreu, passei a conversar mais com as pessoas sobre o incidente e me interessei pelas histórias que foram sendo contadas.

Zeferina, ainda bastante assustada com a audácia da onça que invadiu seu quintal e matou seu cachorro, afirmou decididamente, que a onça é o maior perigo que existe pelos arredores e me explicou o porquê desses ataques constantes:

Como o rio tá enchendo, a água sobe e fica só um ‘ripãozinho’ de terra sem moia. Quando começa a seca é diferente, ela tem mais lugar pra andá, aí elas se afasta mais, né? O negócio é a gente não fica dando bobeira, ué. A gente tem que se cuidá.

O fato de as onças atacarem animais de estimação é considerado normal na região. Muitos acreditam que a onça se prevalece dos animais de estimação por eles não estarem preparados para serem caçados. A onça, que rapidamente percebeu essa facilidade, prefere poupar esforços e garantir sua alimentação sem se desgastar correndo atrás de alguma veloz capivara ou paca.

Escutando tudo que passaram a me falar sobre as temidas onças, uma das tantas histórias acabou me chamando a atenção, a de Erotildes Marques, irmã de Zeferina, dona do amarelinho.



**Figura 41** - Com medo da onça, Erotildes leva o pai e mãe junto para o interior da casa.

Erotildes, com 46 anos, mora na região do Pantanal desde quando nasceu. Mãe de quatro filhos, Erotildes teve a infelicidade de já ter perdido dois deles. Os outros dois moram em Corumbá; foram estudar e tentar uma vida melhor. Hoje ela mora na última casa da comunidade, onde só é possível chegar de barco, lá vive uma vida sossegada cuidando de seus pais - Leonardo e Verônica (Figura 41).

Verônica e Leonardo já são bem velhinhos, ambos apresentam problemas de saúde. Porém o mais debilitado dos dois é Leonardo, que, além de sofrer de cegueira, descobriu recentemente que tem um tumor na garganta. Você deve estar se perguntando: qual a relação desta história, com a onça pintada? Pois bem, ninguém na casa de Erotildes foi atacado e, muito menos, corajoso o suficiente para, alguma vez na vida, ter enfrentado a fera. Mas, para se proteger, a família precisou mudar toda a rotina. Erotildes me conta, durante uma longa conversa, que sempre teve medo do bicho, mas nunca imaginou, que o animal fosse ficar tão atrevido a ponto de invadir os quintais e as casas da região, como vem acontecendo de alguns anos para cá.

Aqui neste pedaço que nós mora é mais afastado das outras casas. O silêncio e os bichos que nós tinha no quintal começou a chamar a atenção dela. Alguns anos atrás não era assim. Agora, quando nós menos espera, ela aparece. Lembro de um dia que saí cedo de casa pra pegar isca, mamãe ficou fazendo as coisa dela e papai inventô de

descer o barranquinho pra verifica a plantação de mandioca. De dentro da canoa, eu já longe de casa, vi papai indo cada vez mais pra dentro do mato. Nem pensei: na hora remei de volta até o barranco de casa e sai atrás dele. Quase que foi tarde demais. A onça tava parada esperando por ele, e ele coitado sem enxergá nada, tava indo direto pra boca da bichona [risos].

Foi só depois disso, que Erotildes percebeu que teria mesmo que tomar alguma providencia. A primeira coisa a fazer foi construir uma cerca beirando a casa. O trabalho foi grande, mas o resultado não foi como ela esperava.

Passados alguns dias, flagrou seu pai novamente indo se embrenhar no meio do mato. Definitivamente, o medo de que a onça o atacasse a fez tomar uma decisão não tão fácil. A partir daquele dia, ela não iria deixar mais os dois velhinhos sozinhos em casa. A única solução seria levá-los juntos para a coleta das iscas.

Parece até cena de filme; os três, logo cedinho, acomodados numa pequena canoa, subindo o rio Paraguai. A dedicação dessa filha é impressionante. Se já não é fácil ir para uma coleta de iscas com a canoa leve, imagine carregando o pai e a mãe. Isso, sem contar a preocupação com o bem-estar e o conforto deles.

Fico com dó, o sol é muito forte. Eles já passaram faz tempo dos 80 anos. O certo seria eles ficá em casa, descansando, mas é melhor assim que na barriga da onça.

Histórias como a de Erotildes não são difíceis de encontrar por esse Pantanal afora, mas existem algumas bem piores. Lá na Barra de São Lourenço conta que há alguns anos, um senhor, enquanto se preparava para uma caçada noturna, foi atacado por um desses animais. Narram que esse senhor ainda conseguiu lutar com a onça por um bom tempo, teve forças para pegar um canivete que estava em sua cintura e dar algumas apunhaladas no bicho. O resultado foi que a onça, pelo menos desta vez, não saiu vitoriosa. Infelizmente não tive o prazer de conhecer esse senhor; disseram-me que há uns três anos ele se mudou da região, nem sequer o nome dele souberam me informar. O único detalhe que ainda não sai da cabeça dos moradores que o conheceram foi o apelido que ironicamente ele ganhou: resto de onça.

Na escola da comunidade, também existe uma preocupação muito grande para manter as crianças protegidas. Hoje é possível observar que todo o colégio e o espaço de recreação são resguardados por uma cerca bem alta de tela com rolos de arame farpado nas extremidades. Esse formato de cerca, como me explicou um dos moradores, é a única barreira que impede o animal de tentar entrar nas dependências na escola. Segundo ele, a altura nunca

foi problema para a fera, mas o arame farpado acaba assustando o animal por causar pequenos cortes e ferimentos.

### ➡ Brincando com o imaginário.

O perigo, por vezes, está muito mais na cabeça dos pantaneiros do que nos brejos, morros e matas do Pantanal. Um exemplo disso é a história que existe na comunidade sobre o famoso e temido minhocão. Isso mesmo, minhocão. Uma espécie de cobra gigante, com dentes imensos que habita as profundezas do rio. Todos, sem exceção, que moram na Barra de São Lourenço respeitam o maior e mais assustador bicho aquático, que, segundo eles, se esconde pelos poços e braços do rio.

Quando escutei pela primeira vez a história, não dei atenção. Lembro-me que foi em um dia bastante nublado, no final da manhã.

Fiquei confusa e pedi que me contassem mais sobre esse tal monstro assustador. A conversa foi longa e descobri que ninguém sabe ao certo de onde vem a história. Pouquíssimas pessoas dizem ter visto o tal minhocão, mas mesmo assim morrem de medo dele. Os poucos que dizem já ter ficado cara a cara com a fera relatam que ele é muito grande, possui dentes quase do tamanho de uma pessoa adulta e olhos da cor amarela. A marca registrada do minhocão é o poder que tem de gerar instantaneamente algumas ondas gigantescas no rio Paraguai, capaz até de derrubar as embarcações. O intuito seria o de comer as pessoas que caem na água. O engraçado dessa história toda é que ninguém jamais foi comido pelo minhocão, mesmo assim os pantaneiros dizem que todo cuidado é pouco.

Diante de tantas histórias e casos contados, fiz uma descoberta interessante: que o fundamental diante de uma situação como essa não é necessariamente passar a acreditar nas histórias que eles contam, mas sim respeitar a cultura, as raízes e a tradição que existem, independente de algo fazer ou não sentido. Afinal, como diz Manoel de Barros (2010), para inventar poesia não é preciso fazer razão. Vai ver a tentativa desse povo é só a de criar um grande poema sobre o minhocão.

## 3.4 A COMUNICAÇÃO E O HUMANO EXPANDIDO

Bom é corromper o silêncio das palavras  
Como seja:  
Uma rã me pedra. A rã me corrompeu para

Pedra. Retirou meus limites de ser humano  
e me ampliou para coisa. A rã se tornou  
o sujeito pessoal da frase e me largou no  
chão a criar musgos para tapete de insetos  
e de frades [...]

(MANOEL DE BARROS, 1998a, p. 13)

São quase cinco da manhã do dia 17 de dezembro de 2009, e mais uma viagem tem início. Ouso dizer que a causa desta ida à comunidade da Barra de São Lourenço é mais envolvente do que qualquer outra ida que eu tenha feito. Além de todas as atividades programadas para serem executadas durante os cinco dias que ficaremos na Serra do Amolar, uma tem sabor especial. Por ser mês em que se comemora o nascimento de Cristo, iremos proporcionar às crianças uma bela festa de Natal.

Os preparativos para sairmos de Campo Grande em nada se diferenciaram das outras vezes, a não ser pelo grande número de sacos de brinquedos que então levávamos. Mas, para quem já subiu o rio Paraguai com madeira, ferro e outras tranqueiras, isso era fácil de realizar. Dessa vez, a equipe era formada pelo André, pela jornalista Yara Medeiros, pelo técnico em equipamentos eletrônicos, Ciro Alex e por mim.

A primeira parte da viagem até Corumbá seria feita com a camionete de sempre. A única novidade da viagem era o técnico em equipamentos eletrônicos, que nunca viajou ao Pantanal e não tinha a mínima ideia do percurso a ser percorrido até chegar à comunidade desejada. Nove meses passando por aquelas estradas, já me sentia íntima da paisagem. Os morros, as baías e as fazendas que beiravam a estrada já eram conhecidas de longe.

Como saímos bem cedo de Campo Grande, a previsão de chegada em Corumbá era para as 11 horas da manhã.

Chegando a com o barco Ecoa I Durvalino já nos esperava, com todos perfeitamente acomodados, a segunda etapa de nossa viagem estava pronta para começar.





**Figura 42** - Equipe da Ecoa que constantemente desenvolve os trabalhos na Comunidade Barra de São Lourenço.

**Foto:** Ciro Alex (2010).

O combinado era o de seguirmos direto para o núcleo de apoio da Ecoa, organizar o material de trabalho e descansar para o próximo dia. Como o Ecoa I tem um motor mais potente e não estávamos com o barco muito pesado, o percurso foi feito em pouco mais de cinco horas e meia (Figura 42). Além do cansaço habitual, tudo estava na mais perfeita ordem. Assim que chegamos ao núcleo, a bagagem foi descarregada, e uma pequena reunião feita para acertarmos quais as atividades seriam realizadas primeiro, bem como o horário de saída do dia seguinte rumo à comunidade da Barra de São Lourenço.

Depois de tomadas essas decisões, o mais prudente e o que geralmente costumava acontecer era todos jantarem e irem se ‘recolher’, como os pantaneiros mesmo dizem, mas, aquela noite ainda prometia. Já no final do jantar recebemos a visita de Waldemar, o caseiro do núcleo. Convidado para fazer parte da mesa, sem cerimônias o convite foi aceito. Ali mesmo na mesa começamos a conversar sobre como é viver no Pantanal, e Waldemar, empolgado ao ser questionado por todos, não se vez de rogado, contou todos os detalhes.

A conversa que poderia ter sido cessada ali mesmo na mesa de jantar acabou sendo transferida para a varanda e acompanhada pelo famoso e tradicional tereré. Cada vez mais empolgado, o típico pantaneiro passou a resgatar as histórias de quando aquela região ainda não era tomada pelas águas, e as comitivas de boi passavam em frente da sua modesta casa. Eu,

particularmente, estava adorando escutar tudo aquilo. Só comecei a achar a conversa menos atraente quando Waldemar passou a falar sobre os mistérios que rondam aqueles confins.

Tenho pavor de histórias de fantasmas, almas penadas ou qualquer coisa que não seja deste nosso mundo. Foi instantâneo, logo na primeira história todos perceberam que eu não estava nem um pouco à vontade. Isso, ao invés de servir para que parassem com as histórias horripilantes, só os instigou mais. Entre a história de um velho boiadeiro que anda nos fundos do núcleo e da mulher que morreu no dia do casamento e até hoje não se conforma, fiquei sabendo de algo que, sinceramente, me fez perder o sono. Ali, bem pertinho da casa onde dormiríamos, existe um cemitério. Para Waldemar, esse é o motivo de tantas aparições misteriosas pelas redondezas.

Assustada o suficiente, resolvi pedir licença da roda de conversa e ir me deitar. Óbvio que demorei a pegar no sono, pois qualquer barulhinho era suficiente para os olhos percorrerem toda a extensão do quarto e garantir que nada do ‘além’ dividia o espaço comigo. No café da manhã, as risadas foram inevitáveis, os casos sobre fantasma ainda faziam sucesso. Agora já mais calma e também me divertindo com o resto da equipe, questionei se realmente era verdade a história do cemitério. Categoricamente o André me respondeu que sim. Nesse momento, a curiosidade superou o medo e decidi que queria conhecer o local onde os antigos pantaneiros que povoavam aquela região hoje descansam seus restos mortais.



**Figura 43** - A existência de um cemitério nas proximidades chamou a atenção.

Havíamos levantado cedo o que permitia que fizéssemos uma breve visita ao tão comentado cemitério. Todos decidiram ir, inclusive o Durvalino, outro que morre de medo dessas coisas. Bastaram dez minutos de caminhada pela mata fechada, e já era possível avistar as primeiras cruzes. Devagar nos aproximamos, observando com cuidado tudo ao nosso redor, porque mais perigoso que espíritos do mal são as onças que habitam a região. A visita foi bem mais interessante do que eu imaginava. Tentei identificar o túmulo mais antigo, tarefa difícil, pois as datas, quase sempre escondidas pelas marcas do tempo e pelo mato, fugiam dos meus olhos (Figura 43).

Depois de matar a curiosidade, resolvemos iniciar nosso dia de trabalho. O barco preparado na beira do rio dava sinal de que era hora de enfrentar os 40 minutos de navegação que tínhamos pela frente antes de chegar à comunidade da Barra. A recepção foi calorosa como sempre. Muitas crianças e ribeirinhos querendo nos cumprimentar. Os alunos estavam se preparando para entrar em sala de aula. Aproveitamos os minutinhos que faltavam para conversarmos com as professoras sobre as atividades que desta vez iríamos desenvolver.

Interessante ressaltar aqui que o projeto Crianças das Águas, possui três pilares de sustentação: o primeiro é saúde; o segundo, educação; e terceiro, comunicação. Quase sempre fazemos viagens ligadas a ações de saúde, porque ações nessa área são prioritárias. Mas, isso não significa que outras atividades nas áreas de educação e comunicação não sejam realizadas. Exemplo disso, esta viagem, feita com o objetivo de desenvolver atividades ligadas à educação ambiental e à comunicação e a primeira delas e a mais esperada pelas crianças é a implantação de uma rádio escola. Isso mesmo. A partir dessas nossas atividades, a intenção é tornar a escola também um ponto estratégico para a comunicação entre os moradores da Barra.



**Figura 44** - Rádio - Veículo de comunicação mais usado na comunidade local.

Apesar de o aparelho de rádio já ser um velho conhecido desses ribeirinhos, ninguém tinha ideia do processo necessário para a elaboração de um programa ou de como uma voz é gravada e depois transmitida a longas distâncias. Esse foi um dos motivos que nos levou a pensar e organizar uma oficina de rádio para ensinar mais detalhes aos interessados. Na comunidade da Barra de São Lourenço, o acesso a outros veículos de comunicação além do rádio, por conta do isolamento e da falta de infraestrutura, torna-se praticamente inviável (Figura 44).

Das 19 residências então existentes na comunidade, 16 possuíam aparelho de rádio, e os moradores afirmavam escutá-lo diariamente. Sem exceção, todos os rádios funcionam por meio de pilhas, que, cabe ressaltar, é um dos utensílios mais cobiçados da região.

Já as TVs eram em número bem mais modesto: apenas duas em toda a comunidade. E as duas únicas famílias possuidoras do aparelho televisivo afirmavam não ligá-lo diariamente porque isso representaria despesa no final do mês já que a produção de energia depende de gerador, que, para funcionar, exige combustível. Sendo assim, era fácil perceber que nessa região, tinha-se no rádio um grande aliado e ator preponderante para a construção da cidadania e propulsor de interação social.

A emissora com maior popularidade na região era a AM Difusora, e o programa mais escutado e ansiosamente aguardado pela maioria dos moradores, A Hora do Pantaneiro.



Um dos quadros deste programa em especial tem chamado a atenção o: Alô Pantanal. Um quadro com a função de transmitir recados de pessoas que estão na cidade para as pessoas embrenhadas no meio da maior planície alagável do planeta.

Lembro que fiquei surpresa a primeira vez que escutei o programa. O locutor, de uma voz desajeitada, um sotaque típico de pantaneiro, muitas vezes pronunciava as palavras de forma errada. Logo de cara achei bizarro. Mas, depois de prestar um pouco mais de atenção, entendi o quanto aquilo era importante para os ribeirinhos e fundamental para que se reconhecessem como parte do mesmo território. Os recados eram os mais variados possíveis: declarações de saudade, notícias sobre a saúde de entes queridos, anúncios de falecimento ou simples comentários de que tudo estava bem. Essa era a maneira mais eficiente, rápida e barata de os ribeirinhos se manterem informados sobre os acontecimentos da cidade grande.

O que me fez perceber a real importância desse programa de rádio para os moradores da Barra foi a movimentação da comunidade quando ia chegando perto do horário de o programa entrar no ar. As pessoas se reuniam em frente das casas e, em silêncio, prestavam atenção no que ia sendo dito. Durante as duas horas do programa no ar, das 12 às 14 horas, ninguém se preocupava com os afazeres, nem mesmo com a coleta de iscas.



**Figura 45** - Moradores reunidos para escutar o programa Alô Pantanal.

Depois de presenciar por algumas vezes esse ‘ritual’ das pessoas se juntarem para escutar o programa de rádio, passei a voltar mais minha atenção às estratégias de

comunicação existentes naquela comunidade (Figura 45). Descobri então, que diferente de nós que possuímos internet, jornais, revistas e diversos outros meios de comunicação, o isolamento geográfico daquela comunidade e as peculiaridades que o ambiente oferece fizeram com que diferentes estratégias fossem pensadas para garantir que informações importantes sejam disseminadas.

Havia chegado o momento de colocar as mãos na massa e começar o trabalho de instalação da rádio na comunidade. Claro que a estrutura que montaríamos era pequena, em nada se parecia com uma rádio profissional. E o sistema funcionaria da seguinte forma: todos os equipamentos montados numa das salas do colégio da comunidade, e uma caixa de som estrategicamente colocada no pátio da escola. A ideia desenvolver nessa população o hábito de elaborar os programas de rádio para transmiti-los durante os intervalos de aula ou no horário de almoço.



**Figura 46** - Equipamentos montados para o funcionamento da rádio escola.

Para montar uma rádio escola, vários equipamentos são necessários, como: caixa acústica amplificada, mesa de canais de áudio, microfones, gravadores digitais, computador, além de um aparelho de som e um DVD para a edição dos programas (Figura 46). Com tudo já descarregado e devidamente arrumado num canto da sala, foi possível dar início às atividades.

Dividimos os alunos em três grupos. Queríamos que eles entendessem o processo necessário para se fazer e colocar no ar um programa de rádio. O primeiro grupo ficou sob minha responsabilidade. A tarefa era explicar aos pequeninos que, antes de anunciarmos alguma notícia na rádio, uma investigação minuciosa precisa ser feita para garantir que só informações fidedignas sejam repassadas. O segundo grupo, sob responsabilidade da Yara,

aprendeu como montar o programa. Fizeram uma entrevista com o professor da escola e até um comercial vendendo as iscas da comunidade. Já o terceiro grupo, formado pelos alunos mais velhos, com a ajuda do Ciro, ficou com o desafio de aprender a operar os equipamentos.



**Figura 47** - Alunos participando da gravação do primeiro programa da rádio escola.

**Fonte:** Ciro Alex (2010).

Depois de horas de conversa, elaboração e treino, chegou a hora de colocar o primeiro programa no ar. A expectativa só aumentava. Foi lindo ver no rostinho de cada criança a ansiedade em escutar sua própria voz saindo pela caixa de som. As mães corujas que ficaram sabendo da atividade também fizeram questão de acompanhar. A emoção das crianças era algo que impressionava. A responsabilidade de, pela primeira vez, falar em um microfone causava até lágrimas nos olhos de alguns. Um misto de nervosismo e curiosidade que logo foi superado. Assim que o programa começou, um clima de descontração tomou conta do ‘estúdio’ e, com nossa ajuda, as crianças se saíram surpreendentemente bem (Figura 47).

Depois dessa experiência, tenho a esperança que este instrumento de comunicação logo conquiste a comunidade e, com o tempo, passe a fazer parte do dia a dia desses ribeirinhos.

## ➡ Outras estratégias de comunicação

Muita atenção até então tinha sido dispensada ao rádio e ao processo de interação social que ele proporciona. Mas, durante um ano e meio de convivência com os moradores da Barra de São Lourenço, descobri que, além do rádio, existem vários outros meios de comunicação utilizados por eles para garantir que informações importantes sejam disseminadas.

Quando falamos em veículo de comunicação, logo nos vem à mente, além do rádio, a televisão, o computador ou o jornal. Mas, na comunidade da Barra, pela falta de acesso a esses meios tão conhecidos e utilizados por nós, eles tiveram que se adequar e criar artimanhas para garantir formas eficientes de comunicação. Entre essas artimanhas, estão o barco, as cartas e até mesmo a Igreja.

O barco foi o que mais me surpreendeu. Como as casas quase sempre são muito distantes umas das outras, impossibilitando que o trajeto seja feito a pé, os pequenos barcos e canoas existente na comunidade são considerados, além de instrumento de trabalho, instrumento eficiente de comunicação. Pude perceber isso pela rapidez com que a informação se espalha pela região. Basta um cachorro ser atacado por uma onça, uma pessoa se machucar, uma criança ficar doente ou algum desentendimento acontecer para que, em poucos minutos, todos os moradores fiquem a par da situação.

É normal vermos os barquinhos subindo ou descendo o rio e vagarosamente encostando-se aos barrancos das casas que contornam o Paraguaizão, tudo isso só para deixar um recado ou simplesmente contar uma novidade. O mais interessante disso é a fidedignidade com que a informação é repassada. Dificilmente algum ruído acontece na comunicação, pois, a mesma informação repassada na primeira casa é repassada na segunda, na terceira, na quarta e assim por diante. O fenômeno, à primeira vista, pode ser interpretado como algo banal ou sem tanta utilidade, mas para uma comunidade que vive totalmente isolada e permanentemente apoiada na ideia de partilha e de união, isso fortifica a relação existente entre os moradores e reforça a concepção que eles possuem sobre como é viver em comunidade.

Tão essencial, como a televisão ou a internet para nós, o barco na comunidade da Barra de São Lourenço é o instrumento que “corrompe o silêncio das palavras” e reaviva todos os dias o contato humano extremamente necessário para a consolidação das relações. Confesso que, quando me atentei para esse processo de comunicação entre os moradores, cheguei a ficar com inveja. Lembrei-me imediatamente das tantas vezes que me comunico com os colegas durante o trabalho, no mesmo escritório que eu, por algum dos programas de mensagem instantânea, como MSN ou Skype. E, para eu chegar à sala ao lado, nem é necessário atravessar um rio, ficar de baixo do sol quente ou remar minutos a fio.



É importante lembrar que esse processo comunicacional que utiliza o barco como meio não se restringe só as embarcações pequenas. Os barcos maiores também participam disso. Resumidamente, existem dois tipos de embarcações grandes na região: o primeiro, conhecido como freiteira, funciona como uma espécie de balsa que faz o transporte de gado, pessoa, alimentos e tudo mais que se possa imaginar. O segundo tipo de embarcação grande na região do Pantanal em questão é o barco hotel, usado especificamente para o turismo (Figura 48).



**Figura 48** - Chalana - embarcação típica do Pantanal, a chalana.

Cabe esclarecer que a freiteira é o meio de transporte mais utilizado pelos pantaneiros daquela região e, quase sempre, apresenta estruturas bastante precárias. Chamada também de chalana, uma de suas características é a baixa velocidade com que se movimenta, pois dificilmente passa de 30 quilômetros por hora. Isso significa que a viagem, por exemplo, de Corumbá até a comunidade da Barra de São Lourenço, que custa R\$ 60,00, dura aproximadamente 26 horas (Figura 48).



**Figura 49** - Embarcação de luxo usada pelo segmento turístico da região.

Quem queira conhecer a região pode optar por um pacote turístico oferecido pelos barcos hotéis. Geralmente o roteiro é de Corumbá até a Serra do Amolar. O barco hotel oferece toda a estrutura necessária para que turistas permaneçam tranquilamente, até uma semana, navegando pelo rio Paraguai. No pacote, incluem-se alimentação, bebida, iscas para pesca e pilotos para guiá-los em barcos menores, durante as pescarias nos lagos e baías onde o barco hotel não pode entrar, além é claro de todo o conforto desejado, como quartos com ar condicionado, televisão e sala de jogos. Um passeio como esse não sai por menos de R\$ 2.500,00 por pessoa (Figura 49).

Esses dois tipos de embarcação são vistos na região como uma espécie de “meninos de recado” porque, além de desempenharem a mesma função dos barcos pequenos, de pararem nas casas, contarem as novidades e manterem os ribeirinhos informados sobre o que acontece nas cidades mais próximas, também são peças indispensáveis para uma outra estratégia comunicacional utilizada pela comunidade, a troca de cartas.

Como bem se sabe, nas cidades grandes essa ferramenta, aos poucos, vem sendo substituída por mensagens eletrônicas, mas, lá na Barra de São Lourenço, até pequenas atividades dependem desse processo. Apesar de 69% dos moradores adultos da comunidade nunca terem frequentado uma escola, não saberem ler nem escrever, essa estratégia de comunicação é utilizada por quase todos. Quem não possui habilidade com o papel e com a caneta acaba pedindo ajuda aos jovens alfabetizados da comunidade.

Geralmente esse processo de enviar cartas é utilizado pelos moradores da Barra de São Lourenço quando o assunto a ser tratado é de ordem pessoal ou de grande complexidade. E nisso se encaixam os assuntos de grande complexidade, como por exemplo, a compra de algum remédio com nome difícil.

Outro aspecto importante de ressaltar é que, por meio de cartas, esses ribeirinhos fazem suas comprar mensais de alimentos. Uma atividade relativamente fácil de ser cumprida para quem pode contar com as facilidades encontradas na cidade. Naquela região do pantanal, não há mercado, nem opções de oferta, nem as facilidades de pagamento que as cidades hoje nos oferecem.

Lá uma simples compra se inicia com a checagem de quanto a família conseguiu coletar de iscas durante o mês e se o acumulado será suficiente para as despesas. Quase sempre, a constatação é a de que as despesas deverão ser controladas. Uma lista dos alimentos indispensáveis é feita, tudo calculado e planejado para que não acabe antes da hora. Dificilmente há nessas listas um artigo de luxo. Tudo, absolutamente tudo, é muito simples. Feita a lista, ela é colocada junto com o dinheiro, dentro de um envelope, e entregue a algum barco de confiança. A pessoa no barco que a recebe tem a obrigação de fazê-la chegar às mãos do destinatário, e, por vezes, uma pequena taxa de cinco reais é cobrada dos moradores.

Depois de a carta com a lista chegar às mãos do seu destinatário na cidade e a compra ser feita, a encomenda é despachada também por meio da freteira. Só que, no caso de compras, o valor cobrado para o transporte é maior que os cinco reais referente à entrega da carta. Geralmente para a entrega da mercadoria é cobrada meia passagem, o que contabiliza hoje R\$ 30,00 reais.

Ao conhecer mais de perto as estratégias que eles usam para se comunicar, fiquei curiosa em saber se o meio é realmente eficaz e confiável. Passei a perguntar por toda casa que eu passava se ali os moradores enviavam e recebiam cartas. Para minha surpresa, não consegui fazer nenhum registro de reclamação. Absolutamente ninguém até hoje passou pela situação de ter uma carta extraviada ou entregue para o destinatário errado. E, analisando tudo isso, o mais incrível de se observar, é a confiança que essas pessoas depositam umas nas outras, coisa rara de se ver hoje.

Lembro que, quando tive conhecimento sobre o fato dos moradores da Barra ainda se comunicarem por cartas, comecei a pensar nos meus tempos de criança quando uma amiga de escola havia se mudado para o Japão e sempre, nas datas especiais, me mandava cartões postais ou envelopes coloridos com mensagens de felicidades. Parei para pensar quantos anos haviam se passado desde a última carta recebida, não consegui lembrar. A única coisa que

ainda não consigo esquecer, a alegria que sentia quando o carteiro parava em frente de casa, e o cachorro, latindo desesperadamente, denunciava que alguém do outro lado do mundo havia se lembrado de mim. Recordo-me inclusive da fisionomia do carteiro. Magro, alto e com um semblante de poucos amigos. Sua simpatia e forma exagerada de falar em muito se parecia com um inerte e velho cabo de enxada.

O tempo passou, a tecnologia foi ficando cada vez mais presente em nossas vidas, e o carteiro, gradativamente, foi diminuindo suas visitas, até que nunca mais recebi envelopes coloridos. Aliás, nunca mais não, se falar assim estarei cometendo uma injustiça muito grande com duas crianças da comunidade da Barra de São Lourenço. Falo isso porque recentemente tive uma surpresa. Logo no início de um dia de trabalho, um dos colegas de serviço recém chegado de uma viagem que fez para a comunidade da Barra, disse que tinha uma encomenda pra mim. Fiquei curiosa, não me lembrava de lhe ter pedido que me trouxesse algo. O suspense só foi quebrado quando, do seu bolso, surgiu um pequeno envelope contendo as cartas de duas crianças. O sorriso foi inevitável. A situação em nada se parecia com aquela do carteiro em frente da minha casa e do cachorro latindo, mas a emoção, essa sim em nada se diferenciou.

As duas cartas eram compostas por um desenho e poucas palavras. Em suma, era um agradecimento por recentemente eu ter recebido o avô delas em Campo Grande. Já falei em algum momento atrás sobre o avô dessas crianças, o senhor Leonardo, aquele que é cego e passa por um tratamento contra um tumor na garganta. Eu o acolhi em minha casa porque ele precisava fazer alguns exames e, por alguns dias, passar por seções de radioterapia.

Incrível, mas só agora percebi que me deixei levar pelas histórias nostálgicas da infância e fugi completamente da história que contava sobre minha quarta viagem a região da Serra do Amolar. Pois bem: tínhamos parado na instalação da rádio escola, que foi simplesmente um sucesso.



**Figura 50** - Todos ajudam a embrulhar os presentes para o Natal.

**Foto:** André Siqueira (2010).

Oficina ministrada, programa de rádio elaborado e muitos rostinhos felizes, todos os indicativos que precisávamos para um merecido descanso. Deixamos a comunidade rumo ao núcleo de apoio da Ecoa, já por volta das seis horas da tarde. O cansaço me fez ter a impressão de que o percurso, desta vez, teria sido mais longo do que o habitual. Assim que chegamos, um banho relaxante foi o suficiente para renovarmos todas as forças e tirar inspiração, sabe-se lá de onde, para começar a arrumar os preparativos da festa de Natal que aconteceria no dia seguinte. Nossa missão naquela noite era ainda embrulhar todos os presentes (Figura 50). Afinal, brinquedo de Natal sem estar dentro de um saquinho colorido e preso com uma fita bem bonita, não tem graça!

Entramos noite adentro para conseguir cumprir com o que nos havíamos proposto. Depois de tudo empacotado, ainda tivemos um tempo para descansar. No dia seguinte, teríamos de organizar a festa, produzir um Papai Noel e divertir muito a meninada da comunidade da Barra de São Lourenço.

O som macio do cantar dos pássaros foi o responsável por nos acordar assim que os primeiros raios de sol começaram a tocar nas águas do rio Paraguai. Aquela preguiçinha gostosa no amanhecer era inevitável, mas o dia era muito especial para se perder tempo numa cama.



**Figura 51** - Vista parcial do PARNA - local onde o Natal foi festejado.

Esqueci-me de comentar que, motivos quase que óbvios, a festa não seria realizada na comunidade. Além de não possuir infraestrutura adequada para a preparação do almoço, a comunidade não possui nenhum ambiente suficientemente grande para acolher todos os moradores. Sendo assim, o almoço de Natal da comunidade da Barra seria realizado na Unidade de Conservação do Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense, mais conhecido como PARNA (Figura 51).

Localizado inteiramente no Estado de Mato Grosso, o PARNA fica a aproximadamente 30 minutos de barco da comunidade, rio acima. A estratégia para levarmos todos os moradores da comunidade até a Unidade de Conservação era utilizar além do barco da Ecoa, o barco da escola e os poucos barcos a motor existentes na comunidade. Mesmo assim, para garantir que todas as 96 pessoas da comunidade fossem à festa, seria necessário cada barco fazer mais de uma viagem. Já prevendo esse traslado de pessoal, tínhamos trazido da cidade uma quantidade maior de combustível para o abastecimento das embarcações.

Quando chegamos à comunidade, por volta das sete horas e trinta da manhã, uma quantidade muito grande de ribeirinhos, na beira dos barrancos, já esperava por uma carona. Afinal, não era todo dia que uma festa com comida, bebida e presentes acontecia. A ideia inicial era passarmos na comunidade só para deixar combustível e logo seguirmos viagem. Mas, repentinamente mudei de ideia. Decidi oferecer meu lugar no barco a um ribeirinho e ficar ali na comunidade esperando para ir junto com outra leva de pessoas.





**Figura 52** - Templo da igreja Assembleia de Deus.

O que me fez mudar de ideia assim tão repentinamente foi um burburinho que acontecia logo ali adiante, perto de onde estávamos parados. A movimentação toda vinha da única igreja existente na comunidade. A porta aberta e a movimentação dos fiéis denunciavam que um culto estava para começar. A igreja a que me refiro é a pentecostal Deus é amor. Para quem não presta muita atenção às coisas até pode despercebido o templo ali no meio das casinhas simples dos ribeirinhos, isso porque a igreja também é bem modesta, não passa de um quadradinho construído de alvenaria, bem pequeno e de cor rosa (Figura 52).





**Figura 53** - Pastora da igreja fazendo agradecimento pela festa do Natal.

Bem desconfiada, resolvi me aproximar. Não tinha certeza se seria bem recebida, afinal em momento algum meu interesse era fazer orações ou receber bênçãos. Meu intuito era única e exclusivamente observar aquela manifestação religiosa. Já na porta da igreja, com minha câmera fotográfica no pescoço, percebi que quem dava início ao culto era Leontina, mulher de 56 anos, nascida e criada no Pantanal, pastora e responsável por aquele espaço de orações (Figura 53).

Ainda observava da porta, quando Leontina, percebendo minha presença, com um olhar firme e, ao mesmo tempo, acolhedor, me convidou para entrar. Disse também que eu podia tirar quantas fotos quisesse, mas para isso eu teria que fazer uma coisa. Lembro que não gostei nada do tom da voz dela. Fiquei tão nervosa com aquela frase, que na hora não me veio nada à cabeça. Não tinha ideia do que ela poderia querer de mim. Mas, vendo meu olhar aflito, não demorou muito para revelar qual era a condição. Ela queria que eu fizesse a oração de encerramento do culto. Quase não acreditei quando ouvi o pedido. Logo eu, que não levo

um pingo de jeito para essas coisas. Mas, mesmo assim, com as mãos suadas de nervoso forcei um sorriso e acenei com a cabeça sinalizando que por mim estava tudo perfeito.

Conforme o culto foi sendo conduzido, minha apreensão e inquietude foram passando. Acabei me conformando com a ideia de que no final do encontro eu seria responsável por uma fala. Mais calma, me concentrei no que fui fazer: observar o comportamento daquelas pessoas. Logo de início uma situação me chamou a atenção. O lugar era menor do que parecia, acredito que no máximo umas 15 pessoas consigam se acomodar ali dentro, e mesmo assim eles fazem uso de um microfone e uma caixa amplificadora de som.

Certamente essa estrutura de som não é necessária e foi isso que me causou curiosidade. Se não é necessária, por que é usada? Sem contar que, para ligarem o microfone e a caixa de som, é necessário abastecer com diesel o gerador da vizinha, que apesar de não frequentar a igreja, gentilmente sede o equipamento. Isso no final das contas significa despesas, e logo lá, onde tudo é muito caro e conseguido com muito esforço, é difícil acreditar que alguém gaste dinheiro sem um bom motivo. Depois de muito pensar e ponderar bem toda a situação, acabei por concluir que na verdade essa é um das estratégias que Leontina usa para que a ‘palavra de Deus’, como ela mesmo diz, seja ouvida por todos que estão nos arredores.

Ela não admite que seja essa a função dos equipamentos; numa conversa informal depois do culto, me disse que só usa o microfone porque acha bonito e a deixa mais confiante, mas no fundo ela sabe que as casas mais próximas, principalmente dos moradores que não frequentam sua igreja, não conseguem ignorar as orações. Leontina, tanto sabe disso que, em sua fala durante as rezas, aconselha quem ainda não procurou uma religião a se “curvar diante de Deus e admitir que Ele é o rei eterno”. Mas, além dos apelos por novos fiéis, aquele culto em específico estava sendo realizado como forma de gratidão pela festa de Natal que teríamos mais tarde. Achei a iniciativa bonita e louvável, principalmente por eu não ter o hábito de agradecer por alguma coisa que ainda não aconteceu.

Depois de quase uma hora de orações, pedidos, acolhidas e bênçãos, chegou a minha vez. Num primeiro momento, pensei que não iria conseguir. A sensação que tive é que eles estavam botando muita fé no que eu iria dizer. Senti-me pressionada, mas tomei coragem, peguei o microfone e, com a voz trêmula, falei algumas palavras sobre a importância de viver em união, do respeito ao próximo e do momento especial que se aproximava: o Natal. Ainda em tom de oração, agradei por terem me acolhido em suas casas e por todos os pedidos de saúde e felicidades que, durante o culto, fizeram para mim e para minha família. Aliviada e até empolgada com a situação, finalizei o culto e pedi que todos se preparassem para pegar os próximos barcos que estavam chegando à comunidade e que se divertissem muito na festa.



**Figura 54** - Árvore de Natal montada no PARNA.

Já no Parque Nacional, sentada de baixo de uma frondosa árvore, fiquei, por alguns minutos, observando o vai e vem das pessoas. Acho que ainda estava bastante emocionada por causa do culto, mas era comovente ver aquilo, a comunidade toda estava ali, reunida. Abraços e apertos de mãos se viam por todos os cantos. A árvore de Natal, repleta de brinquedos, dava vida ao salão principal do PARNA (Figura 54). Nunca tinha imaginado o clima de Natal se misturando com o cheiro de mato, com o canto dos pássaros e com todas aquelas crianças correndo ansiosas esperando a chegada do Papai Noel.



**Figura 55** - Crianças na expectativa de ver o Papai Noel.



**Figura 56** - Papai Noel chega de barco, alegra o dia da comunidade e garante os presentes das crianças.





**Figura 57** - Todas as crianças e alguns adultos posam para uma foto antes do início da festa de Natal.

Outra coisa especial da festa era o cardápio; só de lembrar, dá água na boca. Uma deliciosa galinhada foi preparada pelas funcionárias da Unidade de Conservação que, com a ajuda do fogão a lenha, conseguiram deixar o prato da festa com aquele gostinho maravilhoso de comida do interior. Já eram quase 11 horas da manhã, todos estavam lá e, para a festa realmente começar, só faltava chegar o velhinho, facilmente reconhecido por usar roupas vermelhas e possuir uma enorme barba branca. A expectativa só aumentava, e não demorou muito para o primeiro grito ser ouvido de longe. Crianças amontoadas na beira do barranco diziam estar vendo algo estranho (Figuras 55, 56 e 57).

Claro que não poderia haver uma forma mais original de montarmos a chegada do bondoso velhinho que não fosse num barco subindo o rio Paraguai. A alegria no rosto daquelas crianças impressionava. Conforme o barco ia se aproximando, manifestações das mais diferentes podiam ser observadas. Medo, entusiasmo, sorrisos, lágrimas; mas uma coisa prevalecia, a inocência nos olhos de cada um daqueles pequeninos.

É certo que um dia essas crianças vão descobrir que Papai Noel não existe e que aquele que subiu o rio Paraguai com um enorme saco de brinquedos nas costas era só um dos jovens da comunidade. Mas, junto com essas descobertas, também vão aprender que o mundo é assim, cheio de enganos, mas também cheio de pessoas que, o tempo todo, tentam deixá-lo mais feliz, mesmo que para isso tenham que inventar uma mentirinha aqui ou outra ali.

## ➤ A escola da comunidade ribeirinha Barra de São Lourenço

O projeto Pantanal das Águas desenvolvido pela Ecoa na escola ribeirinha Barra de São Lourenço teve como premissa a identidade e a cidadania no contexto da vida do pantaneiro, por meio da máxima – **conhecer para preservar, levando às escolas do Pantanal, informações que possam estimular nos alunos competências e habilidades para reconhecerem e valorizarem a importância da região pantaneira.**

Por falta de material didático que contemplem a região, foram realizadas oficinas nas comunidades, coletando-se sugestões para compor o caderno do aluno (ver Anexo B) com desenhos e expressões dos próprios discentes sobre a vivência em seu território e territorialidades em um diapasão de homem e natureza.

Ao longo da publicação o narrador vai desenvolvendo os segredos de como acontecem os processos de interação entre seres humanos, animais, plantas, solo, água e toda a paisagem do Pantanal, convidando os jovens leitores a reflexão sobre temáticas abordadas nas atividades desenvolvidas nas oficinas.

Este caderno deve ser utilizado por professores e alunos envolvidos no projeto, que além das ações educacionais, devem promover atividades voltadas para a saúde, lazer e a construção da cidadania nas comunidades de: Porto da Manga, Paraguai Mirim, São Lourenço (município Corumbá - MS).

## **4 REFLEXÕES TEÓRICAS**

A pesquisa do Desenvolvimento Local pode se enriquecer se mantiver uma abertura para a escuta do campo, lado a lado com outros aspectos e características envolvidas direta ou indiretamente com a investigação dos problemas dessa área, que vão desde o georreferenciamento e da macroeconomia até a qualidade de vida das populações e os seus indicadores. Se não se trata apenas de desenvolvimento entendido a partir de referenciais extrínsecos, mas de desenvolvimento local, o assunto envolve então a entrada nos sentidos e significados que circulam no local, para que haja uma apropriação e uma dinamização dos movimentos de crescimento ou de inserção. Reconhecer e apreender com o local suas derivações cotidianas, entre estalos visíveis e invisíveis, cria atalhos para se entender mais facilmente o que está sendo estudado ou observado.

O campo, por sua vez, não é institucionalizado, não é padronizado, mas é uma construção que nasce do encontro entre a pessoa que pesquisa representando a comunidade acadêmica e as pessoas que pesquisam para aprender ou para viver melhor, resolver problemas etc. Sendo assim, cabe ao pesquisador a tarefa de estabelecer maneiras de construir e, muitas vezes, desconstruir formas para compor estratégias e conseguir compreendê-lo.

Parece estranho, mas, neste ponto da discussão, faz-se necessário colocar em evidência uma pergunta: Qual a importância do campo para os estudos em Desenvolvimento Local? Pergunta proposital que emerge das narrativas precedentes, trazendo para a superfície da discussão o objetivo do estudo, como pesquisa heurística e como reflexão em relação à dinâmica de vida da comunidade da Barra de São Lourenço.

Poderia até me arriscar a responder, em linhas gerais, a este questionamento, mas prefiro dizer, por meio da experiência vivida na comunidade da Barra, qual o preço que o campo teve sobre a elaboração desta pesquisa de mestrado.

Por meio da vivência, dos encontros e desencontros, percebi aquela comunidade não como um aglutinado de pessoas, mas sim como um grupo cheio de diferenças e



contrastes. Uma combinação de dinamismos descontínuos muito ativos e determinantes para uma lógica social própria.

Este é o papel do Desenvolvimento Local como ciência social e humana, apresentar-se ao mundo ao lado do campo e das diferenças apresentadas por ele. Só dessa forma pode-se iniciar a construção de uma atitude de abertura de espaço para a escuta do sujeito como outro, nos seus desvãos e na sua vivência territorial específica. E assim, desenvolver maneiras de pensar o desenvolvimento a partir do outro, das necessidades apresentadas pelo campo.

Dessa forma, as pesquisas na área do Desenvolvimento Local propositalmente enxergariam ‘processos’ e não ‘perspectivas’. Processos são embarcados pela latência de movimento, são movimentos em si mesmos e, por isso, estão mais perto do cotidiano, das inter-relações que o campo compõe. Perspectiva é ponto, situação de localização pontual de um alvo; assemelha-se a uma figura estática, desenho que transmite hipóteses para o campo e para o sujeito de um futuro derivado das afirmações teóricas.

A experiência de processo, que se torna falível como especulação investigativa, é apreendida na dinâmica delicada de uma abordagem predominantemente articulada ao redor da percepção interna como eixo central do trabalho. Assim, a tarefa de apreender com o outro, construindo um campo de reciprocidades, revela processos propícios ao Desenvolvimento Local.

A escolha por enxergar os processos ou as perspectivas é uma escolha construída no decorrer da pesquisa. Tratar de processos tem relação com a construção de conhecimento tateando o campo, criando vínculos e se permitindo mergulhar nas próprias dúvidas até chegar perto de respostas mais palpáveis - encontrando significados e verticalidades, que não podem ser generalizadas por serem representativas da singularidade da experiência em estudo.

Sendo assim, o estado dialógico entre a comunidade da Barra de São Lourenço e Desenvolvimento Local constrói uma imagem esteticamente montada pela experiência narrativa que esta pesquisa propôs. Revela uma comunidade que vem se organizando como diferença e tramando a sua identidade na sucessão de mosaicos e arrumações cotidianas.

Com esta pesquisa, abro uma reflexão ao trazer a comunidade da Barra de São Lourenço como um grupo humano de tensões, iniciativas e posições como local particular na esfera esquemática da complexidade global. Lugar que estrategicamente vem se formando como local. Existe e diz que existe. Exige respeito como um lugar de tradição, e não quer ser confundido e segmentado por dizeres alheios.

E foi assim, percebendo a necessidade que a comunidade tinha de dizer o quanto é latente e a visão direcionada do pesquisador em enxergar processos e não perspectivas, que muitas reflexões durante este estudo vieram à tona, reflexões essas que se fazem necessárias dentro de um estudo voltado à área do Desenvolvimento Local.

#### 4.1 SIGNIFICADO DE COMUNIDADE

A primeira delas, sem dúvida, foi um conjunto de ponderações a respeito do legítimo significado de comunidade. Sempre defendi que as palavras possuem significados, porém algumas delas guardam também sensações. A palavra “comunidade”, por exemplo, é uma delas. Ela sugere uma coisa boa; o que quer que comunidade signifique, é bom ter uma comunidade, é bom estar numa comunidade.

Falar em comunidade significa falar de fortes laços de reciprocidade, de sentido coletivo dos relacionamentos. Etimologicamente a palavra comunidade vem do latim *communitate*, denota “aquilo que é comum, comunhão”. Isso se pode verificar em qualquer dicionário da língua portuguesa (MICHAELIS, 1998).

Indo mais além, Pierson (1969, p. 119) defende que “uma comunidade se define pela simbiose”, isto é, pelo simples viver em comum em que podemos encontrar cooperação mútua na sua forma mais característica, impessoal e inconsciente que possa existir. As comunidades têm funcionado, na sociologia contemporânea, como um objeto submetido a diversos tipos de mudança, invariavelmente relacionados com alterações trazidas pela modernidade, como aponta Almgren (2000). Amit (2002) aponta que, nas ciências sociais, seja na antropologia, seja na sociologia, desde os clássicos Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917), Max Weber (1864-1920) e Ferdinand Tönnies (1855-1936), os estudos de comunidade usam esse conceito como veículo para interrogar a dialética entre as transformações históricas e a coesão social. No caso em questão, encontram-se muito mais elementos a discutir e, sobretudo, elementos que foram vividos acerca da coesão e das suas características. Esses elementos serão mais fortemente trazidos a esta discussão.

Sendo assim, fazer parte de uma comunidade significa não sermos estranhos entre nós mesmos. E esse processo de poder se enxergar através do outro e não se perceber estranho é que fortalece cada vez mais os laços que precisam existir para que uma comunidade se configure.

No caso da Barra de São Lourenço, a sua formação e sua fortificação, enquanto um lugar comum a diversos indivíduos, parecem depender essencialmente do processo através do qual um membro se enxerga no outro. Pois, quando estes indivíduos, que hoje formam a comunidade da Barra, eram empregados da fazenda Acurizal, como já relatado em capítulo anterior, e moravam na outra margem do rio Paraguai, de onde foram despejados sem mais nem menos, o mesmo anseio os atingiu.

O sofrimento coletivo e a dor de não pertencerem a lugar nenhum foi o primeiro de muitos sentimentos que eles passaram a compartilhar. A dor consequentemente os uniu e os ajudou a enfrentar o novo desafio que estava por vir. Maneiras e estratégias foram sendo construídas para que relações fossem criadas.

Para que uma comunidade se configure, não basta que só anseios e sofrimentos sejam comuns, para isso é necessário a existência de uma série de elementos, que, segundo Tönnies (1973, p. 102), são a “[...] vontade comum, compreensão, direito natural (fundamentado na igualdade entre os homens), língua e concórdia [...]”.

Importante ressaltar aqui que, quando falamos de elementos que caracterizam uma comunidade, não podemos defender a ideia de que estes são planejados ou projetados para existirem. Na verdade, eles aparecem de forma muito complexa para serem tratados de forma linear. A sua complexidade segue uma lógica interna que dá ao observador a impressão de tratar-se mesmo de processos espontâneos.

Por ser aparentemente tão evidente e natural, o entendimento compartilhado que cria a comunidade passa despercebido, a tal ponto que Bauman (2003, p. 16) chega a afirmar que esse “[...] entendimento característico de uma comunidade é tácito por sua própria natureza [...]”.

Uma comunidade, por si só, edifica-se. Não existem regras fixas para sua formação. Sua construção é dada de acordo com sua própria necessidade e, para Buber (1987, p. 47), “A comunidade pode, a partir da relação entre duas vidas ou algumas pessoas, tornar-se o fundamento da vida em comum de muitos indivíduos [...]”.

No caso da comunidade da Barra de São Lourenço, o fundamento de vida em comum surgiu exatamente da necessidade de um grupo de pessoas, que pouco a pouco foi conquistando mais indivíduos, até chegar a formação que tem hoje.

Mais do que dividirem um espaço geográfico, as pessoas que dão vida à Barra de São Lourenço são unidas por desejos e medos em comum e também por uma rede de negociações, que, por vezes, passa despercebida, mas realmente é o que dá forma e mantém as estruturas da comunidade em pé.

Sendo assim, quanto mais pontos em comum as pessoas que formam uma comunidade possuírem, essencialmente ficarão mais unidas a despeito de todos os fatores que possam as separar.

Fazer parte de uma comunidade também significa construir uma identidade comum. Na sociedade contemporânea, o indivíduo experimenta um modo específico de vida, oposto a condições presentes de integração comunitária, em que harmonia, reciprocidade e confiança são palavras conhecidas.

E, essa interação comunitária, que não é tão fácil de observar em comunidades urbanas, apresenta-se de forma bastante visível em comunidades tradicionais como a Barra de São Lourenço. Isso acontece não porque os indivíduos que formam essa comunidade tradicional entendem ser necessário, mas sim porque sem essa interação e ajuda mútua dificilmente a comunidade iria ter um desenvolvimento pleno.

Essa doação que um indivíduo acaba tendo um para com o outro na comunidade da Barra de São Lourenço é facilmente observável. Quando o peixe falta, quando uma criança fica doente, quando alguém precisa com urgência descer o rio Paraguai, quando uma onça ataca ou até mesmo quando não se tem o dinheiro necessário para as despesas mensais, o espírito de união acaba por prevalecer.

Esse comprometimento velado entre cada um dos moradores ribeirinhos do rio Paraguai é que acaba por criar a identidade desse povo. E, quando falo de identidade, não me restrinjo só aos aspectos físicos que os moradores da Barra possuem, mas me estendo também às esferas psíquicas e sociais.

Certamente é comum que eles se olhem e se percebam ‘iguais’, isso por possuírem traços semelhantes, como o rosto judiado pelo sol, a pele parda, os olhos escuros, o peso quase sempre acima do recomendado, entre outros. Isso seguramente os ajuda, no sentido de um olhar para o outro e se ‘identificar’. Porém mais importante que se olharem e se reconhecerem parecidas fisicamente é essas pessoas se olharem e se identificarem culturalmente, politicamente e socialmente.

Exemplos simples podem elucidar o que aqui quero dizer, pois o fato de todos precisarem e serem dependentes do rio Paraguai, da pesca e da coleta de iscas para sobreviver faz com que se intensifique um entendimento, não explícito por palavras, mas por ações e comportamentos. Cada ribeirinho que ali vive entende como é a vida do seu próximo. Criar artimanhas para serem cada vez mais próximos uns dos outros garante que a estrutura da comunidade seja preservada.

O mais impressionante é que essas artimanhas estão presentes até mesmo nas histórias compartilhadas e passadas de geração em geração, como a lenda do minhocão, por exemplo, que, de certa forma, exerce uma função primordial de não deixar que eles se esqueçam de quem são, no que acreditam e na bagagem cultural que carregam.

Essa compatibilidade e esse reconhecimento de ideias é que dá vida a uma identidade comum. E, nesse caso, construir uma identidade, isto é, dar-lhe uma forma, é legitimar a própria vida, porque é a forma que dá fundamento à existência.

Importante ressaltar aqui que o processo de construção de identidade não é algo único e duradouro. Reforçando esta ideia, Saquet (2007, p. 149) atesta que a identidade é constantemente reconstruída histórica e coletivamente, e se territorializa, especialmente, através de ações políticas e culturais: “[...] a identidade se constrói, desconstrói-se e se reconstrói no tempo, ou melhor, através do tempo”.

Sobre essa questão da identidade ser constantemente reconstruída, alguns autores defendem que é um processo fruto do pós-modernismo. Nesse sentido, a chegada da modernidade, como defende Hall (2005, p. 96), “[...] desencadeou um desmoronamento na noção de sujeito, resultando numa crise de identidade”.

No entanto, acredito que essa constante reformulação identitária não é fruto de uma época, qualquer que seja ela. Os indivíduos sempre tiveram que se adaptar a diferentes situações ao longo dos tempos. E a identidade acionada por cada um desses indivíduos ou, como no caso deste trabalho, a identidade acionada pelo grupo, varia - em maior ou menor grau - de acordo com a situação enfrentada.

Exemplo disso é o movimento de deslocamento identitário provocado pela mudança de lugar que aconteceu com os moradores da comunidade da Barra de São Lourenço. Antes de serem tirados de uma margem do rio e irem para outra, eram trabalhadores de fazenda, exerciam atividades de pilotagem, limpeza de inverno, transporte de gado entre outras funções. Naquela situação, era claro que a identidade daquele povo era uma, mas logo quando se viram obrigados a mudar o estilo de vida e a buscar em outra atividade econômica a fonte de seu sustento, acabaram por ter que assumir uma outra identidade, nesse caso, a de pescadores e coletores de iscas. Apropriaram-se das novas formas de ser e de agir, e hoje defendem essa nova identidade com visível facilidade e clareza.

Sendo assim, fica fácil entender por que Hall (2005) defende que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente, é uma fantasia, pois uma identidade está sempre em permanente construção. Nunca somos uma única coisa, mas sim um vasto

conjunto de atributos, impossíveis de serem adquiridos sem uma relação de troca com outros indivíduos.

Essas relações de trocas que devem ser levadas em consideração não são advindas só do presente, do momento vivido e factual, mas sim as trocas que já existiam até mesmo entre os antepassados.

## 4.2 A QUESTÃO CULTURAL

Neste caso, avançamos um pouco e estendemos a discussão a uma questão ainda mais ampla e importante de ser debatida, que é a questão cultural que envolve um povo e fundamenta a reafirmação dos seres. Mas, para isso, seria necessário definir, mesmo superficialmente, o termo “cultura”, tarefa que não se tornou muito fácil em função do termo ser usualmente utilizado para se referir a diferentes fenômenos, todos eles ligados aos modos de existir dos numerosos grupos humanos, modos estes que são característicos e múltiplos entre si (ALMGREN, 2000).

Ultimamente, o termo cultura, que já vinha carregado de significados, tomou também a função de designar toda manifestação artística ou de comportamento da tradição popular. É certo afirmar que o termo ‘cultura’ exhibe um número de significações tão abrangentes, que frequentemente torna-se difícil o seu emprego ou o seu entendimento no sentido desejado.

O conceito ‘cultura’ originalmente surgiu do latim - *colere* - o que quer dizer, cultivar. A princípio a palavra era utilizada no sentido de destacar a educação aprimorada de uma pessoa e principalmente seu interesse pelas artes.

No dicionário da língua portuguesa, cultura significa “[...] Sistema de ideias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracterizam uma determinada sociedade [...]” (MICHAELIS, 1998, p. 623).

Partindo desse pressuposto, o termo foi ganhando forma e agora é alvo de discussão entre vários autores. Para Kashimoto, Marinho e Russef (2002, p. 1), por exemplo, cultura significa “[...] um conjunto de atividades e crenças que uma comunidade adota para enfrentar os problemas que surgem no ambiente em que vivem [...]”.

Já Claxton (1994), manifesta suas ideias a respeito do termo, ressaltando que cultura não pode ser definida só como um conjunto distintivo de atributos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou grupo social, mais que

isso, cultura engloba artes, literatura, e principalmente os modos de vida, os sistemas de valores, as tradições, crenças e os direitos fundamentais do ser humano.

Compartilhando desta idéia Sahlins (1998, p. 41) afirma que, “A cultura não pode ser abandonada, sob pena de deixarmos de compreender o fenômeno único que ela nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos [...]”. Pois, as pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados — significados que não podem ser determinados a partir de propriedades biológicas ou físicas.

Isso nos permite deduzir que ‘cultura’ se torna uma marca impressa da alma de um povo e que através dela podem-se captar os valores e alentos do ser humano. E não foi difícil pra mim, perceber a verdade dessas afirmações durante a realização desta pesquisa. Já na primeira viagem que fiz à comunidade da Barra de São Lourenço, pude perceber indícios culturais que permeiam aquelas casas e se tornam parte do corpo e da alma daqueles pantaneiros. Exemplos não faltam, o primeiro que vou citar aqui e que fiz questão de relatar na narrativa do meu encontro de Leonora, a mulher que inventa lagartos é a estrutura social matriarcal existente na comunidade, aliás, não só na comunidade, pois isso se estende além da Barra de São Lourenço. No Pantanal como um todo, quase sempre quem leva as rédeas da casa e se apresenta como figura mais contemplativa do lar, é a mulher.

Ou seja, culturalmente a mulher é figura forte e destemida do Pantanal. Ela não titubeia em sair em uma pequena canoa para garantir o sustento dos filhos, encaminha as relações comerciais, que, no caso da Barra de São Lourenço, se resumem em fechar os acordos com os barcos turísticos para o fornecimento de iscas, fazer a contagem da entrega dos peixes, receber dos compradores a quantia combinada e até mesmo definir como o dinheiro do trabalho duro será empregado.

Toda essa expansividade vinda da figura feminina, que igualmente encanta e embeleza o Pantanal, também é responsável por um fato que chama a atenção. Na comunidade da Barra, ela é quem ocupa todos os cargos de maior representatividade. Vejam só: a presidência da associação de moradores da Barra é de uma mulher, atualmente quem leciona na escola são duas professoras, a única igreja da região é coordenada e fica sob a responsabilidade de uma pastora, e assim por diante.

Todavia não podemos avaliar a conjuntura acima como única e duradoura, principalmente diante da natureza inconstante de um povo em permanente mutação.

Sobre essa questão a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2002, p. 2) se manifesta atestando que:



A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Sendo que essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade.

Esse processo de reconhecer que a cultura toma formas diferentes durante o passar do tempo precisa ser acompanhado e observado de perto por quem vive a transformação, pois a vontade de se conhecer em profundidade e de perceber a identidade cultural local é um primeiro passo para o desenvolvimento.

Mais do que ao pesquisador, importa à comunidade reconhecer essa autoidentificação cultural e assumir esse eficaz instrumento com o objetivo de se tornar protagonista do seu próprio processo de desenvolvimento (ÁVILA, 2006).

E foi assim, se autorreconhecendo, se percebendo e se assumindo como comunidade que respira e vive o Pantanal, que a comunidade da Barra de São Lourenço passou a ser estrela do seu próprio show. Claro que para isso acontecer foi necessário a ajuda, o encaminhamento e alguns empurrõezinhos.

Quando escrevi a narrativa: “As falas do menino Jean”, a intenção era que nas entrelinhas do texto ficassem registradas justamente essas relações de ajuda primordiais. Estas aconteceram e continuam a acontecer na comunidade nas ações ligadas a saúde, educação, cultura, entre outras, na maioria das vezes fomentadas por atores que não fazem parte daquela realidade. Como exemplo disso, a construção de um entreposto de iscas, proposto pela ONG Ecoa, o atendimento de saúde realizado pela Marinha do Brasil e a festa de São Pedro organizada pelo Armando empresário e morador de Corumbá.

#### 4.3 PENSANDO O DESENVOLVIMENTO

Ao refletir um pouco mais distante de todo o processo, vem à tona a necessidade de fazermos uma reflexão mais aprofundada sobre essas iniciativas de desenvolvimento existentes na região. Sendo assim, é certo que não existe um modelo predeterminado ou um manual com regrinhas sobre como promover o desenvolvimento de um local. Mas, através do esforço de alguns pesquisadores para entender esse processo, sugestões são feitas e abordagem são propostas.

De imediato, é necessário entendermos que existe uma diferença crucial entre o desenvolvimento que acontece localmente e o desenvolvimento que acontece no local, mesmo que nos dois casos exista a participação da comunidade.

Ávila (2000) afirma que o desenvolvimento no local acontece quando agentes os externos chegam até a comunidade com a intenção de promover melhorias na qualidade de vida daquela localidade, isso é claro com a participação da comunidade. Já o desenvolvimento local seria o processo da comunidade se perceber como capaz e competente a ponto de agenciar e gerenciar suas próprias ações visando a uma melhor qualidade de vida, tudo isso através de estratégias que envolvam efetivamente toda a comunidade e possíveis agentes externos que se proponham a ajudar.

O autor defende que todo e qualquer desenvolvimento não acontece repentinamente. O processo do verdadeiro desenvolvimento local se dá de forma vagarosa e sempre constante (ÁVILA, 2000). Nesse caso, é necessário obedecer ao ritmo de cada comunidade, no sentido de que eles entendam que a solução dos problemas mais básicos existentes na localidade depende quase que em absoluto da mobilização, organização e boa vontade da própria comunidade:

O núcleo conceitual do desenvolvimento local consiste essencialmente no efetivo desabrochamento das capacidades, competências e habilidades de uma comunidade definida, no sentido de ela mesma se tornar paulatinamente apta a agenciar e gerenciar (diagnosticar, tomar decisões, planejar, agir, avaliar, controlar, etc.) o aproveitamento dos potenciais próprios, assim como a metabolização comunitária de insumos e investimentos públicos e privados externos, visando à processual busca de soluções para os problemas, necessidades e aspirações, de toda ordem e natureza, que mais direta e cotidianamente lhe dizem respeito (ÁVILA, 2000, p. 68).

Nessa perspectiva e levando em consideração as ponderações acima colocadas, pode-se deduzir que a comunidade da Barra de São Lourenço ainda não vive um processo em que as potencialidades e as habilidades de seus moradores são adolecidas o suficiente para que eles tomem as rédeas de seu próprio desenvolvimento. Mas um fato importante deve ser levado em consideração, que é a veemência com que esses atores externos trabalham para fazer com que os pantaneiros se percebam como autossuficientes e donos de seu próprio destino.

Faço essa observação por ter participado de todo o processo que culminou na construção do entreposto de iscas da comunidade, que tem propositalmente a função de auxiliar numa maior rentabilidade econômica para as famílias da região. Essa ação não foi simplesmente pensada e executada pela Ecoa. Num processo desgastante, diversas conversas

e reuniões foram feitas com a comunidade na intenção de que eles detectassem os seus maiores anseios e necessidades. E, através deste processo, em conjunto e democraticamente que os ribeirinhos da Barra conseguiram perceber que uma das maiores mazelas da comunidade era a instabilidade financeira e a vulnerabilidade que isso vinha ocasionando a todos os moradores da comunidade. Não podendo ser diferente, todos optaram pela construção de algo (no caso o entreposto) que suprisse essa necessidade.

Evidente que, se a ajuda não tivesse vinda de atores externos, o local para acondicionar as iscas vivas certamente não teria sido construído até hoje; mas, nesse caso, mais importante do que quem financiou essa construção é ponderar quem foi responsável pela tomada de decisão, quem teve a ideia, que, no caso, partiu da própria comunidade.

Esse é só um dos exemplos, pois quem convive diretamente com aqueles ribeirinhos não demora a perceber que eles estão traçando um caminho para o processo de descobertas de habilidades e capacidades, podendo, assim, rapidamente passar a andar com as próprias pernas. Essas habilidades e capacidades já estão bastante desenvolvidas na comunidade em relação ao aspecto comunicacional.

Como jornalista, não pude deixar de perceber como são construídas por aqueles ribeirinhos as estratégias para não se distanciarem do mundo e deles mesmos. Fiquei impressionada ao detectar entre eles um arranjo comunicacional que flui com facilidade, sem grandes falhas ou ruídos observáveis.

#### 4.4 AS NEGOCIAÇÕES ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO

Foi durante minha quarta viagem à região, que inspirou o capítulo intitulado “A comunicação e o humano expandido”, que passei a voltar meus olhos para esses processos. Apesar de já acostumada a deixar que o campo fosse meu guia e responsável por me mostrar o que deveria ser revelado, nessa visita em especial, concentrei melhor a atenção nas estratégias de comunicação e me descobri num mundo novo, que me fez entender a importância do ato de se comunicar como um processo vital para o desenvolvimento de qualquer grupo social.

Falar de comunicação parece até mesmo irrelevante diante de todas outras discussões que poderiam ser fomentadas através da experiência que vivi durante os 24 meses que frequentei a comunidade da Barra. Mas um dado importante que justifica esse meu interesse é que, segundo Berlo (2003, p. 64), “[...] gastamos cerca de 70% do nosso tempo

ativo nos comunicando: ouvindo, falando, lendo e escrevendo, sendo assim, cada um de nós gasta de 10 a 12 horas por dia, todos os dias, em comportamento de comunicação [...]”.

Diante desse dado, é impossível ignorar o fato, e também foi impossível não buscar entender como os processos comunicacionais eram construídos dia a dia pelos ribeirinhos que vivem às margens do rio Paraguai.

Uma vez abordado esse assunto, nada mais correto que buscar as explicações teóricas e tentar entender melhor a importâncias da comunicação no processo de desenvolvimento e manutenção de uma comunidade.

Para iniciarmos a discussão, torna-se imprescindível neste momento explicar que o termo ‘comunicação’ vem sendo empregado durante toda a evolução da história, sendo que sua primeira definição, segundo Berlo (2003, p. 23), foi formulada pelo filósofo grego Aristóteles, em 380 a.C., onde defendia que comunicação é “[...] a procura de todos os meios disponíveis de persuasão, na tentativa de levar outras pessoas a adotarem o ponto de vista de quem fala [...]”.

Essa forma de ver a comunicação continuou aceita até a última parte do século XVIII, embora a ênfase se tivesse deslocado dos métodos de persuasão para o que houvesse de “bom” em quem falava.

No século XVII, apareceu uma escola de pensamento conhecida como psicologia das faculdades, que fazia distinção nítida entre a alma e a mente, atribuindo faculdades distintas a cada uma. Esses conceitos da psicologia das faculdades acabaram invadindo a retórica, e o dualismo entre mente e alma era interpretado como base para duas distintas formas de pensar a comunicação.

Berlo (2003, p. 8) discorre sobre essas duas formas diferentes de pensar a comunicação e atesta que “[...] uma delas era de natureza intelectual ou cognitiva; a outra, emocional. Uma tocava à mente, a outra, à alma [...]”.

De acordo com essa teoria, um dos objetivos da comunicação era informativo - e o outro era persuasivo. Tudo bem que a ideia desta teoria era facilitar o reconhecimento do verdadeiro objetivo da comunicação, mas a dificuldade criada com isso, foi grande, pois temos que convir que é bastante complicado olhar um conjunto de palavras e determinar se ela é informativa ou persuasiva.

Para tanto, com o passar do tempo, sugeriu-se uma nova avaliação sobre o objetivo da comunicação e, como Berlo (2003) mesmo descreve, para se fazer essa reavaliação foi necessário empregar ao menos quatro critérios. O objetivo da comunicação deve ser especificado de maneira tal que:

- 1) Não seja logicamente contraditório ou incoerente consigo mesmo.
- 2) Concentre no comportamento, isto é, seja expresso em termos de comportamento humano.
- 3) Seja específico o bastante para que possamos relacioná-lo com o real comportamento de comunicação.
- 4 ) Seja coerente com os meios pelos quais as pessoas se comunicam. (BERLO, 2003, p. 10).

Depois de definidos esses critérios e reavaliada a questão do objetivo da comunicação, de acordo com o autor chegou-se à conclusão de que as pessoas se comunicam para alterar as relações originais entre o próprio organismo e o ambiente em que vivem.

Endossando esta ideia, Beneton (2006, p. 41) é enfático ao dizer que “[...] é graças à comunicação que o ser humano conseguiu desenvolver as formas mais complexas de interação e convivência [...]”. Isso nos leva a crer que a comunicação passa a ser um dos principais agentes do processo social, possibilitando a permuta de informações que se processa entre um emissor, que envia a mensagem e um receptor, que a acolhe.

Já sobre a maneira com que essas permutas de informação acontecem, podemos destacar inúmeros formatos. A sociedade contemporânea, por exemplo, tem se mostrado, a cada dia, mais acostumada a ver estas trocas acontecerem por meio da televisão, computador, celular, entre outros. Mas não necessariamente que este processo esteja ligado à tecnologia. Prova disso são as estratégias usadas pela comunidade da Barra de São Lourenço, como o barco, as cartas e a igreja, estratégias que garantem que informações sejam disseminadas.

Evidente que a tecnologia também é essencial nesses momentos. Daí minha atenção especial durante a construção da quarta narrativa ao abordar a importância do rádio na vida dos moradores da Barra. O motivo, sem sombra de dúvida, foi o poder e o encantamento que esse veículo exerce sobre aquelas pessoas.

Esse interesse é plausivelmente justificado, já que o rádio, em especial, é um veículo de comunicação que alcança pessoas de diferentes classes, idades e culturas, podendo inclusive ser instrumento para estimular o crescimento de comunidades, promover a interação social e a promoção de soluções para os problemas que as envolvem.

Ruas (2002, p. 1) também acredita nesse poder transformador que o rádio exerce sobre as comunidades, tanto que defende a ideia de que as rádios se tornam uma ferramenta a favor do desenvolvimento, quando colocam o ouvinte em contato com sua realidade, como é o caso do programa “Alô Pantanal”, que a comunidade da Barra de São Lourenço escuta todos os dias:

O poder dessas emissoras no exercício da cidadania é comprovado quando os resultados do trabalho comunitário se projetam em ações de cunho social, como em questões ligadas à política, saúde, educação e cultura. A comunicação tem um papel fundamental no desenvolvimento local, primeiramente porque, com a organização humana em sociedade, a comunicação passa a ser elemento essencial de vida.

Ainda reforçando o conceito de que o rádio envolve e encanta seus ouvintes, Ota (2002, p. 2) atribui a isso o fato de o veículo possuir algumas características bem peculiares, como: “[...] baixo custo, penetração, oralidade, instantaneidade e mobilidade [...]”, fatores estes que contribuem também para a popularização do veículo.

Essa popularização ainda é tão intensa que, para Beneton (2006), hoje, o rádio continua a ser o veículo mais rápido e objetivo, levando entretenimento, formando opinião, com as informações chegando aos ouvintes de maneira íntima e informal, atuando assim como um verdadeiro termômetro do sentimento popular.

Nesse sentido, Beneton (2006, p. 25) ressalta que “[...] entre todas as formas de comunicação alternativa, é o rádio que tem demonstrando ser portador de uma espécie de força aglutinante das massas e caixa de ressonância para vozes e idéias [...]”.

As rádios, entendidas num contexto geral, são propulsoras da cidadania e constituem uma importante ferramenta para o desenvolvimento, tanto pelas intervenções econômicas que desencadeiam, como pelo teor que transmitem e pelo aprendizado que proporcionam às pessoas que participam de todo o processo de criação e difusão de mensagens.

O importante a ficar registrado aqui é que, independente de como a comunicação aconteça e como a troca de informação seja realizada, sem comunicação, os indivíduos não poderiam empreender tarefas conjuntas, nem progredir no domínio do mundo físico, visto que as invenções e descobrimentos dependem quase sempre de uma acumulação de informações e de um gradativo desenvolvimento de conceitos transmitidos de uma geração à seguinte.

Além disso, cabe ressaltar que a comunicação é também considerada uma ferramenta que garante a diversidade cultural e ajuda na construção do conhecimento e automaticamente na autonomia do ser.

## CONCLUSÃO

“A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá,  
mas não pode medir seus encantos”

(MANOEL DE BARROS, 2010, p. 340).

Sempre resisto à pretensão de concluir alguma coisa. Para mim isso soa como se as questões analisadas tivessem se esgotado ou a temática abordada não pudesse mais ser debatida quando, na verdade, meu intuito ao escrever este trabalho foi abrir o caminho para uma discussão latente e que vem ganhando cada vez mais espaço.

A troca que existiu entre o pesquisador e a comunidade, sem dúvida, tornou-se o ponto central deste trabalho, o esforço foi para se aproximar do sujeito da pesquisa e retratá-lo como ele se apresentava ser.

Melhor maneira de executar essa tarefa não poderia existir: segui os conselhos do poeta Jorge de Lima (1893-1953) que, na sua obra *Invenção de Orfeu* (1952), lança num de seus poemas a ideia de que não existe melhor maneira de conhecer as coisas senão sendo-as.

Pois bem. Foram então dois anos em que tentei ser, tentei existir, tentei viver como aquela comunidade e, graças ao movimento que tracei desde o início da pesquisa, é que consegui intensificar o contato com os moradores da Barra e, assim, aprender muito com todos eles.

Hoje, pensando nesse processo de aprendizagem pelo qual passei, uma das primeiras coisas que me vem à mente é o poema de Manoel de Barros (2010, p. 341) que diz seguinte:

Aprendo com abelhas do que com aeroplanos,  
É um olhar para baixo que eu nasci tendo.  
É um olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo.  
O ser que na sociedade é chutado como uma barata - cresce de importância  
para o meu olho.  
Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo.  
Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas  
Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão.



Antes que das coisas celestiais.  
Pessoas pertencidas de abandono me comovem:  
Tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.

Assim, por meio dos detalhes, das pequenas coisas do chão, dei forma às narrativas e descobri um mundo totalmente diferente e mágico.

A intenção, em nenhum momento, foi pura e simplesmente contar a história da Barra de São Lourenço. O que se pretendeu aqui foi construir um texto que mais se aproximasse da linguagem da comunidade estudada, por meio da narrativa da inquietude, e não da argumentação demonstrativa de um fato objetivo.

Também é errado dizer que tentei dar voz aos moradores da Barra, isso porque voz eles têm. Tratou-se, no entanto, de criar um canal, de tecer uma entrevoz, no decurso de um discurso encharcado de emoções, significativo para ambos (pesquisador e comunidade).

Sendo assim, esta pesquisa teve como intuito demonstrar que é possível colocar em prática a escuta do campo, dar vida ao sujeito e, sob novas óticas, pensar o Desenvolvimento Local em contexto da territorialidade, seja ela com método heurístico, seja com qualquer outro.

Quando se pensa em construir uma dissertação, é natural que se pense também numa estrutura e se trace um caminho - de onde estou saindo, quais estradas vou percorrer e aonde vou chegar. No meu caso, foi um pouco diferente: eu sabia exatamente de onde estava partindo e aonde queria chegar; no entanto o caminho que seria feito para que eu chegasse sã e salva, em momento algum foi pensado, estipulado ou forçado por mim.

Simplesmente deixei que as coisas fossem acontecendo. Coisa bastante incomum nesta área de pesquisa, mas que tem muito a ver com o método escolhido para embasar este trabalho.

Minha intenção não é ser repetitiva, mas acredito que ainda há espaço para reforçar o quanto o método heurístico tem a ajudar as pesquisas do campo do Desenvolvimento Local. Isso porque o campo de pesquisa do assim chamado Desenvolvimento Local, pela sua história e pelas suas peculiaridades e exigências concretas, configura-se como um possível (e fecundo) campo de prova da dimensão heurística do trabalho científico.

Acredito estar na hora de este campo tão fecundo se deixar também levar e aprimorar ainda mais sua lógica e exigência fundamental de se escutar o campo e se entregar a ele. Dessa forma, me entregando ao campo e me rendendo às artimanhas, invenções e

reinvenções da comunidade da Barra de São Lourenço, é que consegui ir alinhavando e descobrindo a ligação existente entre pequenos gestos, palavras e olhares com a teoria.

Nesse sentido surge como de suma importância o exercício da escuta, não mais como apenas um método de pesquisa, mas como uma dimensão de outro tipo de pesquisa de larga escala, não mais solitária, mas sim comunitária, visando, o tempo todo, às experiências humanas e à troca.

Mas a pergunta que não quer calar é: como se aplicar tudo isso? E como desenvolver o que está sendo proposto? Acredito que o tempo poderá certamente trazer respostas mais concretas, mas, enquanto isso, cabe arriscar que a pesquisa na área do Desenvolvimento Local envolve um aprendizado na negociação com realidades humanas intangíveis e inexprimíveis. Isso equivale a dizer que as pessoas não podem ser estudadas apenas pelo papel que desempenham dentro da economia de uma sociedade.

Ao colocar o campo como prioridade neste trabalho, tento desburocratizar o processo de observação, que, diga-se de passagem, é imprescindível para qualquer pesquisa. Somente observando e interagindo com o campo é que consegui perceber particularidades que certamente jamais viriam à tona apenas com a aplicação de questionários ou entrevistas estruturadas.

Nenhum questionário conseguiria registrar através de perguntas pré-formuladas o olhar falante do pequeno Jean, a tristeza na voz de todos os moradores quando indagados sobre as circunstâncias que os levaram a sair da tão bonita e encantadora “Flor da Serra”, muito menos conseguiria registrar a aflição escondida debaixo do sorriso de Leonora, enquanto me contava como é difícil uma mulher lá daquelas bandas cuidar da casa, dos filhos, da parte financeira e ainda ter tempo de sonhar. Sonhos que vão desde o estudo para os pequeninos que tem em casa até a compra de uma televisão.

Só com envolvimento e com entrega, consegui perceber que pensar em Desenvolvimento Local é muito mais que construir panoramas de crescimento econômico ou simplesmente pensar em ações que melhorem significativamente a vida das pessoas.

O ato de chegar perto do campo me possibilitou enxergar que é necessário entender vários outros conceitos para só depois pensar o aspecto do Desenvolvimento Local do território estudado como um todo. Mas esses conceitos, que precisam ser compreendidos de antemão, não são estipulados pelo pesquisador ou por qualquer manual de pesquisas sociais. A própria vivência com o campo e as situações que vão sendo apresentadas é que dão forma para novas descobertas e para os entendimentos que se fazem necessários.

No caso desta pesquisa, precisei entender e compreender várias situações para no final compor as narrativas e as reflexões propostas. Julgo que a principal delas, sem sombra de dúvidas, foi a de entender a fundo o que constitui uma comunidade, o que ela precisa ter para ser assim denominada.

Diante das perguntas que foram surgindo a esse respeito, também várias respostas foram sendo apresentadas, não por livros, mas pelo próprio campo. O discurso daqueles moradores quando falavam do alento que sentem em viver entre pessoas que dividem os mesmos anseios e dificuldades, foi o que efetivamente me fez perceber como é o ar de uma comunidade.

O sotaque carregado, o jeito simples de falar, o tipo de comida e até as técnicas que usam para catar suas iscas e garantir o peixe de cada dia foram indicadores bastante relevantes na hora de eu perceber o quanto a identidade daquele povo é marcante e o quanto uma identidade forte e sobressalente é importante para que uma comunidade se mantenha unida.

Para tentar explicar melhor o que acima escrevi, mais uma vez vou fazer uso das belas palavras de Manoel de Barros (2010, p. 342), quais sejam: “Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: quando cheias de areia de formigas e musgos - elas podem um dia milagrar de flores [...]”.

Assim é a comunidade da Barra, para muitos simplesmente uma máquina que não funciona mais, e por isso a escolhi, por preferir, como Manoel de Barros, as máquinas que não funcionam, que ficam fadadas ao abandono, debaixo de chuva e sol, pois assim toda a poeira que nela se assenta pode um dia dar formas a um lugar propício para o nascimento de muitas flores.

## REFERÊNCIAS

ALMGREN, G. Community. In: BORGATTA, E.; MONTGOMERY, R. (Eds.). *Encyclopedia of sociology*. 2<sup>nd</sup> ed. New York: Macmillan, 2000. v. 1, p. 362-369.

AMIT, V. Reconceptualizing community. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). *Realizing community: concepts, social relationships and sentiments*. London: Routledge, 2002. p. 1-20.

ANDERSON, R.; BRAUD, W.; VALLE, R. Disciplined inquiry for transpersonal studies: Old and new approaches to research. In: ANNUAL CONVENTION OF THE WESTERN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, 76<sup>th</sup>, 1996, San Jose, CA. *Proceedings...* Prescott, AZ: Western Psychological Association, 1996. Disponível em: <<http://inclusivepsychology.com/uploads/DisciplinedInquiryForTranspersonalStudies.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

ARTE BOA. *Mapa do Brasil e Mato Grosso do Sul*. 400 x 423 pixel. Formato JPG. Disponível em: <[http://www.arteboia.net/imagens/mapas/mapa\\_brasil.jpg](http://www.arteboia.net/imagens/mapas/mapa_brasil.jpg)>. Acesso em: 23 set. 2010.

ÁVILA, V. F. *Cultura de sub-desenvolvimento desenvolvimento local*. Sobral: Edições UVA, 2006.

ÁVILA, V. F. Pressupostos para a formação educacional em desenvolvimento local. *Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, Campo Grande, v. 1, n. 1, p. 63-76, 2000. Disponível em: <[http://www3.ucdb.br/mestrados/RevistaInteracoes/n1\\_fideles.pdf](http://www3.ucdb.br/mestrados/RevistaInteracoes/n1_fideles.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2010.

BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BENETON, R. *Processos de comunicação e cultura local: um estudo sobre a Rádio Paraitinga, de São Luis do Paraitinga, SP*. 2006. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-04082009-224248/publico/4967225.PDF>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

BERLO, D. K. *O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática*. 10. ed. São Paulo: M. Fontes, 2003.

BUBER, M. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CALHEIROS, D. F.; OLIVEIRA, M. D. *Ocorrência do fenômeno natural “dequada” no Pantanal*. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2003.

CARDOSO, L. Gestão do conhecimento: o contributo de Polanyi. *Itinerários*, Lisboa, v. 6, n. 11, p. 129-135, 2004.

CHELOTTI VIAGENS E TURISMO. *Mapa do rio Paraguai*. 657 x 1.561 pixel. Formato JPG. Disponível em: <<http://www.chelottiviagens.com.br/images/Mapa-Rio-Paraguai1.jpg>>. Acesso em: 24 set. 2010.

CLAXTON, M. *Cultura y desarrollo*. Paris: UNESCO, 1994.

COMUNIDADE. In: MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p. 550.

CULTURA. In: MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p. 623.

DE LONG, D. Building the knowledge-based organization: How culture drives knowledge behaviors. *Working Paper: Ernst & Young's Center for Business Innovation*, Boston, 1997. Disponível em: <[http://www.providersedge.com/docs/km\\_articles/Building\\_the\\_Knowledge-Based\\_Organization.pdf](http://www.providersedge.com/docs/km_articles/Building_the_Knowledge-Based_Organization.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2010.

DESCARTES, R. *Discurso sobre o método*. São Paulo: Hemus, 1978. Originalmente publicado em 1637.

EMMONS, L. H. Jaguar predation chelonians. *Journal of Herpetology, Salt Lake City*, v. 23, n. 3, p. 311-314, 1989.

ERICKSON, F. Ethnographic microanalysis of interaction. In: LECOMPTE, M. D.; MILLROY, W. L.; PREISSE, J. (Eds.). *The handbook of qualitative research in education*. New York: Academic Press, 1992. cap. 5, p. 201-226.

ETNOGRAFIA. In: MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p. 909.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Boockman, 2004.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GERGEN, K. J.; GERGEN, M. M. Narrative form and the construction of psychological science. In: SARBIN, T. R. (Ed.). *Narrative psychology: The storied nature of human conduct*. New York: Praeger, 1986, p. 3-21.

GIVEN, L. M. (Ed.). *The Sage encyclopedia of qualitative research methods*. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2008.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEURÍSTICO. In: MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p. 1.088.

IMERSÃO. In: MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p. 1.129.

KASHIMOTO, E.; MARINHO, M.; RUSSEF, I. Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. *Interações - Revista Internacional*

de *Desenvolvimento Local*, Campo Grande, v. 3, n. 4, p. 35-42, 2002. Disponível em: <[http://www3.ucdb.br/mestrados/RevistaInteracoes/n4\\_marcelo.pdf](http://www3.ucdb.br/mestrados/RevistaInteracoes/n4_marcelo.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2010.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes tropiques*. London: Hutchinson, 1964. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/26717152/Tristes-Tropiques-A-World-on-the-Wane>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, J. C. *A ciência psicológica em primeira pessoa: o sentido do método heurístico de Clark Moustakas para a pesquisa em psicologia*. 2004. 242 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004.

MANOEL DE BARROS. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

MANOEL DE BARROS. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MANOEL DE BARROS. *Concerto a céu aberto para solo de aves*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998a.

MANOEL DE BARROS. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998b.

MARQUES, H. R. *et al. Metodologia da pesquisa e do trabalho científico*. Campo Grande: UCDB, 2006.

MARTINELLI, M. L. O uso de abordagens qualitativas em Serviço Social. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras, 1999. p. 19-30.

MEDINA, C. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.

MEHAN, H. Understanding inequalit in schools: The contrinution os interpretative studies. *Sociology of Education*, Washington, DC, v. 62, n. 1, p. 265-286, 1992.

MOUSTAKAS, C. E. *Descobrendo o eu e o outro*. 2. ed. Belo Horizonte: Crescer, 1995.

MOUSTAKAS, C. E. *Heuristic research: Design, methodology and applications*. Newbury Park: Sage, 1990.

NARRAR. In: MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p. 1.439.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Declaração universal sobre a diversidade cultural*. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

OTA, D. C. *Rádio em boa sorte: uma comunidade negra*. Campo Grande: Uniderp, 2002.

PIERSON, D. *Teoria e pesquisa em sociologia*. 11. ed. São Paul: Melhoramentos, 1969.

POLANYI, M.; KNOWLEDGE, T. In: PRUSAK, L. (Ed.). *Knowledge in organizations*. Boston: Butterworth-Heinemann, 1997. p. 135-146.

\_\_\_\_\_. *Personal knowledge: Towards a post-critical philosophy*. London: Routledge & Kegan Paul, 1958. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/0001894383bf95ea68867>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

PROENÇA, Augusto César. *O rio Paraguai e a contribuição à formação histórica da região*. 10/03/2007. Disponível em: <<http://www.acletrasms.com.br/lersuplem.asp?IDSupl=157>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

QUIGLEY, H. B.; CRAWSHAW JR., P. G. A conservation plan for the jaguar *Panthera onca* in the Pantanal region of Brazil. *Biological Conservation*, Boston, v. 61, n. 3, p. 149-157, 1992.

RODRIGUES, Flávio Henrique Guimarães *et al.* *Revisão do conhecimento sobre ocorrência e distribuição de mamíferos do Pantanal*. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2002. Disponível em: <<http://www.procarne.org.br/pdfs/DOC38.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

RUAS, C. M. S. Radiofusão comunitária: uma estratégia para o desenvolvimento local. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. *Anais...* São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002. p. 1-17. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_NP6RUAS.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP6RUAS.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2010.

SAHLINS, M. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte I). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 41-73, 1998.

SAQUET, M. A. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SILVA, J. S. V.; ABDON, M. M. Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, Brasília, DF, v. 33, p. 1.703-1.711, out. 1998. Número especial. Disponível em: <[http://webnotes.sct.embrapa.br/pab/pab.nsf/dfe523788c4d9ae503256508004f34ca/71ea1befe8423c820325687e0047c590/\\$FILE/073-pant.pdf](http://webnotes.sct.embrapa.br/pab/pab.nsf/dfe523788c4d9ae503256508004f34ca/71ea1befe8423c820325687e0047c590/$FILE/073-pant.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2010.

SPINDLER, G. *Doing the ethnography of schooling: Educational anthropology in action*. New York: CBS College, 1982.

THE WAY OF LIFE. *Mapa do pantanal sul-mato-grossense*. 208 x 296 pixel. Formato GIF. Disponível em: <[http://4.bp.blogspot.com/\\_5mvDHXdT4wo/SAo9pbPOb4I/AAAAAAA-AAE0/YwY\\_H6DOio4/s400/pantanal](http://4.bp.blogspot.com/_5mvDHXdT4wo/SAo9pbPOb4I/AAAAAAA-AAE0/YwY_H6DOio4/s400/pantanal)>. Acesso em: 23 set. 2010.

TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, F. (Org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973. v. 1, p. 96-116.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes, 2003.



VIA RURAL. *Mapa de Mato Grosso do Sul*. 446 x 450 pixel. Formato GIF. Disponível em: <<http://br.viarural.com/mapa/mato-grosso-do-sul/imagens/mapa-mato-grosso-do-sul.gif>>. Acesso em: 23 set. 2010.

VILLEGAS, M. La construcción narrativa de la experiencia en psicoterapia. *Revista de Psicoterapia*, Barcelona, v. 6, n. 22-23, p. 5-20, 1995.

WIGREN, J. Narrative completion in the treatment of trauma. *Psychotherapy*, Chicago, v. 31, n. 3, p. 415-423, 1994.

WILLIS, P. *Lerning to labor*: How working class kids get working class job. Farnborough, Hants: Saxon House, 1977.

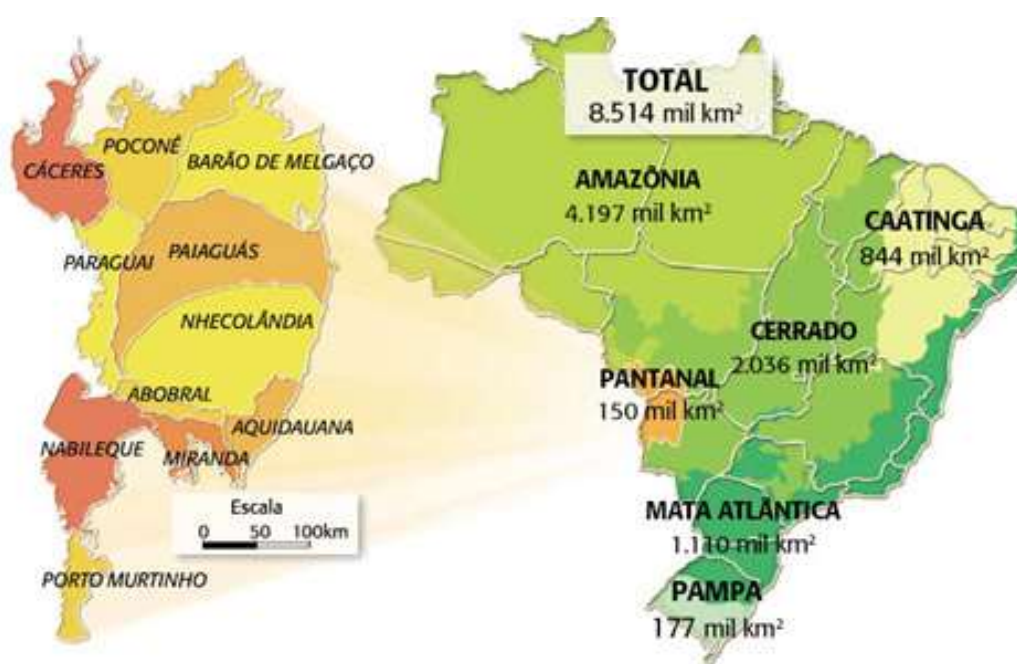
WOODS, P. *Inside school*: Ethnography in education research. London: Routledge, 1986.

## **ANEXOS**

## ANEXO A

### DELIMITAÇÃO DO PANTANAL BRASILEIRO E SUAS SUB-REGIÕES

O primeiro grande programa que realizou estudos e diagnósticos sobre a região foi o Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai (PCBAP), e através destas pesquisas foi possível constatar a existência de 11 áreas diferentes dentro do Pantanal:



Sub-regiões	Área (km <sup>2</sup> )	Porcentagem
Cáceres	12.456	9,01
Poconé	16.066	11,63
Barão de Melgaço	18.167	13,15
Paraguai	8.147	5,90
Paiaguás	27.082	19,60
Nhecolândia	26.921	19,48
Abobral	2.833	2,05
Aquidauana	5.008	3,62
Miranda	4.383	3,17
Nabileque	13.281	9,61
Porto Murtinho	3.839	2,78

**Fonte:** Silva e Abdon (1998).

## **ANEXO B**

### **MATRIZ DO CADERNO DO ALUINO: PANTANAL DAS ÁGUAS**



## CADERNO DO ALUNO

Pantanal:  
mundo das águas



Este é uma publicação da

**ecoa**

#### **Endereço**

Rua 14 de julho, 3169, Centro  
 Campo Grande - MS  
 Telefone: + 55 (67) 3324 3230  
 E-mail: [ecoa@riosvivos.org.br](mailto:ecoa@riosvivos.org.br)  
[www.ecoa.org.br](http://www.ecoa.org.br)

#### **Diretoria**

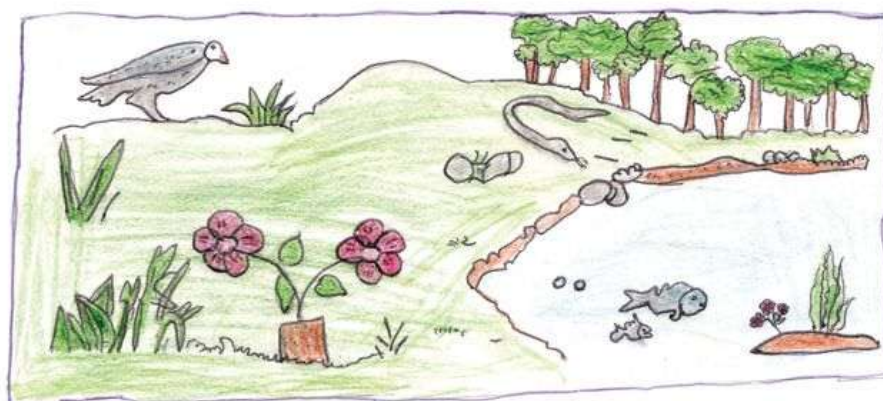
Diretora geral: Rafaela Nicola  
 Diretor executivo: Alcides Faria  
 Diretora institucional: Patrícia Zerlotti  
 Diretor de políticas públicas: André Siqueira

#### **Conselho**

Alessandro Menezes  
 Celso Salatino Schenkel  
 Eduardo Romero  
 José Augusto Ferraz de Lima  
 Licézé Francisco Xavier  
 Maria Carolina Hazin  
 Paulo César Boggiani  
 Pierre Girard  
 Rosana Aparecida Cândido Pereira

#### **Suplentes**

Cássio Thomé de Faria  
 Felipe Dias  
 Geraldo Damasceno



## CADERNO DO ALUNO

Pantanal:  
mundo das águas

Realização

**ecoa**

Parceria



Prefeitura Municipal de Corumbá  
Secretaria Municipal de Promoção da Cidadania  
Secretaria Executiva de Educação

Apoio

Ecopolitica Grants  
Programme  
**EGP**  
THE NETHERLANDS



**CRISTINA**  
**ESPERANÇA**



© 2010

### Projeto Crianças das Águas - Pantanal, identidade e cidadania

**Coordenação geral:** Patrícia Zerlotti

**Coordenação de comunicação:** Yara Medeiros

**Apoio logístico da Ecoa:** André Siqueira, Jean Fernandes, Sílvia Santana e Vanessa Spacki

#### Parceiros:

Associação de Moradores do Porto da Manga  
Associação de Pescadores Artesanais de Iscas de Miranda  
Associação dos Ribeirinhos da Serra do Amolar e Barra do São Lourenço  
Embrapa Pantanal (Corumbá/MS)  
Ibama (Unidade de Corumbá/MS)  
Instituto Acaia  
Núcleo de Ecomunicadores dos Matos  
Parque Nacional do Pantanal (Poconé/MT)  
Paz e Natureza - Pantanal  
Prefeitura Municipal de Corumbá  
Prefeitura Municipal de Miranda  
Secretaria Municipal de Promoção da Cidadania de Corumbá  
Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República  
Secretaria Executiva de Educação de Corumbá  
Secretaria de Saúde de Corumbá  
Rede Aguapé de Educação Ambiental  
Rede Pantanal  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (unidades de Corumbá e Campo Grande)

**Apoio:** Criança Esperança, EGP-IUCN NL e Fundação Blue Moon

### Caderno do aluno - Pantanal: mundo das águas

**Coordenação de produção:** Patrícia Zerlotti

**Texto e revisão ortográfica:** Daniel Santos Amorim

**Edição e projeto gráfico:** Yara Medeiros

**Revisão técnica:** Elisabeth Arndt e Paulo Robson de Souza

**Produção gráfica:** P2 - Multimídia e Assessoria em Comunicação

Capa: desenho da aluna Odete da escola Porto Esperança - extensão Jatobazinho.

**Ilustrações:** Paulo Moska (pp. 3, 10, 18, 20, 22 e 29). Nas páginas 12, 13, e 14 as ilustrações foram gentilmente cedidas pelo projeto Pé na Água (UFMS/CT-Hidro/CNPq).

**Fotos:** André Siqueira (p. 16 e 17, ao centro), Jean Fernandes (p. 16, à esquerda e p. 27) e Yara Medeiros (p. 19).

**Impressão e acabamento:** Gibim Gráfica e Editora

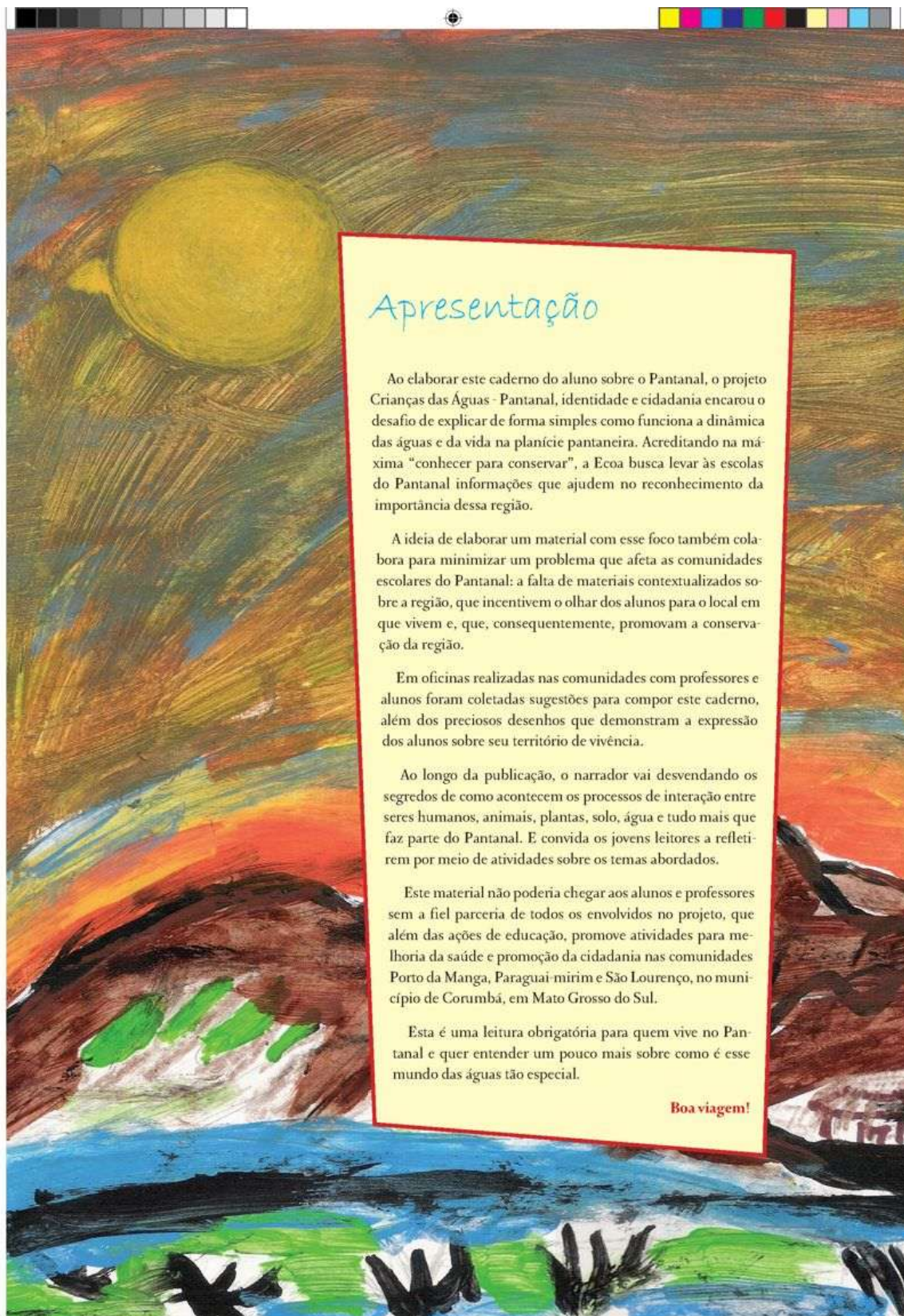
**Nota:** Os desenhos foram produzidos por alunos das escolas municipais rurais pelo Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres (extensão Porto da Manga) e Porto Esperança (extensões Paraguai-mirim, Jatobazinho e São Lourenço), em Corumbá, MS. Nem todas as imagens estavam identificadas com os nomes completos dos alunos quando coletadas nas escolas.

**Autores dos desenhos:** Sem identificação do autor - Porto da Manga (p. 2), Adriana Moura da Silva - Paraguai-mirim (p. 3), Cristiane Bastos de Oliveira Mendes - Paraguai-mirim (p. 5), Luziel Bastos de Moraes - Jatobazinho (p. 7), Odair José Bastos de Oliveira - Jatobazinho (pp. 8 e 9), Paulo - Jatobazinho (pp. 10 e 11), Divino de Oliveira - Jatobazinho (pp. 14 e 15), Alex de Moura - Jatobazinho (pp. 18 e 19), Leandro - Porto da Manga (pp. 20 e 21), Fermino - Jatobazinho (pp. 22 e 23), Renato Ramires - Jatobazinho (p. 26 e 27), arte sob desenhos de Edilaine - Porto da Manga e Érika Maciel da Silva - Jatobazinho (p. 28 e 29), Lauriany Pereira Bastos - Jatobazinho (p. 30).

Esta publicação respeita o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

#### Agradecimentos especiais:

A todos os professores e alunos que participaram das oficinas de educação do projeto Crianças das Águas, aos voluntários, aos parceiros, aos moradores das comunidades de Porto da Manga, Paraguai-mirim e São Lourenço.



## Apresentação

Ao elaborar este caderno do aluno sobre o Pantanal, o projeto Crianças das Águas - Pantanal, identidade e cidadania encarou o desafio de explicar de forma simples como funciona a dinâmica das águas e da vida na planície pantaneira. Acreditando na máxima "conhecer para conservar", a Ecoa busca levar às escolas do Pantanal informações que ajudem no reconhecimento da importância dessa região.

A ideia de elaborar um material com esse foco também colabora para minimizar um problema que afeta as comunidades escolares do Pantanal: a falta de materiais contextualizados sobre a região, que incentivem o olhar dos alunos para o local em que vivem e, que, consequentemente, promovam a conservação da região.

Em oficinas realizadas nas comunidades com professores e alunos foram coletadas sugestões para compor este caderno, além dos preciosos desenhos que demonstram a expressão dos alunos sobre seu território de vivência.

Ao longo da publicação, o narrador vai desvendando os segredos de como acontecem os processos de interação entre seres humanos, animais, plantas, solo, água e tudo mais que faz parte do Pantanal. E convida os jovens leitores a refletirem por meio de atividades sobre os temas abordados.

Este material não poderia chegar aos alunos e professores sem a fiel parceria de todos os envolvidos no projeto, que além das ações de educação, promove atividades para melhoria da saúde e promoção da cidadania nas comunidades Porto da Manga, Paraguai-mirim e São Lourenço, no município de Corumbá, em Mato Grosso do Sul.

Esta é uma leitura obrigatória para quem vive no Pantanal e quer entender um pouco mais sobre como é esse mundo das águas tão especial.

**Boa viagem!**







## Sumário

Apresentação .....	7
Nosso planeta água .....	10
Quando a água não é boa .....	12
Ciclo da vida .....	13
As águas vão rolar .....	14
Por que o Pantanal é assim? .....	16
A bacia pantaneira .....	17
Corumbá é aqui .....	18
É uma história longa! .....	19
Gente de todo lugar .....	20
Economia do boi, turismo e pesca .....	20
Lendas e mitos .....	21
Palavras e histórias .....	22
Pra sempre conservado .....	23
Mas é assim por quê? .....	24
Os vários pantanais .....	24
Fronteiras da vida .....	25
Bicho pantaneiro .....	26
Piracema .....	26
Fartura de plantas .....	27
Conservar no presente um bom futuro .....	28
Onde mora o perigo? .....	28
A solução é conservar .....	30
A bacia do Alto Paraguai .....	31



## Nosso planeta água

Vapor, nuvem, gota, sereno, neblina, chuva, poça, corixo, córrego, rio, mar... Nosso planeta tem tanta água que, quando o primeiro astronauta olhou lá do espaço, gritou, surpreso: "A Terra é azul!"

A verdade é que tem muito mais água do que terra no planeta Terra. Três vezes mais. Talvez fosse até melhor chamá-lo de Planeta Água. Ela é a verdadeira fonte da vida. Sem a presença desse recurso, nada existiria por aqui. Nem planta, nem bicho, nem gente. Ela está presente no ar, no solo, debaixo do solo e em todos os seres vivos. Aliás, assim como no planeta, é o que mais tem no nosso corpo. De cada dez quilos do seu peso, sete são água.

*Você já deve ter ouvido alguém falar que a água do planeta está acabando.*



Será que isso é verdade mesmo?

Bem... é e não é. A quantidade que existe hoje é mais ou menos a mesma que existia há milhões de anos, no tempo dos dinossauros, e até antes. O problema é que só uma parte muito pequena é água doce. E, como nem toda água doce é potável – a salobra, além de ruim, faz mal – o que sobra é quase nada. O resto é água salgada do mar, ou então se encontra congelada nas altas montanhas, na forma de grandes geleiras ou está no subsolo profundo. Comparando, é como se a cada litro só uma gotinha fosse própria para o consumo.

Só que a cada dia tem mais gente vivendo na Terra. Hoje já somos mais de seis bilhões de seres humanos, e toda hora esse número aumenta.

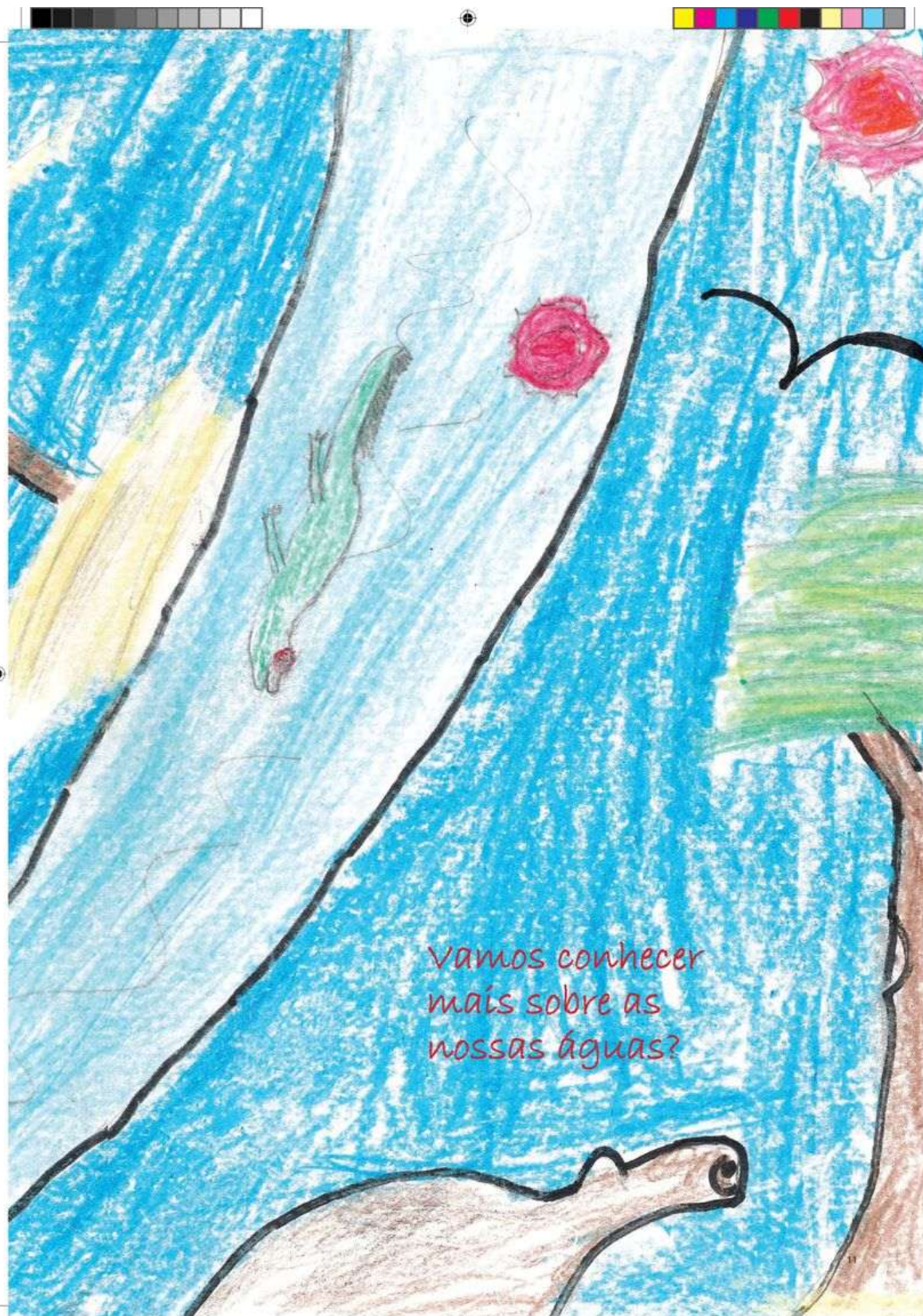
Quanto mais gente, maior o consumo de recursos naturais. Derrubam-se mais árvores, constroem-se mais casas e mais cidades surgem, alterando a paisagem original.

Nas grandes cidades, os rios e córregos estão sujos e poluídos e, em muitos casos, já nem existem mais, estão cobertos pelo asfalto de largas avenidas.

A poluição do ar, por outro lado, tem alterado o clima e a distribuição da água. Em alguns lugares chove demais, em outros chove de menos. É por isso que acaba faltando água para muita gente.

Se o poço secar, não vai dar para matar a sede. Se o rio secar, não vai dar para matar a fome.





vamos conhecer  
mais sobre as  
nossas águas?



## Quando a água não é boa...

Há tanta vida na água quanto na terra. Aliás, os cientistas afirmam que os primeiros seres vivos surgiram no ambiente aquático. Ou seja, ela não é só fonte de vida, mas também casa.

Peixe, caramujo, jacaré, sapo, aranha... por mais que esses bichos sejam diferentes, todos dependem desse ambiente para sobreviver. Uns mais e outros menos, é verdade.

O que às vezes a gente não imagina é que na água habitam seres que para nós, humanos, são prejudiciais, trazendo doen-

ças sérias. Eles são tão pequenos que não dá nem para ver, tanto que são chamados de microscópicos (micro significa muuuuuuito pequeno), ou micróbios. Eles têm até nomes, como protozoário, bactéria ou vírus e não têm cara de melhores amigos. Embora a maioria dos micróbios seja benéfica aos solos, às plantas e a nós mesmos, alguns nos causam doenças, e por isso têm de ser evitados.

É fácil ter medo de onça porque aquele bicho é enorme, ou mesmo de barata, que é pequena, mas nojenta. Mas o que fazer se "a coisa" é tão pequena, mas tão pequena, que a gente nem vê, e ela quer nos atacar? (Detalhe: eles agem por dentro do nosso corpo, e não por fora).

Vou te dar algumas dicas: lave sempre as mãos com sabão, porque eles podem estar ali, tentando entrar no seu corpo. Não beba água diretamente da fonte (poço, rio ou córrego). Peça para sua mãe sempre ferver antes a água que

vocês vão beber, porque o calor da fervura mata esses inimigos. Se puder, use filtro, daqueles de barro mesmo.

Existe ainda uma outra estratégia: adicionar um pouquinho de hipoclorito de sódio na água de beber. Antes de você dizer que nunca ouviu falar disso na sua vida, eu explico: esse troço é apenas água sanitária. Talvez você até conheça como quiboa, alvejante, cândida ou cloro.

Importante: não invente de brincar com essa coisa! Esse produto só deve ser usado por um adulto. E devem ser colocadas apenas vinte gotas, ou uma colherinha, a cada litro, deixando agir por meia hora, no mínimo. Essa água deve também ser usada para lavar as frutas e verduras das refeições. Assim você ficará a salvo!







A água, como tudo na natureza, obedece a um ciclo, que você deve conhecer bem.

Observe a roupa no varal: se ela seca, é porque a água que estava ali evaporou, se misturando ao ar e subindo cada vez mais alto, até formar as nuvens. Essas nuvens uma hora ficam carregadas e chovem, trazendo de volta a água para a terra, para os rios, para o mar e o subsolo.

Existe até um meio de provar isso: você já viu sua mãe erguer a tampa de uma panela quente? Viu como ali se formam pequenas gotinhas? É porque a água que evaporou com o cozimento dos alimentos ficou presa ali.

### Tudo que vive tem água

Vamos fazer uma experiência? Para essa atividade, use um vaso com uma planta pequena. Você vai precisar apenas de saco plástico transparente. Se não tiver, pode ser daqueles brancos mesmo.

#### Procedimento:

- Cubra a plantinha com o saco plástico.
- Observe a planta ao longo do dia.

#### Resultados:

- Que mudança você observou na parte interna do saco?
- O que você encontrou ali?
- O que isso prova?
- Pesquise o significado da palavra *transpiração* e descubra o que isso tem a ver com o seu experimento.

Escreva as respostas, como faria um cientista em observação.

**Ah! Não custa nada lembrar:** não jogue o saco em qualquer lugar depois do experimento. Aliás, nunca jogue sacos plásticos de qualquer jeito na natureza, pois eles demoram tanto tempo para se desmanchar que nem seu tataraneto veria isso acontecer.



## As águas vão rolar...

Você já viu uma bola de futebol subir um terreno sozinha? Aposto que não. Mas acho que já correu atrás da bola na descida muitas vezes. Por conta disso já deve ter escutado que "pra baixo todo santo ajuda!"

Diz que uma vez caiu uma maçã na cabeça de um inglês chamado Isaac Newton, e ele se perguntou: "Por que a maçã não sobe, ao invés de cair?" Se fosse eu, iam me chamar de besta, e até devem ter feito isso com ele. Mas ele era um cientista. Por isso pensou, pensou e depois ficou famoso por ter descoberto que isso era uma lei da natureza, a Lei da Gravidade.

Mas, o que você tem com isso?

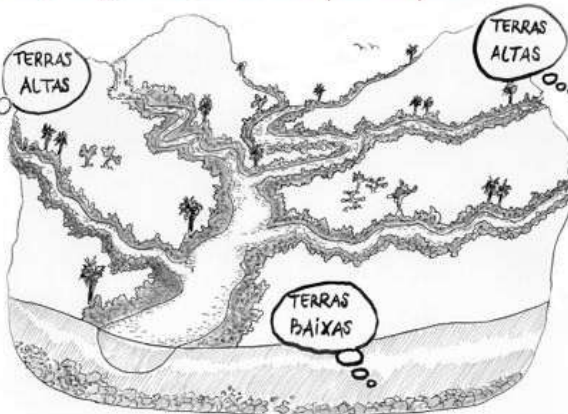
Tem que o tema aqui é água, e ela também obedece a essa lei. Nenhum rio sobe. As águas sempre seguem um caminho que vai das terras mais altas para as mais baixas. As mais altas são montanhas, serras, morros e planaltos. As mais baixas são as planícies e, os mares e os aquíferos, que são camadas no subsolo que funcionam como se fossem uma esponja onde a água fica armazenada.

Assim, as águas das chuvas, da neblina e das nascentes "descem", procurando terrenos mais baixos, formando córregos e riachos, que

se juntarão, formando pequenos rios. Esses rios se juntam a outros, e a mais outros, em direção a um rio maior, principal. Essa área, desde as terras altas até o rio principal, funciona como se fosse uma bacia. E é por causa disso que chamamos essas terras de bacia hidrográfica (hidro significa "água", e grafia significa "escrita"). Ou seja, a água que desce das terras altas "escreve" seus caminhos no terreno, na forma de nascentes, córregos, riachos e rios, numa caligrafia talvez muito pior que a minha e a sua, mas que pode ser representada em um mapa.

Portanto, a bacia hidrográfica é a área de drenagem de um rio principal.

O limite de uma bacia hidrográfica é representado por uma espécie de linha imaginária que passa no topo das terras altas, chamada de divisor de águas. Tem esse nome porque, nesse local, a água escorre ou para um lado ou para o outro, ou seja, vai parar numa bacia ou na bacia vizinha. Por isso, o divisor de águas é o limite entre duas bacias hidrográficas. Olha que interessante: boa parte da rodovia que liga Campo Grande a Rochedo percorre o divisor de águas entre a bacia do Alto Paraguai e do Paraná. Logo depois de sair de Campo Grande em direção a Rochedo, a maior parte das terras vistas do lado esquerdo da estrada faz parte da bacia do Alto Paraguai.





## Quanta água sua família consome?

Observe a rotina da sua casa por uma semana e marque na tabela abaixo quantos litros de água vocês consomem em atividades do dia-a-dia.

Aproveite para descobrir se há ou não desperdício. Ou seja, se em algumas atividades não é possível consumir menos.

Quanta água (em litros) é usada para:	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo	Total
Beber								
Cozinhar								
Tomar banho								
Regar as plantas								
Dar aos animais								
Lavar roupa								
<b>TOTAL</b>								

Você já tentou construir um riozinho no quintal de sua casa? Se não, experimente. Cave uma vala pequena num terreno um pouco inclinado e depois despeje água. Você poderá provar a tal da Lei da Gravidade e verificar como a água se acumula no final da inclinação. Esse é um modelo em miniatura do que acontece na região em que vive.

Quando as águas correm para um córrego ou rio que não é o principal da região, a área drenada para esse curso d'água menor é chamada de microbacia. Várias microbacias, somadas, formam a bacia hidrográfica principal. A microbacia do córrego Band'Alta, nos municípios de Ladário e Corumbá, é um exemplo muito interessante: diferentemente da maioria, ela acaba em uma baía, que por sua vez desemboca no rio principal. De tão pequena, seus limites podem ser observados sem sair do lugar. Nas terras baixas localizam-se a Baía Negra, a Baía do Arroz e a planície inundável do rio Paraguai; as terras altas são o topo da Moradia do Urucum, que nesta área forma um "U" em torno da planície. Um bom local para avistá-la é o final do aterro da Codrassa, em Ladário. Vamos lá?

Mas o experimento não acaba aí. Se você continuar, regularmente, a despejar água nesse riozinho, vai descobrir uma coisa: com o passar dos dias, o leito vai ficando mais raso, até sumir. O que acontece é que as próprias margens vão se desmanchando, se deteriorando, até nivelar o terreno. O nome disso é erosão. Esses sedimentos vão se acumulando ao longo do leito, rio abaixo, num processo chamado de assoreamento.

O que impede que isso aconteça com os grandes rios é a mata em volta, chamada de ciliar, que deixa as margens firmes, protegidas da própria força da água. Ela tem esse nome porque lembra os cílios que protegem os nossos olhos contra sujeiras.

Hoje um dos maiores problemas do Pantanal é esse acúmulo exagerado de sedimentos por conta da erosão. E a erosão ocorre por causa do desmatamento, da eliminação da mata ciliar. Alguns rios estão ficando

cada vez mais rasos, atrapalhando o fluxo das águas. Temos como exemplo disso o rio Taquari.

A natureza possui um equilíbrio frágil, e qualquer ação humana que altere o ambiente inicial pode trazer mudanças prejudiciais. O bom é usar dos recursos naturais sem agredir o meio, modificando-o o mínimo possível. Senão daqui a alguns anos podem faltar alguns bens preciosos e até o próprio rio pode desaparecer. Basta pensar assim: se o rio não oferece condições, algumas plantas aquáticas ou da beira do rio podem sumir. Sem as plantas, o peixe fica sem alimento. Do mesmo modo, as ariranhas, os jacarés e algumas aves, que se alimentam de peixes. E algumas aves ajudam árvores a se reproduzir, carregando suas sementes. Se isso não acontece, já era. É como arrebitar a ponta de uma teia de aranha: logo, logo, tudo despenca.



## Por que o Pantanal é assim?

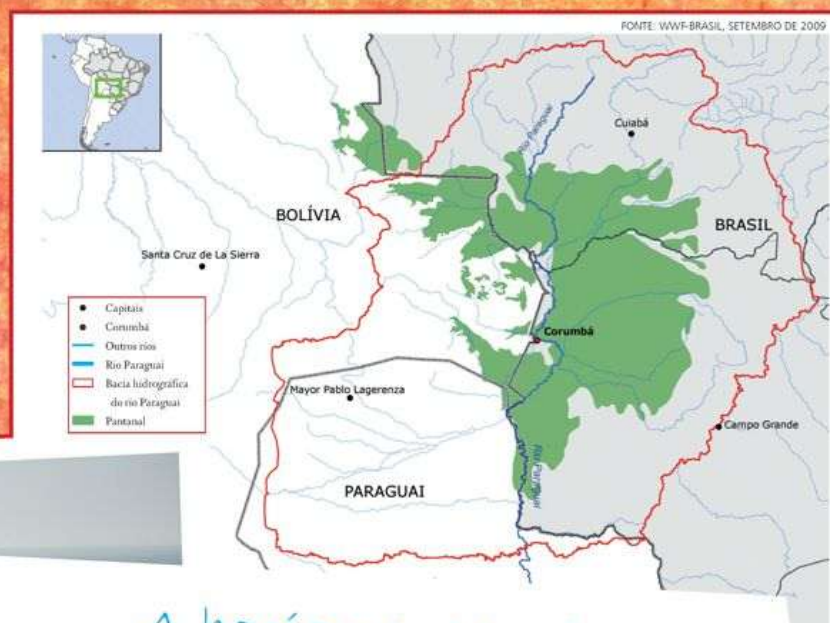
O Pantanal faz parte de uma grande bacia hidrográfica, a bacia do Alto Paraguai (vamos falar mais sobre ela adiante). Isso quer dizer que ele está localizado em uma região que drena suas águas para o trecho do rio Paraguai, desde suas nascentes até uma grande planície, a planície pantaneira.

Usando linguagem de professor, diríamos que no Pantanal as águas vêm da região de planalto (terras altas) até a região de planície (terras baixas). Como a planície pantaneira é bem baixa em relação ao nível do mar e o terreno é muito plano, vários rios se encontram ali e acabam transbordando. Isso faz com que a água escoar lentamente, acumulando muito na cheia, como numa enorme poça rasa, antes de escoar para terrenos mais baixos ainda. Essa é a explicação para o fato de o Pantanal alagar mesmo não havendo chuvas na planície.

Esse fenômeno ocorre há milhões de anos, e a cada vez que água desce, traz consigo pequenos pedacinhos de terra, pedregulhos, areia, restos de plantas e animais, os chamados sedimentos, que se acumulam no terreno. Por isso dizemos que o Pantanal é uma planície sedimentar.







## A bacia pantaneira

Jauru, Cabaçal, Sepotuba, Cuiabá, Taquari, Negro, Miranda, Apa. Você deve conhecer, pelo menos de nome, esses rios. Mas o que eles possuem em comum? Todos correm em direção ao rio Paraguai, o principal da bacia. Ainda há outros que não desembocam diretamente nele, mas que são parte do mesmo sistema, como o São Lourenço, o Piquiri e o Aquidauana.

Por isso dizemos que eles fazem parte da chamada bacia do Alto Paraguai (imagem abaixo e confira também a página 31), dentro da qual se localiza o Pantanal, que, como você já sabe, é uma região de planície que alaga devido ao grande fluxo de água correndo lentamente, devido ao terreno ser muito plano.

A bacia do Alto Paraguai (BAP) envolve três países: Brasil, Paraguai e Bolívia. No Brasil, a BAP é a principal referência para as pesquisas sobre o Pantanal. Mas se levarmos em conta todos os rios que influenciam o Pantanal, a área da bacia

pantaneira é ainda maior e envolve mais rios de outros países, veja o mapa acima.

Num sistema complexo como esse, todos os rios têm grande influência no equilíbrio ecológico. Aliás, você sabia que *eco* significa casa? Nossa casa? Portanto, preservar os rios é preservar nossa moradia, o local onde vivemos.

Nas proximidades das nascentes, os córregos e rios são como crianças. São lugares de equilíbrio mais frágil, em que qualquer alteração pode trazer prejuízos para toda a bacia. Eles aumentam de volume na medida em que recebem as águas, até desembocar em outros, criando uma espécie de teia complexa e garantido a existência de inúmeras espécies vegetais e animais.





## Corumbá é aqui

Talvez você nem saiba, mas Corumbá é o maior município do Brasil e um dos maiores do mundo. Com a vantagem de não ser, nem de longe, o mais populoso. Isso é uma grande vantagem, ainda mais se a área urbana do município, ou seja, a cidade de Corumbá, for comparada a outras como São Paulo, que é um grande centro urbano, com uma população muito grande. Porque quanto mais gente dividindo o mesmo espaço, mais construções devem ser feitas, e assim sobra menos área natural, preservada, como florestas e rios. Aliás, o principal rio de lá, o Tietê, é um dos mais poluídos do mundo e a sua vegetação natural, a Mata Atlântica, já foi quase inteiramente destruída (não é à toa que a cidade é chamada de "selva de pedra").



Em Corumbá, cidade recordada pelo rio Paraguai de norte a sul, a realidade, pelo menos até agora, é bem diferente: além de a área urbana ser pequena, há muita vegetação nativa. Porém, o território não está a salvo: as ações de ocupação do Pantanal, com criação de indústrias, como as que produzem álcool, e a exploração de minérios podem alterar profundamente a geografia da região. *Geografia* é uma palavra bonita, significa desenho, escrita da Terra, ou seja, é o estudo das características de regiões, bacias hidrográficas, países e municípios, entre outros.

*Falando nisso, você sabe o que significa a palavra Corumbá?*

Bem, existem algumas explicações: no dicionário está escrito que o termo significa "lugar distante, esquecido". Mas algumas pessoas falam que o nome vem de "corumbatá", peixe que dá bastante por aí. E ainda tem outros que dizem que os índios já chamavam há muito tempo o local de "curupáh", que significa "região com muita arocira".

As palavras são mesmo assim: sempre têm histórias a contar, e nem sempre se sabe ao certo qual delas é a verdadeira.







## É uma história longa!

Os índios do Pantanal, principalmente os Guató e os Paiaçuá, já usavam o rio Paraguai para navegação e como fonte de alimentos há muito tempo. Na verdade, o registro mais antigo da presença humana na região tem mais de oito mil anos! Foi só por volta de 1524 que começam a aparecer por aqui os povos espanhóis e portugueses, que haviam partido de seus países em busca de novas e mais riquezas.

Eles procuravam por ouro e prata e escravizavam índios para trabalhar em outros lugares. Houve inclusive muitas disputas entre os habitantes nativos e os exploradores. Tanto que os Paiaçuá foram completamente dizimados.

Se os índios defendiam suas terras e suas gentes da exploração, os estrangeiros atacavam e defendiam-se uns dos outros na tentativa de dominar e proteger as regiões que exploravam. A busca pelos metais preciosos e a defesa dos territórios levou os portugueses a construírem o Forte de Coimbra. Isso foi em 1775. É a partir dessa primeira construção que surgiram as cidades de Ladário e Corumbá, que acabaram atraindo mais pessoas para cá.

Como se não bastasse tudo isso, a nossa região testemunhou uma guerra terrível, em que três países, o Brasil, a Argentina e o Uruguai, lutaram contra o Paraguai por motivos difíceis de entender para quem é de paz: diz que a briga foi por causa de fronteiras e domínio sobre o rio da Prata. Esse triste evento é chamado de Guerra do Paraguai, e durou de 1864 até 1870.

Durante a guerra, as tropas paraguaias chegaram a invadir Corumbá para poder dominar o porto, que é muito importante para a economia (a economia está relacionada a todo tipo de produção de bens e serviços, ganhos e gastos de dinheiro). Isso significa que por algum tempo a cidade pertenceu a outro país. Imagine como seria se fosse assim até nossos dias!

O que ficou de toda essa história é que o Paraguai perdeu não só a guerra, mas mais da metade da sua população. É realmente muito triste.

Hoje já não há mais guerras, mas a facilidade de transporte pelo rio e o porto podem atrair novos perigos, como indústrias, para a natureza da região. Além disso, a construção de uma hidrovía no rio Paraguai pode trazer enormes impactos para a vegetação e os animais do Pantanal. Hidrovía é uma via de transporte muito grande, uma verdadeira estrada aquática, o que exige mudanças no leito original, como aprofundamento do leito e mudanças no curso para evitar as curvas.

### Entrevista

Escolha a hora em que seus pais, seus avós ou alguém mais velho não estão ocupados e tente descobrir as origens de sua família, a história de seus antepassados.

#### Pergunte:

- Desde quando a família vive na região;
- De onde vieram;
- Por que a família resolveu ficar;
- O que mais gostam do lugar onde vivem;
- Se gostariam de viver em outro lugar e por quê.

Anote as respostas para comparar com a de seus amigos.

## Gente de todo o lugar...

O porto, a guerra, a escravidão, as explorações e a busca por uma vida melhor são coisas que sempre fazem as pessoas mudar de lugar: migrar. E nossa região possui muitos imigrantes. Desde aquele ano de 1524, muita gente passou e ficou por aqui.

Pergunte a seus pais de onde as famílias deles são. Você provavelmente vai ouvir que são de famílias paraguaias, bolivianas, paulistas, mineiras, mato-grossenses, paranaenses, nordestinas ou gaúchas, além das referências às origens indígenas.

É isso que a gente chama de pantaneiro: um povo formado por várias influências culturais que vive e convive com o Pantanal.



Cultura é aquilo que caracteriza um povo: seus hábitos, suas festas, sua comida, suas crenças, seu trabalho, suas histórias, seu jeito de falar e suas relações com o mundo.

O que você acha que é “de verdade” cultura pantaneira? Tomar tere-

rê? Saber tocar berrante? Conhecer nome de planta e bicho de cor? Ser um ótimo pescador? Nadar bem? Saber se virar? Comer sopa paraguaia e chipa? Ouvir chamamé, polca, tocar viola? Viver da fartura dos rios?

Pois então. Tudo isso faz parte da cultura pantaneira.

## Economia do boi, turismo e pesca

Hoje em dia o que mais atrai pessoas para a região do Pantanal é o turismo. Essa atividade tornou-se muito importante nos últimos anos porque os habitantes dos tais grandes centros urbanos procuram em outros lugares a beleza que não encontram em suas cidades. Existem várias atividades turísticas, como passeio, aventura e pesca.

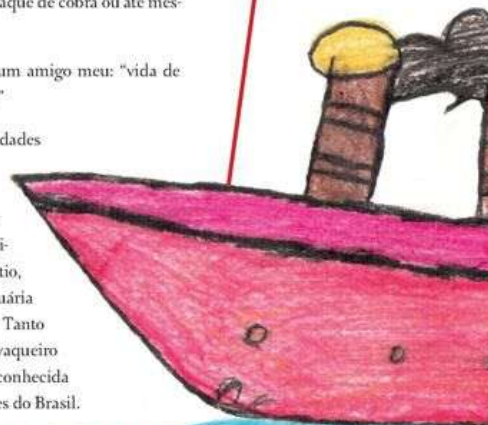
A pesca é uma das atividades que mais atraem turistas, e isso ajuda muito na economia da região. Tanto que no rio Paraguai muitas famílias vivem da coleta de iscas vivas.

Você compraria isca? Acho que não. Mas os turistas compram. Geralmente são tuviras, lobós e caranguejos, e isso garante a renda de muitas famílias, tendo sido até um dos motivos de migração depois de 1970.

Apesar da vantagem de ganhar dinheiro, o trabalho é um pouco arriscado, pois os isqueiros ficam horas e horas no rio, às vezes sofrendo com o frio ou se arriscando a um possível ataque de cobra ou até mesmo jacaré.

É como diz um amigo meu: “vida de isqueiro é fogo!”

Outras atividades econômicas importantes da região são a criação de animais e o plantio, ou seja, a pecuária e a agricultura. Tanto que a figura do vaqueiro do Pantanal é conhecida em vários lugares do Brasil.





## lendas e mitos

Todo mundo adora uma boa contação de histórias. Principalmente aquelas que nos deixam com a pulga atrás da orelha, ou seja, desconfiados.

No Pantanal existem muitas figuras que estão sempre presentes nas histórias e fazem parte da cultura local. Assim como os ditos populares, as cantigas, as anedotas, as lendas e mitos, elas fazem parte do *folclore* (essa palavra vem do inglês, significa "conhecimento do povo"). São passadas de geração a geração, alimentando a curiosidade e também o medo nos mais novos.

Você já ouviu falar do Saci, não ouviu? Você sabia que no Pantanal ele é diferente do resto do país? Enquanto em muitos lugares é um garotinho negro de uma perna só, no Pantanal ele é loiro. Diz a lenda que é um menino que se perdeu quando procurava um carneiro e nunca mais voltou. Depois disso, se transformou no Saci, um protetor das matas.

Além dessa, muitas outras histórias são contadas pelo povo. Algumas delas são:

**Mãe d'água:** Linda, loira, é vista às vezes se penteando em alguma pedra do rio. É uma protetora das águas. Tanto que as pessoas dizem que em dia que pescador não pega peixe, a Mãe d'água benzeu o anzol.

**Minhocão:** Essa serpente longa e cabe-luda aparece sempre virando barcos, devorando pescadores e desmoronando os barrancos. Um senhor me contou que o Minhocão vivia no rio Cuiabá, mas acabou vindo para cá porque não aguentava mais a poluição. Não sei se é verdade; só conto o que me contaram.

**Anta bondosa:** É uma criatura sobrenatural que protege as crianças pantaneiras que se perdem na floresta, mas que também pode dar sumiço em muita gente.

**Mãozão:** Cada um descreve o Mãozão de um jeito, mas o que eu mais gosto é da imagem de um sujeito enorme, peludo, sem rosto, com um só olho, que se passar a mão na sua cabeça te deixa doído, sem saber nem como voltar pra casa.

**Pé-de-garrafa:** Tem esse nome porque quem encontra seu rastro diz que ele tem um só pé redondo, que lembra o fundo de uma garrafa. É um monstro meio humano, coberto de pelos, que

devora gente. Atenção: em volta do umbigo não tem pelo, e esse é o seu ponto fraco. Se você quiser atacar, é ali que tem que dar o golpe. Dizem que ele tem cara de cavalo, com apenas um olho no meio da testa, mas alguns também afirmam que tem aparência de cachorro, ou mesmo de gorila.

**Dono dos porcos:** Quem mata animal sem necessidade vai ter que se ver com esse espírito encantado. E não adianta fugir, porque ele vai te pegar.

**Negrinho d'água:** Ele se parece com o Saci Pererê que as pessoas conhecem fora do Pantanal: é um menino que adora dar sustos e aprontar com pescadores, virando barcos e emaranhando linhas e anzóis debaixo d'água. Há vários deles morando numa cidade no fundo do rio, para onde eles levam alguns pescadores para dar umas surras.

**Lobisomem:** esse todo mundo conhece! Meio lobo, meio homem. Aparece em noite de lua cheia e se te morder já era, você vira lobisomem também. Para se proteger o único jeito é fazer o sinal da cruz.

### Cultura: causos e coisas

1) Você já viu algum ser da floresta? Conhece alguém que já viu? E que causos você conhece desses seres misteriosos? Conte uma história bem assustadora, depois desenhe e mostre para seus amigos, para todos saberem como ele é. Capriche na arte!

2) O que é ser pantaneiro? Tente descobrir o que faz de você um autêntico habitante da região. Faça um exercício de observação e depois pergunte a seus amigos e aos mais velhos o que todos têm em comum, ou seja, qual é a cultura que os une. Depois escreva todas essas características e compare com as de seus colegas.





## Palavras e histórias

Uma das coisas de que eu mais gosto são as palavras. Acho que a função delas vai muito além de contar histórias, pedir coisas, explicar e expressar o que sentimos. Muito mais. Elas são uma das maiores marcas da nossa cultura. Tinha até um poeta, o Fernando Pessoa, que falava: "Minha pátria é minha língua!" Ele queria dizer com isso que não era português nem brasileiro, mas falante da língua portuguesa. Essa era a sua marca, sua identidade.

Isso sem contar que na nossa língua tem palavra sobrando, quer dizer, eu posso escolher, entre várias, aquela que mais me agrada, aquela que serve melhor em determinada situação. É como roupa: tem umas que a gente acha mais bonitas, outras que são muito arrumadinhas e até aquelas para usar em dia de festa.

Por exemplo: a palavra *mandioca*. Eu a considero muito bonita, pois não é só uma palavra, é uma história inteira.

Você conhece? Diz a lenda que havia uma índiazinha muito bonita, chamada Mani. Um dia ela morreu, e do lugar onde foi

enterrada, regada pelas lágrimas de sua mãe, surgiu uma planta de raiz saborosa. Era um presente dela para os vivos. Assim surgia a *maní-oca*, ou *mandioca*, que significa "casa de Mani", essa delícia de nossos pratos.

O Brasil é tão grande que é possível encontrar várias maneiras de falar a mesma coisa, uma para cada região. A *mandioca*, por exemplo, também é chamada de *aipim* e de *macaxeira*. *Menino*, *moleque*, *guri*, *piá* e *bacuri* são palavras diferentes usadas em lugares diferentes, mas significam a mesma coisa.

E no Pantanal,  
como é que se  
fala?

Eu resolvi pesquisar pra ver se aprendo um pouco e descobri que: *Jirau* é cama; *banzo* é preguiça; *picuí* é sacola, bolsa de couro; *pinchar* é jogar fora; *zagaia* é lança de matar onça; *fofar* é correr de medo; *apurar* é se arrumar; *cacunda* são as costas da gente;

*carapé* é baixinho; *nhá* é senhora; *maludo* é valente; *dar no padre* é estar de saco cheio; a hora do cagar do pato (ou do padre) é bem de *manhazinha*; *fofador* de blusa é cavalo corredor; *pachola* é coisa de boa qualidade, ou indivíduo cheio de si; *pé-de-pau* é árvore; *platudo* é rico; *gravanha* é lugar que ninguém sabe onde fica; *furungar* é vasculhar; *xuero* é bicho bravo; *sabereta* é sabidão; *larifo* é trapaceiro e *estrovenga* é coisa esquisita.

Acho que ainda não aprendi nem um pouco de tudo o que você sabe. Mas vou continuar estudando!





## Pra sempre conservado

Você se lembra quando falamos de equilíbrio na natureza? Vamos tentar aprofundar aquela ideia um pouco mais, porque, afinal, que tipo de equilíbrio é esse?

Vamos lá: imagine se acontecesse de a letra "U" desaparecer: como é que eu poderia escrever "tuiuui", por exemplo? Ia ficar "tii" e ninguém ia entender mais nada.

Eu sei que a letra não vai desaparecer, é só para imaginar. Ainda assim, novamente você vai me perguntar o que isso tem a ver com a história, né?

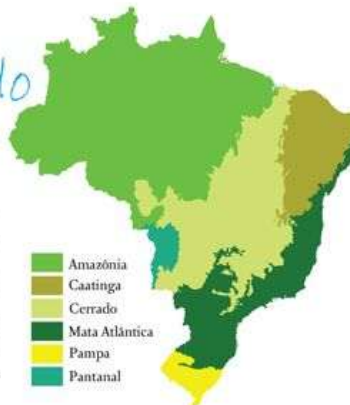
Tem a ver sim! Você aprende na escola que as letras formam sílabas, sílabas formam palavras e as palavras formam frases, não é? Então a falta de uma única letra pode deixar a história toda meio capenga. Porque nada existe sozinho, tudo faz parte de um sistema.

Na natureza ocorre algo parecido, mas a gente chama isso de *ecossistema*.

ma, e ele envolve tudo o que existe numa região: o solo, a água e os seres que ali habitam, cada coisa ajudando na formação de uma organização equilibrada. Para você ter uma ideia, até um deserto, com toda aquela areia e pouquíssima água, forma um ecossistema organizado.

Poderíamos ir ainda mais longe e dizer que, se um ecossistema é feito de um grupo de comunidades e outros elementos funcionando em harmonia, então um coriço, uma árvore, um trecho de mata, uma poça d'água e até os jardins de uma casa seriam pequenos ecossistemas.

E assim como duas pessoas não escrevem do mesmo jeito, cada ecossistema é único, porque não existem dois lugares iguais no mundo, com o mesmo clima, mesma geografia, mesmo solo e a mesma quantidade de água disponível.



Porém, podem existir lugares semelhantes. Existem algumas outras regiões alagadas que são um pouco parecidas com as nossas. E, como cientistas adoram observar, classificar e dar nome difícil para tudo, resolveram que um conjunto de ecossistemas parecidos formam um *bioma* (não se esqueça dessa palavra: *bio* significa vida e *oma* quer dizer conjunto).

No Brasil, por ser um país muito grande, é possível identificar a presença de vários biomas: Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga e Pampa.

E o Pantanal? Não é um bioma do Brasil?

Então, isso é um problema. Uns dizem que é e outros que não é. De qualquer modo, podemos dizer que o Pantanal é muito complexo, porque é formado pela presença de características de vários outros biomas. É como se fosse uma colcha de retalhos, em que a gente encontra a presença de quase todos eles. Até pequenas marcas da Caatinga, que é de uma região superseca, o Nordeste do Brasil.

### Decifre o código

Depois de ver tantas palavras difíceis, eu te desafio a entender outras mais complicadas ainda! Elas foram escritas num código secreto que você vai desvendar! Busque no quadro a senha para decifrá-lo, substituindo os símbolos pelas letras que eles representam.

á - =	s - μ	i - =	t - £
a - =	r - £	o - #	e - Σ
g - ~	p - i	b - §	m - *
u - ±	n - Δ	c - Π	l - ∞

As ~ ± = μ formam i = # μ

Os i = # μ formam « § « Π = «

A § « Π = « forma os i « Δ £ « Δ « = μ

Os i « Δ £ « Δ « = μ formam o i « Δ £ « Δ « ∞

O i « Δ £ « Δ « ∞ é formado por vários Σ Π # μ μ = μ £ Σ \* « μ

Σ Π # μ μ = μ £ Σ \* « μ formam § = # \* « μ

Vários § = # \* « μ formam o i ∞ « Δ Σ £ «

## Mas é assim por quê?

Tá, até agora já falamos de um monte de coisa, mas será que já dá para definir, direitinho, o que é Pantanal?

Vamos ver o que já sabemos: primeiro, que tudo depende de água; segundo, que a região, por ser planície, alaga todo ano por causa do ciclo das águas; terceiro, que o Pantanal faz parte da bacia hidrográfica do Alto Paraguai; quarto, que ali existe um frágil equilíbrio ecológico; e, por último, que tudo isso define vários ecossistemas locais e um dos biomas do Brasil (ou o encontro de vários deles).

ufa!

Parece muito?

Então senta,

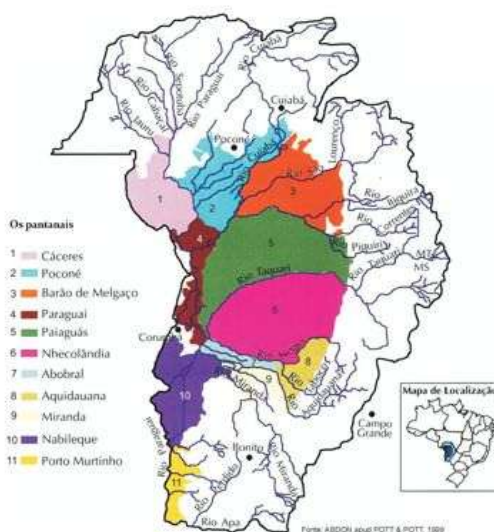
porque vem mais

por aí.

Primeiro a gente precisa saber que o Pantanal é conhecido como uma área úmida. Isso quer dizer que a região tem na presença da água sua maior característica, e que só convivendo com a presença constante dela as plantas e os animais vão crescer, se reproduzir e se organizar, formando ecossistemas complexos, porém frágeis. Além disso, as áreas úmidas são responsáveis pela garantia de água em outros lugares, por meio de sua vazão.

Mas o Pantanal não é apenas uma área úmida, alagável. É a maior do planeta! Tanto que, além do Brasil, ela ocupa parte do Paraguai e da Bolívia.

Como se não bastasse, aqui é possível encontrar vegetações típicas de outros biomas, como Cerrado, Amazônia, Mata Atlântica, um res-



## Os vários pantanais

O negócio agora é falar de variedade. Pois então: isso é tão sério que quem estuda diz que na verdade existem vários pantanais. É que são muitas as diferenças de solo, de ciclo das águas, de fauna e flora em toda a região. Por isso, ao total, onze pantanais formam o Pantanal. São eles: Pantanal de Cáceres, de Poconé, de Barão de Melgaço, do Paraguai, dos Paiguiás, da Nhecolândia, do Abobral, do Aquidauana, do Miranda, do Nabileque e de Porto Murtinho.

Para você entender melhor o que eu estou falando, o negócio funciona assim: no Pantanal do Paraguai o solo é arenoso ou arenoso-argiloso, num terreno bem plano, por isso essa região passa mais de metade do ano inundada. Com tanta água por aí, aparece muito bicho, principalmente peixes para a reprodução na época da piracema.

Já no Pantanal da Nhecolândia o solo predominante é arenoso e a região

passa menos tempo inundada, de três a quatro meses.

Você com certeza já reparou nessas diferenças e pode fazer como os biólogos, observar a sua região. Como é o solo? Ele segura a água (é argiloso) ou deixa ela passar (é arenoso)? E as plantas? Tem mais planta que gosta de água ou de lugar seco? E quais são os bichos que mais aparecem por aí?

### Parte de um sistema ainda maior!

Como se não bastasse tudo isso, o Pantanal ainda faz parte de algo maior, chamado de Sistema de Áreas Úmidas Paraguai-Paraná, que envolve cinco países: Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Isso porque a bacia do rio Paraguai se encontra, lá embaixo, com outra, a bacia do rio Paraná. Isso por causa da tal da Lei da Gravidade, lembra? É que toda essa região é mais baixa em relação ao resto do continente americano, sendo por isso chamada de depressão.



## Fronteiras da vida

O nosso planeta é muito grande. É tanta gente diferente em tantos lugares! Fica até difícil explicar onde nós estamos no meio de seis bilhões de pessoas, cinco continentes e 192 países!

Para explicar com exatidão onde moro, tenho que dizer que é em uma casa com o número 18, na rua Tipuana, que fica no bairro Coo-phatrabalho, na cidade de Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. Quanta coisa!

Para entender o porquê disso tudo, a gente precisa saber que existem três tipos de fronteiras, de divisões do espaço nesse mundo. Pode

ser um leito de rio ou uma mudança no terreno e na vegetação. Isso cria fronteiras naturais. Mas há também as que são criadas entre cidades, estados e países, chamadas de fronteiras políticas, e as que são marcadas por famílias ou grupos de pessoas, formando propriedades, como casas e fazendas. Essas duas últimas são invenções humanas, ou seja, são artificiais.

O Brasil faz fronteira com quase todos os países do continente e nosso estado faz com dois deles, o Paraguai e a Bolívia.

Por conta dessas divisões, o Pantanal se estende por dois estados brasileiros (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) e por três países (Brasil, Bolívia e Paraguai) da América do Sul, o nosso continente.

O Pantanal Boliviano está presente em vários municípios do país. Os principais são Puerto Quijaro, Puerto Soarez, El Carmen, Rivero Torrez e San Matias. Sua diversidade de flora e fauna é muito grande e dá para encontrar muitos animais que também existem por aqui. Aliás, em muitos trechos é possível perceber que a vegetação nativa ainda está muito mais conservada que a brasileira.

A região, além de muito bonita, é importante para a economia, pois é usada para criação de gado e pesca. Além disso, lá há muito gás natural, carvão e ferro.

Gás natural e carvão são recursos não-renováveis (isso quer dizer que um dia



eles acabam), encontrados sob o solo e que servem como fonte de energia. O ferro, também retirado do solo, é muito importante para as indústrias na fabricação de inúmeros objetos e ferramentas usados pelo ser humano.

Apesar de a região até agora ser uma das mais preservadas de todo o Pantanal, essas atividades são arriscadas para a preservação do meio ambiente, pois alteram bastante o meio, gerando poluição e desequilíbrio, e nós já vimos como o equilíbrio é importante para essa região.

É possível sim explorar e conservar, mas é preciso sempre ficar de olho para evitar abusos nesse tipo de atividade humana.

Você até já deve ter ido à Bolívia, ou conhece alguém que já foi. É um país muito belo e parceiro do nosso. Tem esse nome em homenagem a um grande homem, Simón Bolívar, que libertou o país da dominação espanhola. Da época dos exploradores o país herdou a língua espanhola, bastante bonita e até um pouco parecida com a nossa. Porém, lá também se fala muito o quíchua, língua indígena muito presente nos países da América Latina.

**Curiosidade:** você sabe como é o nome dos animais pantaneiros na Bolívia? Eu descobri alguns para mostrar para você.

Jacaré – yacaré  
Tuiuti – bato ou tuyuyú  
Cervo/veado – ciervo  
Arara – paraha  
Macaco – mono  
Cachorro – perro  
Capivara – capiguara  
Formiga – hormiga  
João-de-barro – hornero ou tiluchi  
Libélula – aguacil  
Tamanduá – hormiguero  
Tatu – peichi  
Raposa – zorro  
Porco – cerdo ou chanco  
Borboleta – mariposa  
Peixe – pez (o plural é peces)  
Beija-flor – colibri ou picaflor

tinho de Caatinga e Chaco (típico do Pantanal paraguaio). Por isso é que tem gente que diz que o Pantanal não é exatamente um bioma, mas um local de encontro de vários biomas.

Isso faz com que a região possua uma enorme biodiversidade. Essa palavra se refere à variedade de espécies animais, vegetais, de fungos e daqueles seres microscópicos dos quais falamos anteriormente, além das relações que eles mantêm com o próprio meio em que vivem.

## ¿hablas español?

Você conhece outras palavras em espanhol? Quais? Monte também uma tabela com seus amigos. No final vocês podem até construir um verdadeiro dicionário!



## Bicho pantaneiro

Já que estamos falando de biodiversidade, que tal falar dos animais e plantas do Pantanal?

A região é tão rica nesse sentido que os moradores das grandes cidades nem imaginam. Tem gente que só conhece arara e jacaré! E só de nome e fotografia, porque onde vivem não tem nada disso. Na verdade, em alguns lugares, nem peixe aguenta morar no rio.

Já que tocamos no assunto, você sabe por que os peixes morrem nos rios poluídos?

Você já passou perto de uma queimada? Ali é muito mais difícil de respirar do que em lugares com o ar limpo. Na água ocorre algo semelhante. Os peixes respiram de um jeito diferente, mas a qualidade da água é essencial para eles, assim como a do ar é pra gente.

Falar em bicho é falar em fauna. E por aqui a variedade é tão grande que até enjoa de falar. Só de espécies diferentes de borboletas são mais de mil; de aves, mais de seiscentas; além de duzentas e sessenta e três espécies de peixes e cento e vinte e duas de mamíferos.

As cheias da região obrigam muitos animais de lugar seco a migrar (lembra dessa palavra?), enquanto os animais que gostam de água podem se aproveitar de pequenas lagoas no período da seca. Ou seja, eles lutam sempre pela sobrevivência.

Muitos morrem, é verdade, mas isso faz parte de um ciclo natural.

O problema mesmo é a matança causada pelos seres humanos. Teve uma época que era comum matar jacaré para usar o couro na fabricação de bolsas, você acredita? Mataram tantos que tiveram que proibir. Imagina o desequilíbrio que isso causa nos ecossistemas! Há várias espécies que ainda hoje estão ameaçadas de desaparecer, ou seja, de extinção, como a onça, o jabuti-do-cerrado e até mesmo a ariranha. Agora pensa se ninguém fiscalizasse a pesca na região. Logo, logo, muitos animais sumiriam dos rios.

É por isso que na época da piracema, período em que certos peixes sobem o rio para reproduzir, a pesca é proibida. E é por isso também que hoje em dia as pessoas mais espertas gostam da pesca esportiva, aquela em que a gente pesca e depois solta o peixe.

Isso garante a sobrevivência de dourados, curimbas, jaús, lambaris, pacus, piraputangas, traíras e mandis, entre muitos outros.

Mas é importante lembrar: mesmo a pesca esportiva pode fazer muito mal, pois alguns peixes não sobrevivem e acabam morrendo depois de soltos.

## Piracema

Na piracema aqueles peixes subindo o rio é realmente algo muito bonito, assim como é bonita também a palavra, gostosa de pronunciar. Na língua indígena tupi, *pira* significa peixe e *cema*, saída.

Entre outubro e março diversos tipos de peixes nadam

contra a correnteza até as cabeceiras para a desova.

Na cabeceira o rio está com a água mais turva e tranquila nesse período, o que cria um abrigo seguro, a salvo de outros peixes e da correnteza.

Por outro lado, diz o povo que se o peixe não subir o rio, os ovinhos não se desen-

volem e ele não dá cria. O próprio esforço da viagem é importantíssimo para o amadurecimento das ovas desses peixes, é parte indispensável do processo.

Assim fica muito evidente a sua importância: quanto menos peixes sobem o rio, menos peixes no ano que vem! Por isso existe a proibição da pesca.



## Fartura de plantas

As plantas, ou seja, a flora do Pantanal também apresenta enorme variedade de espécies, algumas delas servindo até de remédio. É uma verdadeira farmácia natural.

Sua mãe já te deu erva de santa-maria? E chá de hortelã-bravo? Eles são ótimos remédios pra verme. Assim como casca de paratudo é excelente pra diarreia e jatobá pra tosse. Esse conhecimento vem de muito tempo, dos indígenas, não tem preço e deve ser sempre preservado. Mas é claro que só adulto mexe com remédio, né? Não vai inventar de comer qualquer coisa, porque se algumas plantas servem de remédio, muitas outras são venenosas, e mesmo planta medicinal pode

fazer mal, se usada em excesso ou sem necessidade.

Mas a importância não é só essa. As plantas são também alimentos e moradia para animais, garantindo sua sobrevivência, além de serem uma cobertura natural da terra, evitando que o chão fique exposto, pelado mesmo. Por isso, desmatar o Pantanal para a formação de pastagens para a criação de gado ou para produção de carvão é tão perigoso para meio ambiente, e pantaneiro que é pantaneiro mesmo não desmata capões, cordilheiras e outros tipos de vegetação para criar gado. Ao substituir a cobertura vegetal nativa por capim "estrangeiro", pode ocorrer um forte desequilíbrio, tanto no solo quanto nos ciclos da água e na vida dos animais, que terão que migrar novamente em busca de comida e abrigo.

A vegetação pantaneira, como você sabe, não é toda igual, mesmo porque os terrenos não são iguais. Tudo depende da localização, da possibilidade ou não de inundar e do tipo de solo. Nos capões e nas cordilheiras, por exemplo, que são áreas mais altas, verdadeiras ilhas de vegetação, a gente encontra aroeira, figueira, angico-vermelho, piúva, cambará, araticum, mangava, caroba, embiruçu, gravateiro, cedro e capim-mimoso, entre outras. Nas baías, aquelas lagoas rasas, bonitas, dá pra achar aguapés, camalotes, chapéu-de-couro, vitória-régia, alface-d'água, pé-de-sapo, trevo-de-quatro-folhas e capim-de-capivara, além de arrozinho e grama-de-carandazal.

Além disso, existem os acurizais, algodoais, carandazais, buritizais, espinheirais, paratudaís, pirizais e canjiqueirais.

Esqueci alguma?

## Brincando de ser biólogo

Biólogos são os cientistas que estudam a vida. Eles são ótimos observadores e gostam de classificar tudo. Para isso eles usam um método: classificam os animais, as plantas e micróbios por suas diferenças e semelhanças.

Por exemplo: animais que têm penas são aves e os que têm pelos e mamam são mamíferos. Se vivem dentro da água, têm nadadeiras e nunca fecham o olho, são peixes.

Existem os animais de corpo mole, sem pernas, meio gosmentos e que andam beemmm devagar. São os moluscos. Existem moluscos na água também, e alguns têm tentáculos, que lembram braços.

Os répteis são animais de corpo frio, cobertos por escamas, carapaças ou placas dérmicas, como é o caso dos jacarés.

Tem os insetos, que são um grupo enorme: alguns trocam de casca, alguns não voam, outros só vivem na água, mas todos têm, obrigatoriamente, seis patas.

Observe, na região onde você mora, os animais que mais aparecem. Além disso, tente se lembrar de outros que você já viu alguma vez. Analise suas características e então monte um quadro de classificação.

Classificação	Animais que você conhece	Exemplo
Répteis		Cobra
Aves		Beija-flor
Mamíferos		Onça
Peixes		Bagre
Moluscos		Lesma
Insetos		Borboleta

Ah, só para você não se confundir: os seres humanos também são mamíferos, e há moluscos com e sem concha.





## Conservar no presente um bom futuro

Tudo o que é bom e bonito a gente gosta de guardar e cuidar. Aquela cartinha que você recebeu, o brinquedo que o avô deu quando voltou de viagem, uma lembrança de um dia legal na escola ou aquela tarde em que a mãe esqueceu de chamar para entrar e deu para brincar até mais tarde...

Isso faz parte da natureza humana. A coisa mais chata é procurar ou tentar lembrar algo e não conseguir. Eu

## Onde mora o perigo?

Desde que a gente começou essa conversa, uma de minhas preocupações foi sempre saber que você entende mais de Pantanal do que eu, e que se você escrevesse uma cartilha, ela ficaria muito mais legal. Então resolvi colocar sempre a ideia de que, se por um lado o Pantanal é de uma beleza e de uma riqueza incomparáveis, por outro isso tudo sempre está sob ameaça das ações humanas. Por que assim acho que posso contribuir de verdade, mostrando onde mora o perigo.

O que diferencia os homens dos outros animais é a capacidade de criar e usar ferramentas. Foi por isso que chegamos até aqui. E é por isso também que daqui a alguns anos poderemos não estar mais.

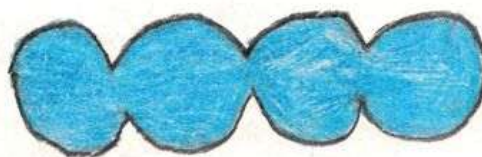
Veja só: sem a invenção da agricultura, do cultivo de alimentos,

seria impossível ter comida para todo mundo, certo? Mas, para produzir tanta comida, nós criamos técnicas de plantio que são perigosas. Começa pelo péssimo hábito de fazer queimadas, que empobrecem o solo e podem se alastrar, criando incêndios incontroláveis. Mas não é só isso! Há uma série de produtos usados na lavoura, chamados agrotóxicos, que servem para matar as pragas, mas que, depois de aplicados, acabam contaminando o solo e a água que nós bebemos. É como se a gente bebesse veneno. Isso é tão ruim quanto aqueles vírus e bactérias presentes na água dos quais falamos antes.

Outro problema tem sido a troca da vegetação natural por outras espécies, trazidas de outros lugares. O capim chamado de braquiária é um bom exemplo. Se ninguém cuidar, ele pode se alastrar pela planície, tomando conta e substituindo a vegetação original dos campos, ou seja, os capins nativos.

Agora, entre os animais, um que é difícil de controlar é o tal do mexilhão-dourado, um molusco que veio de outro continente, que fica do outro lado do mundo: a Ásia. Ele veio nos navios e foi subindo os rios das bacias até chegar aqui. Ele não tem predador natural, ou seja, não serve de alimento para nenhum outro animal. Assim, ele se reproduz sem controle, alterando as relações naturais no meio ambiente e grudando em tudo quanto é casco de barco.

Assim como ele há um outro, o caramujo africano, que algumas pessoas tentaram criar pensando que ele fosse comestível (por mais estranho que pareça, tem gente que come uma espécie de caramujo e adora!). Quando descobriram que estavam errados, soltaram os bichos de qualquer jeito. O problema é que ele transmite doenças e vem se alastrando pela bacia do rio Paraguai.



mesmo morro de saudade da minha infância, de um livro que eu tinha e desapareceu.

Por isso muita gente preserva seus objetos preciosos em caixas e não deixa ninguém ver.

Mas o difícil é convencer as pessoas de que não são só essas coisas que devem ser preservadas, que o lugar onde moramos é o bem mais precioso que alguém pode ter. E eu não estou falando da nossa casa, da vila, da cidade, estou falando do planeta todo. Porque ele é a casa de todos nós.

As ações humanas no Pantanal já devastaram quase metade da região da bacia do Alto Paraguai. E se não pararem já, daqui a quarenta anos (ou

seja, quando você for adulto) não haverá mais nada. Nada mesmo! Porque você já sabe: se hoje desmatam, amanhã o solo não vai dar conta de ficar firme, aí o processo de erosão e assoreamento será incontrolável. Os rios perderão os leitos, o processo de alagamento e descida das águas não vai ocorrer direito, a temperatura vai aumentar, os animais vão sumir e estaremos todos lascados. Vixe! Nem juntando a Anta Bondosa, a Mãe d'água e o Saci vai dar para salvar nossa terra.

Você pode achar que eu estou exagerando, mas já aconteceu algo semelhante antes no Brasil. Há quinhentos anos todo o litoral (região que fica perto do mar) e parte do interior do país eram cobertos por uma floresta chamada Mata Atlântica. Pois bem:

hoje ela quase não existe mais. Desmataram tudo para construir cidades, vender madeira, explorar recursos... é uma tristeza. É como se, a cada cem árvores, só sobrassem cinco.

*Não é à toa que algumas das cidades mais poluídas do Brasil estão onde antes havia a Mata Atlântica.*

Acha que acabou? Que nada. Tem gente que pratica o tráfico de animais silvestres. Eles caçam espécies pantaneiras para vender em outros lugares, ou matam para usar a pele na fabricação de roupas, bolsas e cintos, como é o caso do jacaré, que já comentamos antes, e até da ariranha. Do mesmo jeito, a pesca predatória, aquela feita fora das normas, com redes e até explosivos, continua existindo, apesar da fiscalização.

Por último, há as indústrias, que são poluentes e liberam elementos tóxicos (substâncias venenosas) no ar, no solo e na água. No Pantanal o perigo são as indústrias de mineração e de produção de combustíveis, como álcool e gás natural.

É preciso pensar e escolher: em que mundo queremos viver nos próximos anos? Numa terra preservada e com

muita diversidade ou num planeta cinza, sujo e poluído? Eu escolho o primeiro, e você? Então vamos fazer a nossa parte!

Agora você vai me perguntar: "Mas o que eu posso fazer? Esses problemas são tão grandes!" Bem, cada um faz o que pode. Isso significa assumir responsabilidades: não jogue lixo em qualquer lugar, cuide bem dos animais, não faça cocô perto dos rios (eca!), estude bastante e ensine essas lições para os outros. Dê até mesmo umas dicas para os mais velhos. O conhecimento é a nossa única arma, e ela nunca falha!





## A solução é conservar

Ninguém quer progresso se com ele vier a destruição. Afinal, do que nós queremos lembrar daqui a cinquenta anos? E que história vamos contar para os nossos filhos?

Felizmente, existem pessoas que lutam pela conservação. Uma das ações que eles realizam é criar áreas protegidas, reservas naturais e parques ecológicos estaduais e nacionais. São regiões em que é totalmente proibido desmatar e explorar. É como aquela caixinha de que eu falei. Além delas, também são importantes para a preservação as reservas indígenas.

Na bacia do Alto Paraguai existem, do lado brasileiro, três parques, duas estações ecológicas, duas reservas indígenas, trinta e cinco reservas particulares, quinze parques estaduais e cinco áreas

de preservação. Parece muito, mas essas áreas não chegam nem perto do que é necessário. Comparando, é como se de cada cem metros, apenas dez fossem protegidos.

Na Bolívia existe um parque nacional e áreas de manejo integral, em que se pode caçar e explorar madeiras, mas nunca de modo agressivo, respeitando os limites de preservação.

Outra informação importante é que o Pantanal tem os títulos de Reserva da Biosfera Mundial, de Patrimônio Natural da Humanidade e de Patrimônio Nacional. Patrimônio é o nome "oficial" daquilo que é tão importante que deve ser preservado. Mas o nosso verdadeiro patrimônio é a vida, a nossa e a de quem vier no futuro.

## Cápsula do tempo

Como será o mundo e o lugar em que você vive daqui a dez, vinte, quarenta, cem anos? É impossível saber. Porém é possível guardar as impressões do presente para lembrar quando o futuro chegar. É possível até escrever uma carta para você mesmo ou outras pessoas lerem.

Junte alguns objetos, faça desenhos e escreva textos falando como é a sua vida hoje. Descreva a região em que você vive, fale de seus amigos e de sua família. Fale também de seus desejos, de como você quer estar no futuro.

Pegue tudo, organize e ponha numa caixa. E guarde num lugar bem escondido. Tão escondido que você até esqueça.

Se preferir, e a caixa for de metal, enterre num lugar e faça um mapa para não perder.

Ah, você pode fazer uma cápsula do tempo sozinho ou com seus amigos. O legal mesmo é que essa brincadeira só termina daqui a muito tempo. Escolha uma data para abrir, tipo daqui a cinco anos (ou dez, vinte, sei lá), e no dia marcado, se você não esquecer, abra.

Tenho certeza de que as surpresas e lembranças te deixarão muito feliz.

E não se esqueça: o futuro é a gente que constrói.